

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E O CUIDADO DE SI DE
ALUNOS/KARATECAS: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ
COMO FORMADORES DE SUJEITOS**

ALEXSANDRA ALINE POTULSKI

Francisco Beltrão – PR

2020

ALEXSANDRA ALINE POTULSKI

**OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E O CUIDADO DE SI DE
ALUNOS/KARATECAS: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ
COMO FORMADORES DE SUJEITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Área de concentração: Educação, Linha de pesquisa: Sociedade, Conhecimento e Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Nunes Jacondino

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Potulski, Aleksandra Aline

Os processos de subjetivação e o cuidado de si de alunos/karatecas: a instituição escolar e o dojô como formadores de sujeitos / Aleksandra Aline Potulski; orientador(a), Eduardo Nunes Jacondino, 2020.

117 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

1. Sujeito. 2. Educação. 3. Subjetivação. 4. Cuidado de Si. I. Jacondino, Eduardo Nunes. II. Título.



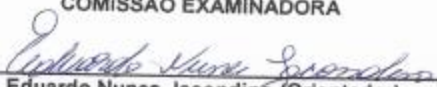
FOLHA DE APROVAÇÃO

ALEXSANDRA ALINE POTULSKI

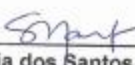
TÍTULO DO TRABALHO: OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E O CUIDADO DE SI DE ALUNOS/CARATECAS: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJEITOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa 02: Sociedade, Conhecimento e Educação, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

COMISSÃO EXAMINADORA



Eduardo Nunes Jacondino (Orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Sônia Maria dos Santos Marques
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Emerson Martins
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Francisco Beltrão, 28 de maio de 2020

Dedico esse trabalho àquelas pessoas que buscam ser melhores a cada dia, que sabem que cuidar dos outros, da sociedade e dos animais é condição necessária para cuidar de si. E, ainda, porém não menos importante, dedico esse trabalho aos profissionais da educação de nosso país, que estes saibam cuidar de si, antes mesmo de cuidar dos outros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que estiveram comigo durante a trajetória desse caminho e que afagaram, de alguma forma, todas as minhas inquietações e angústias. A elas, meu carinho e amor incondicional.

Agradeço, em especial, meu orientador Prof. Dr. Eduardo Nunes Jacondino a quem não tenho palavras para descrever tamanha admiração e carinho. Chegamos a uma parada no percurso, mas estamos longe do fim, e agradeço, enormemente, por incitar-me a ser mais.

Agradeço aos professores da UFFS que foram os maiores incentivadores do caminho da pesquisa e aos professores do programa de mestrado da UNIOESTE, que contribuíram com conhecimentos e formas de ser-professor que serviram de exemplo na minha formação.

Agradeço à secretaria do programa, em especial a Zelinda, por todo amparo técnico e por sempre estar disposta a esclarecer nossas dúvidas sobre as questões documentais e/ou quaisquer outras que surgiam.

Por fim, agradeço à Capes pelo auxílio econômico recebido, e reforço a importância de ajuda financeira aos alunos que buscam a especialização, que optam pelo caminho dos estudos, da pesquisa.

POTULSKI, Alexsandra A. OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E O CUIDADO DE SI DE ALUNOS/KARATECAS: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJEITOS. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado, , Francisco Beltrão, 2020.

Por meio do presente trabalho analisamos as práticas de cuidado de si desenvolvidas por sujeitos que deram início à prática da arte marcial Karatê nas oficinas desenvolvidas nas escolas de tempo integral, do município de Francisco Beltrão, e que deram continuidade à arte no espaço do dojô (academia). Para isso, acompanhamos as práticas de aula de Karatê desenvolvidas na escola municipal Recanto Feliz, instituição localizada no município de Francisco Beltrão – PR. A escolha da instituição foi feita em decorrência do fato de ela ter sido uma das primeiras a adotar o regime de tempo integral; além disso, esta escola mantinha a prática da arte marcial Karatê, no seu cotidiano, há aproximadamente 22 anos. Acompanhamos esses sujeitos karatecas também no espaço do dojô, um local próprio para a prática da arte marcial Karatê, localizado no mesmo município. Ambas as instituições possuem as atividades de Karatê realizadas pelo mesmo Sensei – professor de arte marcial. O trabalho evidenciou as contribuições que a prática da arte marcial Karatê propicia no contexto da organização efetuada pelas instituições escolares, de tempo integral; notadamente no que se refere à busca pelo desenvolvimento de aspectos educacionais que vão para além dos conhecimentos advindos das disciplinas regulares, tradicionalmente ministradas. Estes aspectos são ancorados no desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que – assim entendido institucionalmente – contribuam poderosamente para uma formação humana mais abrangente, calcada no desenvolvimento da autodisciplina, do autorrespeito; bem como, por consequência, no desenvolvimento da disciplina e do respeito no trato com os demais. A pesquisa foi embasada na metodologia pós-estruturalista, com contribuições teóricas desenvolvidas por Michel Foucault, a partir de conceitos como o de cuidado de si, poder e disciplina. A filosofia da diferença, desenvolvida por Friedrich Nietzsche também foi levada em consideração nos estudos. A pesquisa empregou como método o estudo de caso e como técnicas de pesquisa a observação não participante das aulas de Karatê realizadas na escola de tempo integral, a observação-participante nas aulas de Karatê realizadas no dojô; bem como entrevistas com sujeitos karatecas que iniciaram a prática da arte marcial na escola de tempo integral e prosseguiram no espaço do dojô. Também entrevistamos um sujeito karateca portador de deficiência visual e uma karateca mulher mãe de outra karateca. As entrevistas realizadas com os sujeitos karatecas que acompanhamos trouxeram reflexões acerca de suas caminhadas existenciais/marciais, de modo a confeccionarmos um material acerca da questão do cuidado de si.

Palavras-chave: Sujeito. Educação. Subjetivação. Arte Marcial. Cuidado de Si.

POTULSKI, Alexsandra A. THE SUBJECTIVATION PROCESSES AND THE CARE OF THE SELF OF STUDENTS/KARATEKAS: THE SCHOOL INSTITUTION AND THE DOJO AS FORMERS OF SUBJECTS. 2020. 117 f. Dissertation (Master's) - Graduate Program in Education - Master's Degree, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020.

Through this work, we analyzed the care of the self practices developed by subjects that started the practice of Karate martial art in the workshops performed in full-time schools of Francisco Beltrão and who kepted to practice the art in the dojo space (gym). For this, we accompany the Karate class practices developed at the municipal school Recanto Feliz, an institution located in the city of Francisco Beltrão - PR. The choice of the institution was made due to the fact that it was one of the first to adopt a full-time regime; in addition, this school has been keeping Karate martial art in his activities for approximately 22 years. We also accompany these karatekas on the dojo space, a dedicated place for practicing Karate martial art, located in the same municipality. Both institutions have karate activities carried out by the same Sensei - martial art teacher. The work showed the contributions that the practice of martial art Karatê provides in the context of the organization carried out by full time school institutions; notably with regard to the search of the development of educational aspects that go beyond the knowledge of regular disciplines, traditionally taught. These aspects are anchored in the development of skills, attitudes and values that - as was understood institutionally - contribute powerfully to a more wide human formation, embed in the development of self-discipline, self-respect; as well as, consequently, a development of the discipline and respect in the treatment with the others. The research was based on the post-structuralist methodology, with theoretical contributions developed by Michel Foucault, based on concepts such as the care of the self, power and discipline. The philosophy of difference, developed by Friedrich Nietzsche, was also considered in the studies. The research used as a method the case study and as research techniques the non-participant observation of the Karate classes held in the full-time school, the participant observation in the Karate classes held in the dojo; as well as interviews with karatekas individuals who started in the full-time school the martial art practice and proceed to the dojo space. We also interviewed a visually impaired subject and a woman karateka mother of another female karateka. The interviews conducted with the karatekas individuals that we accompany brought reflexive problems on their existential/martial evolution, in order to prepare material about the issue of the care of the self.

Keywords: Subject. Education. Subjectivation. Martial arts. Care of the Self.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	19
INSTITUIÇÕES SOCIAIS (ESCOLA E DOJÔ), CUIDADO DE SI E KARATÊ: CONCEITUAÇÕES	19
1.1 Instituições sociais e fabricação de sujeitos: a escola em tempo integral e o dojô... 19	
1.2 As artes marciais e o Karatê.....	25
1.3 O Cuidado de Si	30
CAPITULO II	41
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	41
2.1 O pós-estruturalismo enquanto caminho teórico-metodológico.....	41
2.2 O estudo de caso	45
2.3 Procedimentos para coleta de dados	46
CAPÍTULO III	50
A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJEITOS	50
3.1 Caracterização da escola e do dojô	50
3.2 As observações efetuadas na escola em tempo integral Recanto Feliz.....	54
3.3 As observações feitas no Dojô (academia)	61
3.4 As entrevistas	66
3.4.1 Entrevista com “Naomi”	66
3.4.2 Entrevista com “Neji”	68
3.4.3 Entrevista com “Sakura”	72
3.4.4 Entrevista com “Hinata”	74
3.4.5 Entrevista com “Minato”	77
3.4.6 Entrevista com “Mayumi” e “Arata”	79
3.4.7 Entrevista com “Yumi”	80
3.4.8 Entrevista com “Itsuki”	84
3.4.9 Entrevista com “Asuma”	85
3.5 Aprofundando análises acerca do cuidado de si e do karatê:	87
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	109
APÊNDICES	113

Sempre se é, de certo modo, governante e governado.

Michel Foucault

INTRODUÇÃO

A questão da educação escolarizada, formal, no que se refere à transmissão dos conhecimentos tradicionais – Língua Portuguesa, Matemática, etc - tem sido vista como um ponto fundamental de debate que ronda a área da educação. As possibilidades e os limites que percorrem os ambientes escolares, bem como as práticas pedagógicas e institucionais desencadeadas nestes espaços permitem, a um certo ponto, questionar os processos educativos usualmente utilizados; bem como, os que se desenvolvem em outros espaços. O que concorre para que seja ampliado o conceito de educação e ou de formação humana¹. Tema retratado nesta dissertação, por meio do conceito de cuidado de si. Retirado da obra do filósofo Michel Foucault².

Pensar, de forma crítica, a educação e ou a questão da formação humana foi o que fez o filósofo Michel Foucault. Autor que adentrou o campo educacional brasileiro, por meio de seu pensamento – notadamente a partir da obra *Vigiar e Punir* (1975) - , que desencadeia análises das instituições escolares, utilizando conceitos como os de regimes disciplinares, poderes e saberes institucionais. Nessa obra, Michel Foucault traça estudos sobre o nascimento das instituições sociais modernas e dos processos de disciplinamento dos corpos/comportamentos ocorridos a partir do século XVIII, no ocidente, com o nascimento das prisões.

Dentre as instituições sociais apontadas por Foucault, a escola aparece como uma das máquinas modernas (instituição de sequestro) voltada a fabricar, ao mesmo tempo, corpos

¹ Entendemos formação humana como um conjunto de saberes que possibilitam ao sujeito adotar novos modos de vida e ou que potencializam suas práticas, éticas-políticas-sociais, abarcando saberes ditos curriculares/escolares, mas não se reduzindo a estes. Ver em: SILVA, 2012.

² O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) se formou em filosofia e psicologia. Teve influência direta de Jean Hyppolite e Louis Althusser e indiretamente das ideias de Friedrich Nietzsche. Lecionou na Universidade de Túnis na Tunísia e em 1970 foi admitido no College de France para a cátedra História dos sistemas do Pensamento, onde permaneceu até o ano de sua morte. Sua principal contribuição para a área de ciências humanas foi sua teorização do poder e do saber, voltadas ao estudo das instituições sociais, dentre elas a escola.

dóceis e produtivos, por meio da utilização de saberes e de poderes que são articulados e postos em ação, atuando na produção de certos tipos de sujeito, requeridos. Sujeitos requeridos pelo contexto histórico e social historicamente em voga.

A utilização das obras e do olhar foucaultiano, no Brasil – notadamente na área da educação – passa a ser feita na década de 1980. Envolve o regime militar. Diante deste quadro conceitos como o de poder se tornam centrais nas análises educacionais que começam a ser efetivadas. Em um primeiro momento, por conta do próprio regime militar, que atua politicamente nas instituições escolares; em um segundo momento, por conta da abertura democrática, relacionada a um cenário, agora, demarcado pela perda paulatina da autoridade dos professores, no âmbito escolar; bem como, das demais figuras de autoridade: pais, agentes da segurança pública, políticos, religiosos, etc. Fato que ocorreu e ou que vem ocorrendo, por vezes, porque algumas destas figuras de autoridade atuaram de forma autoritária, contrariando o exercício legítimo de sua autoridade³. Ou, por outro lado, pelo fato de alguns destes indivíduos – ao contrário do exemplo anterior - entenderem que qualquer forma de exercício de autoridade é, na verdade, uma prática autoritária. O que teria concorrido e que concorre para que as ações efetivadas por estes não viessem, não venham acompanhadas do desejo de influenciarem – efetivamente -, do ponto de vista do uso explícito de sua autoridade, o comportamento dos demais indivíduos com os quais entraram/entram em contato, institucionalmente.

De todo modo, a obra foucaultiana contribuiu e vem contribuindo para que se efetivem olhares – acadêmicos – sobre as esferas microestruturais de poder. Tais como uma escola, um ambiente social/institucional específico. Isto porque passa-se a compreender que o poder não está localizado somente nas esferas macroestruturais: políticas, econômicas, jurídicas. No Estado ou nas grandes corporações econômicas, por exemplo. O poder, ou melhor, as relações de poder encontram-se presentes nas esferas microestruturais, nas relações que permeiam a vida dos indivíduos, como a que caracteriza a relação que se estabelece entre um professor e seus alunos. Essas relações de poder – que vêm acompanhadas por formas de saber institucionalizados – são, igualmente, permeadas por vários processos de resistência. Processos que geram, quando não entendidos e ou tratados de forma coerente, conflitos e formas de violência.

Ainda sobre Foucault – autor importante para esta dissertação -, cabe afirmar que, de

³ Porque autoridade é diferente de autoritarismo.

uma maneira geral, sua produção teórica geralmente é dividida em três fases. A primeira é a chamada fase arqueológica, que se preocupa com a produção dos saberes; a segunda é a fase genealógica, que perpassa os regimes disciplinares e as formas institucionais de uso do poder – fase acompanhada da obra *Vigiar e Punir*; já a terceira e última fase é a da ética, ou a dos chamados processos de subjetivação – cuidado de si - em que o autor recorre aos gregos para “traçar a genealogia da ética ocidental, investigando como se dá a relação de cada um consigo próprio” (VEIGA-NETTO, 2016, p.79). Nessa última fase Foucault investiga o sujeito⁴ enquanto um sujeito ético e de desejo, que constitui a si mesmo, tomado pela relação que estabelece consigo mesmo e com os outros.

Dentre as principais produções da última fase, que formam o escopo conceitual da presente dissertação, destaca-se o curso proferido no Collège de France entre os anos de 1981 e 1982. Que redundou na publicação do livro: *A Hermenêutica do Sujeito*, em que Foucault retrata de que modo a noção grega *Epimelía heautoû* (Cuidado de Si) foi ofuscada, com o tempo, pela noção délfica *Gnôthi Seautón* (conhece-te a ti mesmo). Uma das perguntas colocadas pelo autor é: Como chegamos a ser o que somos hoje? Diante desta questão Foucault aponta o “momento cartesiano” como o principal responsável pelo esquecimento do cuidado de si, pois à medida que a racionalidade tomou como objeto de conhecimento algo sempre externo ao sujeito, o conhecimento do indivíduo sobre ele mesmo deixou de ser praticado, ou ao menos, deixou de ser importante. Adentramos na idade moderna, para Foucault, a partir do momento em que admitimos que o que dá acesso à verdade é o conhecimento racional, e somente ele. E não as formas de exercício físico-mental anteriormente praticadas.

Para elucidar tais afirmações Foucault separa três momentos do cuidado de si, segundo ele presentes na história ocidental: o primeiro momento, socrático e platônico, onde nasce a epimelía, por meio do diálogo entre Sócrates e Alcebiades. O segundo momento, que o autor chama de idade de ouro da cultura de si, e do cuidado de si, situados nos dois primeiros séculos da nossa era; e, por fim, o momento caracterizado pela passagem aos séculos IV e V, onde a ascese filosófica pagã passa a ser substituída pelo ascetismo cristão.

De maneira geral, a ética do cuidado de si consiste em um conjunto regras e normas que o sujeito dá a si mesmo, e que promovem uma forma ou um certo estilo de vida, voltado

⁴ Para Foucault não há um sujeito à priori, portador de uma essência universal, desde-sempre-aí. O sujeito é fabricado, produzido. Sujeitado. Por isso, sujeito. Seja por saberes, seja por formas institucionais de poder, seja pela relação que estabelece consigo mesmo.

a culminar em uma “estética da existência”⁵. Uma estilização do eu que sempre passa pela relação com o outro e que é, por isso mesmo, sempre um processo relacional e transversal. Esse processo de cuidado de si, que culmina numa estética da existência, no tornar a vida como uma obra de arte é um retorno a si que corresponde a uma mudança ou transformação na subjetividade do sujeito, nos modos de ser e agir adotados por este. Processo que surge com os gregos e que vai se enfraquecendo com o passar dos séculos..

A sociedade moderna, mais precisamente ancorada nas ciências do homem e nos saberes médicos – do ponto de vista do conhecimento de si, passível de ser consolidado pelos indivíduos –, se inicia justamente com o “momento cartesiano”, que dá ênfase para a razão e para a ciência. Não mais para as práticas de si, tal qual os gregos faziam.

A modernidade, conforme autores como o sociólogo, pós-estruturalista, Zigmunt Bauman (1998) vão afirmar é um período histórico caracterizado pelo estabelecimento de relações sociais, sólidas⁶, ancoradas na influência advinda das tradições e das instituições religiosas, mas também nas formas administrativas de ordenamento institucional, centradas no uso – cada vez mais intenso - da ciência e da tecnologia. Um tempo caracterizado pelo fato das pessoas adotarem papéis sociais, em grande media, pré-definidos. Que fazia, por exemplo, com que as mulheres devessem se ocupar com os cuidados dos filhos, do lar. Já os homens eram instruídos a buscarem espaço na esfera pública, no mundo do trabalho, de modo a garantirem o sustento de suas famílias.

No entanto, fenômenos como os que ocorrem no século XX trouxeram novas formas de se olhar para o mundo e para as relações sociais, por parte dos indivíduos. A ocorrência das duas guerras mundiais – a de 1914 a 1918 e a de 1941 a 1945 - ; a ascensão de regimes totalitários – nazismo, fascismo, stalinismo, maoísmo - ; a queda do muro de Berlim e a desestruturação da URSS – ocorridas, respectivamente, em 1989 e 1991- ; o crescimento do movimento pelos direitos civis, políticos e sociais nos EUA – inicializado com a questão racial mas que se espalha para a questão salarial, a questão da moradia, o fim da guerra no Vietnã, etc - ; a revolução dos costumes, que do ponto de vista da sexualidade, e da própria composição familiar, sofre enormes mudanças ao vir acompanhada da descoberta e do uso da pílula contraceptiva consolidaram, por volta de 1980, o que passou a ser chamado de

⁵ Movimento em que o homem se volta reflexivamente para si, alcança momentos de liberdade e resistência e dita a si mesmo regras e normas de existência e/ou conduta distintas dos padrões estabelecidos pelas relações sociais. Esculpindo como uma obra de arte a sua vida e subjetividade.

⁶ Ver: Bauman (1998).

período pós-moderno, de pós-modernidade e ou de modernidade líquida.

Período que se caracteriza, ainda de acordo com Bauman (1998), como um momento que passa a dar ensejo para posturas, individuais, calcadas na busca da liberdade e da felicidade pessoal – fruto das decepções diante das promessas e metanarrativas advindas da modernidade, quais sejam, a de consolidarmos um mundo calcado na justiça, na igualdade e na fraternidade. Daí a pós-modernidade ser um período que dá vazão a valores e padrões de comportamento “líquidos”, diferentemente da solidez, ou seja, dos padrões mais fixos, de comportamento, presentes na modernidade.

Na medida em que foram deixadas de lado as grandes utopias propagandeadas pela modernidade, calcadas em projetos macroestruturais, ampliou-se a busca pela realização pessoal, individual, momentânea. Na mesma direção, conforme aponta Bauman, as relações – mesmo as amorosas - passaram a se dar de maneira mais trivial, passageira. Além disso, devido ao aumento da sensação de estresse e da ansiedade⁷ houve um aumento do consumo, visto como uma prática capaz de acalmar esta ansiedade, oriunda das novas exigências sociais. Tais como as que se colocam por sobre as mulheres. Mulheres que, se hoje, de certa forma são mais empoderadas – por conta de suas lutas –, vivenciam, por outro lado, o aumento da sua jornada de trabalho ou de suas formas de ocupação, suas responsabilidades. O que perfaz formas de esgotamento nada desprezíveis.

As incertezas, as instabilidades emocionais, as incapacidades de se lidar com as frustrações e as relações cada vez mais diluídas – competitivas, instáveis, etc - contribuíram, segundo Bauman, para o aumento do consumo na pós-modernidade. Como afirmamos, como tentativa que se obter alguma forma de satisfação, felicidade e realização, mesmo que de forma momentânea.

Mas o que este processo tem a ver com a questão do cuidado de si? Com a questão da formação humana? Tem a ver com o fato de que as transformações que vêm ocorrendo nas sociedades são sentidas nas mais diversas instituições sociais, que formam estas sociedades. Dentre elas, as escolas. A questão do período de tempo integral, a ser efetivado pelas escolas, começou a ser discutido diante das novas demandas sociais/institucionais que

⁷ De acordo com relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2017 o número de pessoas com depressão aumentou 18% (322 milhões de pessoas) entre 2005 e 2015. No Brasil a depressão atinge 5,8% da população (cerca de 11,5 milhões de pessoas), enquanto que distúrbios de ansiedade afetam 9,3% (18,6 milhões de brasileiros). Informações obtidas em: <https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>.

as mudanças sociais passaram a produzir. Abrindo espaços para novas práticas/modalidades – tais como o Karatê⁸, objeto de pesquisa desta dissertação. A escola em tempo integral parece ter aberto espaço para a prática de modalidades como Karatê, que possibilita ao sujeito – aluno - trabalhar com o corpo, com a liberação de emoções e dos sentimentos. Além disso, o Karatê – por desencadear uma forma de trabalho ético, feito pelo praticante – parece realçar as consequências das escolhas feitas por cada indivíduo, contribuindo para a efetivação do cuidado direcionado para si, ou seja, para o próprio participante; mas também direcionado para os demais praticantes. Fomentando a busca por ser, o aluno praticante, um ser humano cada vez melhor.

Construção de sujeitos – praticantes de Karatê – envolta por relações de poder-saber que podem parecer, num primeiro momento, não apresentar muita importância e não merecerem destaque, no que se refere ao potencial enquanto ferramenta de formação humana, escolar; mas que permeia a vida de muitos sujeitos e que influencia, de algum modo, nas escolhas que estes possam vir a fazer, na vida – na direção de si e na direção dos outros - independentemente de suas condições sociais.

Pontos que aparecem na realidade de escolas que adotam o tempo integral e que nos fazem pensar que a escola deve, sim, se preocupar em educar os indivíduos para além do seu aspecto cognitivo/racional. Feito tradicionalmente por meio das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, etc. Sobretudo a escola em tempo integral, que dispõe de tempo maior de trabalho a ser dispendido com seus alunos. Sujeitos, como vimos, dispostos hoje diante de muitas demandas, estresse, angústias, incertezas, medos, ansiedade. Diante desta questão entendemos como relevante pesquisarmos ambientes educacionais, formais – uma escola em tempo integral -, bem como um ambiente voltado à prática do Karatê – um dojô de Karatê - de modo a buscarmos compreender de que modo esta modalidade contribui para o desenvolvimento do cuidado de si, advindo dos alunos – tanto de uma escola formal – bem como de um dojô de karatê. A prática desta modalidade contribui, de algum modo, para o melhor convívio de si para si mesmo, por parte de seus praticantes? Contribui para estabelecer formas mais apropriadas, saudáveis, de regulação da própria vida? Contribui para que o sujeito desenvolva formas de lidar, de forma mais equilibrada, com os demais? De que modo o karatê subjetiva o praticante? Forma este sujeito?

⁸ Arte marcial advinda do oriente e que têm servido, no ocidente – dentre outras coisas – como forma de cuidado de si, a ser efetivados por seus praticantes. Alunos das redes de ensino municipais, estaduais, etc.

Além destes pontos, consideramos importante retratarmos a experiência que adquirimos, por meio da efetivação do estágio remunerado⁹, realizado durante a graduação no Curso e Letras, em uma escola de tempo integral que ofertava aulas do 1º ao 5º ano. Esta experiência possibilitou que observássemos a realidade escolar - ainda precária - disposta a alunos de baixa renda. Verificamos que embora a educação em tempo integral estivesse sendo garantida, naquela escola, esta não era feita por meio de uma estrutura adequada, portadora de materiais e de pessoal capacitado a comandar as oficinas, realizadas no contraturno escolar. Esta experiência nos fez pensar muito a respeito da necessária formação, por parte daqueles que vão às escolas, contribuir com a formação das crianças. Nos fez pensar, além disso, sobre o impacto de estas atividades exercem na vida dos alunos.

Outra fonte de experiência foi a advinda dos relatos do próprio orientador do Mestrado, realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - que é praticante de artes marciais há 36 anos e alguém que parece compreender, de maneira íntima, a relação que se estabelece entre artes marciais e sujeitos praticantes; bem como, sobre a questão do cuidado de si, a partir de uma perspectiva foucaultiana.

De modo a nos situarmos diante do tema: educação em tempo integral e sua relação para com a prática de artes marciais, efetuamos levantamento em banco de dados das Universidades Paranaenses, relacionados aos Programas de Pós-graduação – em Educação – destas Universidades. Por meio do Catálogo de Teses da Capes¹⁰, localizamos alguns trabalhos que dialogaram, de alguma maneira, com nosso tema de pesquisa:

UFPR: a concepção de aprendizagem, o encaminhamento metodológico e a prática pedagógica na escola em tempo integral – Maria do Carmo Souza Neto Schellin – 2015.

UFPR: as práticas de cultura corporal na escola: entre os significados e a obtenção do capital corporal na disciplina de educação física – Daniele Andrea Janowski – 2016.

UNIOESTE: Experiências de educação em tempo integral no Brasil e no município de Francisco Beltrão-PR: qual formação integral – Kathiane Ficanha – 2015.

UEM: Educação física e a educação de tempo integral no Brasil – Juliana Pizani – 2016.

⁹ O estágio remunerado foi realizado nos anos de 2012 e 2013, mediante contrato com a prefeitura de Realeza – PR - para trabalharmos no período do contraturno escolar, nas escolas de tempo de integral daquele município.

¹⁰ Informações obtidas em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>.

Problematizar os processos de subjetivação¹¹ ocorridos com sujeitos que praticam a arte marcial Karatê, no espaço do dojô escolhido, e na escola em tempo integral escolhida para a pesquisa, constituíram – para nós - uma importante ferramenta para se pensar as possibilidades que a educação formal apresenta, diante do mundo contemporâneo, e que vão para além da transmissão dos conteúdos tradicionais. As práticas de cuidado de si que o ensino da arte marcial Karatê possibilitou aos sujeitos dispostos diante desta modalidade nos fez constatar que as escolas precisam avançar, sim, na direção da aquisição de outros saberes e na efetivação de outras práticas. É preciso que estas abracem uma ideia de formação humana ancorada em saberes que contribuam para a aquisição, quiçá, de outros modos de vida. Que superem formas de sofrimento, de agir ambadas na violência, na ansiedade – tratada, esta última, normalmente apenas por meio de critérios advindos da medicina e ancorados na medicamentação. Escola que possibilite aos sujeitos escolarizados adquirirem formas – como dissemos, quem sabe, outras – de serem e estarem no mundo.

À vista disso, a pesquisa efetuada por meio desta dissertação foi feita a partir da tentativa de, em primeiro lugar, desenvolvermos um viés metodológico advindo do pós- estruturalismo¹², por este enfatizar a importância das análises microestruturais, das relações de poder cotidianas. Por pensar o sujeito discursivamente constituído e imerso em práticas normatizadoras, que o subjetivam. Por não ver, por outro lado, o indivíduo como mero fruto das dominações e das coerções externas. Mas como alguém que pode constituir a si mesmo, por meio de práticas de si.

Encaramos o pós-estruturalismo não com o objetivo de descaracterizar outras perspectivas teórico-metodológicas, mas como forma de contribuímos para ampliar o debate sobre a educação e a formação do sujeito – por meio da questão do cuidado de si. No caso desta dissertação, o que foi feito a partir de dois estudos de caso, que buscaram compreender os efeitos das práticas do cuidado de si desenvolvidas por alunos/karatecas na instituição escolar em tempo integral, Recanto Feliz, localizada no Município de Francisco Beltrão; e em um dojô de karatê, também localizado na cidade de Francisco Beltrão.

¹¹ “A subjetivação é a produção dos modos de existência ou estilos de vida” (DELEUZE, 2006, p. 142).

¹² Movimento de pensamento que inicia na França, no início dos anos 60, com forte influência de dois filósofos alemães: Nietzsche e Heidegger. Surge parte em resposta ao estruturalismo, apontando para o fato de que não há uma verdade universal, e sim construções discursivas, de acordo com cada contexto histórico. Abandonando as metanarrativas e as grandes utopias, tal perspectiva busca a análise microestrutural da sociedade. Outra maneira de pensar o sujeito e suas relações. Tem como principais representantes Michel Foucault, Giles Deleuze, Jean François Lyotard, Jacques Derrida, Félix Guattari e outros.

Dessa forma, o problema de pesquisa foi pensado da seguinte forma: De que modo a prática da arte marcial Karatê contribui para a constituição/fabricação dos sujeitos, karatecas, no sentido do cuidado de si, seja em uma escola de tempo integral ou em um dojô?

Como desdobramento, elencamos, enquanto objetivo geral: Analisar as práticas de cuidado de si desencadeadas por meio da arte marcial Karatê, em uma escola de tempo integral e em um dojô localizado na cidade de Francisco Beltrão.

Os objetivos específicos foram consolidados como segue:

Apresentar a compreensão Foucaultiana do “Cuidado de Si”. Tema desenvolvido na terceira e última fase de sua obra, quando aborda os “Processos de Subjetivação” ou o tema da formação de si.

Desenvolver a pesquisa por meio de um olhar amparado na perspectiva pós-estruturalista.

Compreender os processos de subjetivação, no tocante ao cuidado de si, desencadeados pelos praticantes da arte marcial Karatê, em uma escola de tempo integral e em um dojô localizado na cidade de Francisco Beltrão

Tais questões foram tratadas a partir do método de estudo de caso e por meio de ferramentas como observação (participante e não-participante) e efetivação de entrevistas semiestruturadas.

É motivo de inspiração saber que até os mestres têm mestres, e que todos somos aprendizes. Joe Hyams

CAPÍTULO I

INSTITUIÇÕES SOCIAIS (ESCOLA E DOJÔ), CUIDADO DE SI E KARATÊ: CONCEITUAÇÕES

1.1 Instituições sociais e fabricação de sujeitos: a escola em tempo integral e o dojô

A partir de autores como Foucault (2004) foi possível compreender a escola como uma eficiente instituição de sequestro¹³, que desenvolve mecanismos de poder sobre os corpos dos indivíduos, a fim de “disciplinar”, “fabricar” esses mesmos indivíduos, engendrando novas subjetividades, ou seja, novas formas de ser e se comportar. A escola, sob este ponto de vista - desde a modernidade - passa a agir como uma máquina eficiente, capaz de fazer dos corpos/comportamentos o objeto do poder disciplinar, ao tornar estes corpos produtivos¹⁴ e dóceis¹⁵.

Cabe enfatizar que a disciplina escolar, observada por Foucault, objetiva fabricar corpos maleáveis e moldáveis. Sem, no entanto, utilizar-se da violência para alcançar este objetivo. Isto porque, conforme aponta Veiga-Neto (2016): “o que é notável no poder disciplinar é que ele ‘atua’ ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo – no eixo corporal -, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar – no eixo dos saberes” (p. 71). Neste sentido, a disciplina tende a ser vista não só como algo necessário, mas também necessariamente “natural”, pois é a partir dela que se permite ter uma vida em sociedade, mediante uma convivência organizada. Pois bem, autores como Foucault buscaram, justamente, estudar esta aparente ‘naturalidade’ advinda das práticas disciplinares.

Deste modo, mostrou-nos que

As inúmeras práticas que acontecem no ambiente escolar são como técnicas que combinam e dão origem a uma verdadeira tecnologia, cujo

¹³ Em termos Foucaultianos, se refere às instituições sociais como a escola, a prisão, o hospital, as fábricas, que objetivam disciplinar os corpos, tornando-os produtivos e dóceis (governáveis, sem que se precise utilizar a violência como instrumento).

¹⁴ A partir da aquisição de certas habilidades, disposições.

¹⁵ O que não significa, para Michel Foucault, ausência de capacidade ‘por parte do indivíduo – no sentido de poder se colocar nas relações das quais participa.

fim é tanto alcançar os corpos em suas ínfimas materialidades quanto imprimir-lhes o mais permanentemente possível determinadas disposições sociais” (VEIGA-NETO, 2006, p. 70).

Neste sentido, as instituições escolares, como as demais instituições modernas, são àquelas que passam a exercer, inevitavelmente, influências sobre o comportamento dos indivíduos. Por meio de tecnologias sociais, disciplinares, que buscam subjetivar, construir, moldar o comportamento destes, em direção a determinado padrão esperado.

Tendo em vista que, para Foucault, é por intermédio do corpo que se fabrica a alma (a consciência), é possível constatar que essas práticas, que ocorrem no interior das instituições (dentre elas as escolas), se aplicam aos domínios físicos e morais/comportamentais dos indivíduos subjetivados. Construídos. Formados.

Nessas relações entre corpo e poder, existentes nas relações sociais, segundo Foucault, “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (1999, p. 29). Nesse sentido, os sujeitos são moldados pelas instituições sociais, dentre elas as escolares, uma vez que estas buscam alcançar o domínio dos corpos a fim de disciplinar o comportamento de cada indivíduo.

Cabe salientar que se toda relação social é uma relação de poder, como dizia Foucault, não é possível escapar do poder. Notadamente do poder institucional/disciplinar. Mas para Foucault, ainda, não existe apenas uma forma de exercício do poder. Os processos de fabricação dos sujeitos podem se dar a partir do que autores como Veiga-Neto (2016) nos ajudaram a entender, ou seja, a partir de três maneiras. Por meio das quais instituem-se processos de produção de determinados tipos de sujeitos.

Essas maneiras de produzir sujeitos, para Foucault, são formas de objetivação. A primeira dar-se-ia por intermédio de campos de saber (formas de conhecimento que se debruçam por sobre os indivíduos, atuando sobre eles). A segunda dar-se-ia por intermédio de práticas disciplinares, de poder institucional, que tendem a dividir e classificar os sujeitos (o são e o louco, o cidadão de bem e o criminoso, etc). A terceira dar-se-ia por meio de um processo por meio do qual o próprio indivíduo exerce um poder, formas de reflexão e de ação, sobre si mesmo. Deste modo, ainda segundo Veiga Neto (2016, p. 111), “nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias - pelos modos de transformação que os outros aplicam sobre nós - e pelas que nós aplicamos sobre nós mesmos”.

Dito de outro modo, os processos de objetivação são compreendidos como a maneira pela qual o sujeito pôde se tornar um objeto para o conhecimento e para as

práticas/estratégias institucionais, e o processo de subjetivação é maneira pela qual o sujeito compreende a si mesmo dentro da relação sujeito-objeto. Esses dois processos são complementares e se relacionam a partir do que Foucault chamou de jogos de verdade. Que consistem nas maneiras pelas quais um discurso pode ou não se tornar verdadeiro, de acordo com as circunstâncias em que é dito. Fato que pode ser observado, ainda com Foucault, a partir do surgimento das Ciências Humanas (no século XIX), quando nos deparamos com práticas discursivas que colocam o sujeito – o Homem - como objeto do conhecimento; e ao mesmo tempo, como detentor deste conhecimento.

Nesse sentido, o sujeito para Foucault é constituído, em grande medida, discursivamente, conforme apontou – já no século XIX - o filósofo Nietzsche. Autor que consolida uma forma de pensamento que descreve o sujeito, segundo Michel Peters (2000, p. 33) “em toda a sua complexidade histórica e cultural - um sujeito descentrado e dependente do sistema linguístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais”.

O sujeito, outra vez sob o olhar de Nietzsche, é visto, em termos concretos

como corporificado e generificado, um ser temporal que chega, fisiologicamente falando, à vida e enfrenta a morte e a extinção como corpo, mas que é, entretanto, infinitamente maleável e flexível, estando submetido às práticas e às estratégias de normalização e individualização que caracterizam as instituições modernas. (PETERS, 2000. p. 33).

O sujeito moderno é visto, então, sob o olhar pós-estruturalista como constituído por meio das relações de saber/poder que o envolvem – modeladas por práticas discursivas - diante das quais àquelas estão inseridas. Por esse motivo, a preocupação de autores como Foucault, ao estudarem instituições sociais tais como os presídios e as escolas, centra-se no fato de que são nestas instituições que os sujeitos passam, cada vez mais, longos anos da vida.

Todavia, ainda em Foucault, conforme ressalta Martins (2017, p. 207) as relações pessoais/institucionais que subsistem nas instituições – desde a modernidade -, e que são perpassadas por poderes/saberes, ocorrem “na ordem do discurso e do governo, e é neste sentido que se pode pensar em territórios de resistência e de exercícios de liberdade”. Ou seja, poder – em Foucault – não é unicamente processo de dominação, de exploração, de diminuição das capacidades dos indivíduos e ou dos grupos sociais. Ao contrário, a análise do poder que Foucault desenvolve aponta para relações de poder, mais precisamente, enquanto processos de estimulação, de produção de sujeitos. Notadamente

a partir da relação que os indivíduos podem estabelecer consigo mesmos, via práticas de si. Práticas estas, no entanto, que podem ser possibilitadas – mediadas – por meio de instituições como as escolares e, mesmo, em um dojô de Karatê.

Quando pensamos em processos educativos – escolares e não escolares - como o que pode ser encontrado em um dojô de Karatê¹⁶ pensamos em formas de experiência de si e em maneiras utilizadas, por certos indivíduos, na direção de tornarem-se sujeitos - de um modo particular -, mediados por certos processos de subjetivação. Processos que podem adotar formas distintas, para os distintos sujeitos envolvidos em suas práticas; mas que tendem a proporcionar formas de produção de si que são guiadas por certas premissas.

Pontos que se ligam ao tema do poder. Poder, insistimos, que para Foucault tem a ver com relações de poder. Concepção se difere das teorias críticas. Em primeiro lugar porque estas tendem a enxergar o poder como uma decorrência da esfera econômica, ou da esfera política. Para Foucault o poder – notadamente o poder institucional, como o encontrado nas escolas – possui uma forma própria de atuação. Em segundo lugar porque enquanto as teorias críticas assinalam que, grosso modo, onde há poder não existe saber – não, ao menos, um saber que liberta - Foucault vai nos mostrar que o poder é o fio condutor do saber. Ou seja, para o fato de que o poder se exerce, precisamente, por meio do exercício de saberes, em ação. Uma vez que os saberes (formas de conhecimento) ao se debruçarem por sobre os indivíduos e ou grupos sociais (ao atuarem sobre estes), exercem, ao mesmo tempo, sobre estes, influência (poder). Em terceiro lugar porque enquanto as teorias críticas apontam para o poder como algo eminentemente negativo, Foucault vai afirmar que o poder opera por positividade, por meio da produção de subjetividades.

Por entendermos, como Foucault, que o poder é produtivo e permeia as relações nas instituições sociais – tais como as escolares -, e que a relação dos indivíduos, com o poder, se dá também por meio da relação de si para si mesmo, efetuamos pesquisa a partir do acompanhamento de atividades de karatê realizadas na Escola em tempo integral, Recanto Feliz, localizada no município de Francisco Beltrão. Além disso, acompanhamos os treinamentos de karatê efetuados na academia – dojô – especializada na prática do Karatê, a academia Real Lince. Também localizada no município de Francisco Beltrão.

¹⁶ Modalidade advinda do Japão e embasada, muito fortemente, em práticas físico-mentais destinadas a educar seus praticantes, diante de si mesmos e do mundo.

Lugares onde a prática marcial se apresentava como ferramenta educativa e por meio da qual, assim entendíamos, poderíamos visualizar formas de exercício de si, de cuidado de si.

Cabe ressaltar que a discussão sobre a elevação do tempo escolar, formal, tem crescido por meio da questão da educação em tempo integral. Fato que já ocorre em algumas escolas, inclusive do município de Francisco Beltrão. O que possibilitou a realização da pesquisa, no tocante ao Karatê. Já que a Escola recanto Feliz ofertava esta modalidade no contra turno escolar, há vários anos.

Por meio das oficinas realizadas no contra turno as escolas acabam buscando, de certa forma, ir além da transmissão das disciplinas clássicas¹⁷. O que concorre para a ampliação da jornada escolar, visto que os alunos dedicam dois turnos para as atividades oferecidas pela instituição. Importa, aqui, apontar para o fato de que para as Diretrizes Curriculares Nacionais, no que se refere a Educação Básica (2013), o educar significa, do ponto de vista institucional, ir além dos conhecimentos ditos curriculares:

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (BRASIL, 2013, p. 18).

Segundo Carvalho (2014): “tratar a questão da formação desde a dimensão educativa é fazer referência aos efeitos dessa ação teórico-prática no modo de constituição das subjetividades” (p. 13). Nesta direção, a questão de escola em tempo integral acaba por incentivar seus alunos, em direção a experimentação de outras práticas, de outros saberes. Tais como os advindos das artes marciais. Por meio das quais estes mesmos alunos parecem desenvolver um contato com questões de ordem ética, dietética¹⁸, os cuidados com a saúde e o exercício do respeito diante da diversidade e da diferença.

¹⁷ Nos referimos, aqui, àquelas disciplinas contidas no currículo escolar “tradicional”: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, entre outras.

¹⁸ Ancoradas na relação do indivíduo com o próprio corpo, enquanto uma forma de pensar a conduta humana, pois, caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência e por meio da qual se permite fixar um conjunto de regras para a conduta. (FOUCAULT, 1984).

Justamente o que buscamos estudar, por meio da presente dissertação. As práticas do cuidado de si.

O contato com a atividade marcial Karatê, na Escola em tempo integral recanto Feliz, e com o Sensei de karatê possibilitou a efetivação da pesquisa, também, no espaço do dojô de Karatê, a academia Real Lince. Deste modo, os ambientes da escola e do dojô serviram como ambientes de pesquisa importantes, já que são lugares onde a educação de si, as práticas de si – no sentido Foucaultiano do termo – acontece. Por meio da prática de atividades como o karatê. Prática marcial, oriental, que lida com questões outras, para além dos aspectos meramente racionais/cognitivos, tais como os emocionais e os códigos de conduta pessoais.

Deste modo, parecem apontar para formas de construção de si, por parte dos indivíduos praticantes da modalidade karatê; não como forma de superar uma pretensa consciência ingênua, em direção a uma consciência crítica, tal como propõem as perspectivas críticas, em educação. Mas por meio da autoprodução de sujeitos que são capazes de entrar em contato consigo mesmos, por meio de práticas marciais que os levam a desenvolver técnicas de cuidado de si. De produção de si mesmos. Ao mesmo tempo que exercitam formas de cuidado, de respeito, diante dos outros. A partir da assimilação de certos códigos de conduta. Exercitados na prática, no dojô, e fora dele.

Cabe ressaltar, porém, como o fez Freitas (2003) que Foucault sabia que “a prática do cuidar de si não apresenta garantias prévias. Pois não se pode determinar, de antemão, que o evento do discurso, enunciado pelo mestre, vá efetivamente influenciar o modo de ser do discípulo” (p. 332). Isto porque a relação de si para consigo mesmo, mediada por um mestre – por outros indivíduos - se ancora em modos de sujeição; que para Foucault (1984) representam a “maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática” (p. 27). Ou seja, a maneira pela qual o indivíduo se adequa ou não as regras de conduta dispensadas a ele. O que é feito por meio de um trabalho prático. De exercícios.

Questões como essa são refletidas, nesse trabalho, por meio do qual buscamos analisar a influência da atividade karatê na formação/subjetivação de karatecas.

1.2 As artes marciais e o Karatê

As artes marciais são muito antigas e fazem parte constitutiva de vários países. Grande parte delas, que se espalharam pelo Brasil, foram consolidadas no oriente. Dentre elas o Karatê. Algumas dessas modalidades de artes marciais se tornaram esportes de combate. Fazendo parte, inclusive, dos jogos olímpicos (Karatê, tae-kwon-do e judô). Outras modalidades especializaram-se na defesa pessoal (krav magá, hapkidô), e outras, ainda, seguiram um caminho mais espiritualizado (aikidô, kempô). Porém, embora tenham surgido em períodos de guerra, de acordo com Hyams (1979) “as artes marciais sofreram uma transformação: de meio prático de combate, visando a morte, passaram a ser um treinamento educativo espiritual que enfatizava o desenvolvimento pessoal do praticante” (p. 12). Neste sentido, as artes marciais são mais do que embates travados entre dois oponentes. Elas exercem uma função que se estende para além do físico, da luta, da força

São muito mais do que uma disputa física entre dois oponentes – um meio de impor a própria vontade ou de infligir dano ao outro. Mais que isso, para os verdadeiros mestres, o karatê, o kung-fu, o aikidô, o wing-chun e todas as demais artes marciais são basicamente caminhos amplos através dos quais eles podem alcançar a serenidade espiritual, a tranquilidade mental e a mais profunda autoconfiança. (HYAMS, 1979, p. 11)

De todo modo, com esse potencial para desenvolver habilidades nos sujeitos que as praticam, as modalidades marciais, como o Karatê, adentraram os espaços escolares, especialmente os de tempo integral, atendendo a demandas formativas que ultrapassam as disciplinas curriculares – tradicionais - que dotam os sujeitos escolares de saberes específicos¹⁹; na direção do desenvolvimento de habilidades como autoconfiança, força, equilíbrio, respeito, etc. Fazendo com que seus praticantes desenvolvam algo como uma estética da existência.

O karatê não é um jogo. Não é um esporte. Nem mesmo um sistema de autodefesa. O karatê é um exercício metade físico, metade espiritual. O praticante de karatê que dedicou suficientes anos aos exercícios e à meditação é uma pessoa tranquila. Não tem medo. Mantém-se calmo num edifício em chamas. (HYAMS, 1979, p. 128)

¹⁹ Saberes provenientes da razão, do cientificismo.

Surgido na ilha de Okinawa, no Japão, a modalidade foi adquirindo formato próprio. Além disso, por meio de um decreto-lei²⁰ estabelecido em 1588, com o objetivo de evitar revoltas populares e dar fim ao longo período de guerras - que comumente ocorriam no período feudal²¹ - o governo japonês proibiu o uso de armas e acabou por incentivar o treinamento das artes marciais asiáticas (daí karatê significar mãos nuas). Com isso, os habitantes de Okinawa desenvolveram técnicas de luta com as mãos e com os pés, utilizando golpes eficientes e precisos.

A primeira Idade do ouro do Karatê se deu por volta de 1940, quando quase todas as importantes universidades do Japão tinham seus clubes de Karatê. Em 1952, após a Segunda Guerra Mundial, o Comando Aéreo Estratégico da Força Aérea dos Estados Unidos enviou um grupo de jovens oficiais para estudar artes marciais no Japão (Judô, Aikidô, Karatê-Dô) com a finalidade de formar instrutores de educação física. Durante os meses que estiveram no Japão, esses oficiais seguiram um programa rígido. Estudaram e praticaram intensamente, e esse fator foi decisivo para a segunda Idade do ouro do Karatê, pois, posteriormente, muitos desses instrutores retornaram para a prática e aperfeiçoamento dessa arte. Pode-se dizer que o Karatê-Dô começou a ser divulgado e praticado no mundo inteiro a partir daí (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 29)

O treinamento adotou formas simuladas de luta, denominadas *Katas*²². Os *Katas* deram sistematicidade ao karatê, uma vez que, por meio dos movimentos advindos destes a modalidade, a partir de seus vários estilos, desenvolveu seu currículo.

Devido ao aumento da popularidade do Karatê-Dô, não pôde se conter a realização de disputas. Isso também aconteceu com outras artes marciais. Em outubro de 1957 foi realizado o Primeiro Campeonato de Karatê-Dô de todo o Japão, promovido pela Associação Japonesa de Karatê-Dô. No mês seguinte, a Federação dos Estudantes de Karatê-Dô do Japão promoveu mais um campeonato, que teve a audiência de milhares de pessoas. Esses eventos eram memoráveis e despertavam a curiosidade de muitas pessoas. (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 29)

Os estilos de karatê mais praticados são: Shotokan, criado por Gichin Funakoshi; Wado-Ryu, criado por Hironori Otsuka; Goju Ryu, criado por Chojun Miyagui; Shito-

²⁰ Informações obtidas em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1933-6.pdf>

²¹ Época caracterizada pela existência dos samurais, ou protetores dos senhores feudais. Homens que por aproximadamente 900 anos acabaram desenvolvendo um código de conduta – código de honra – além de habilidades físicas e mentais.

²² Luta imaginária contra um ou mais adversários, com coreografia especial.

Ryu, criado por Kenwa Mabuni; Shorin-ryu, criado por Sokon Matsumura; Kyokushin, criado por Masutatsu Oyama.

O estilo que fez parte dessa pesquisa foi o karatê-dô Wado Ryu, tendo como principal representante o mestre Hironori Otsuka I (1892-1982). O estilo foi trazido ao Brasil em 1956 pelo mestre Koji Takamatsu, a pedido do grande mestre Otsuka, com o objetivo de difundir o estilo em terras brasileiras²³.

Este estilo utiliza princípios de esquivas e como arte oriental exige dos seus praticantes disciplina, respeito, dedicação, confiança, responsabilidade, coragem. Atributos de um sujeito que deve operacionalizar uma gama de valores morais, éticos e estéticos sobre si; de modo a projetá-los na sociedade em que vive.

A arte produz benefícios ético-morais nos seus praticantes, uma vez que se projeta a partir de reflexões profundas sobre a vida, mesmo diante de atividades aparentemente banais. Deste modo, desenvolve nos seus praticantes a capacidade de perscrutar processos de sabedoria, mesmo a partir das coisas mais simples, advindas do cotidiano.

Exatamente por esse motivo, as artes Zen, como as artes marciais, podem ser de grande valor quando usadas para uma finalidade educacional, pois cada uma delas tem como objetivo descontração física e espiritual, que conduz a uma mudança interior. Principalmente porque é uma disciplina vivida no concreto corporal, permitindo um alongamento em vivências mais profundas e que envolvem respeito mútuo, afirmando a própria liberdade e, conseqüentemente, a do outro. (SUGAI, 2000, p. 47)

As artes marciais parecem proporcionar aos alunos que a praticam a aquisição de saberes e atitudes de autoestima, autocontrole, autoconfiança, respeito à hierarquia e aos demais, atenção, concentração e o respeito por si e pelos outros. Além de desenvolverem habilidades de autodefesa e incentivarem a socialização. Além desses benefícios, tais artes são vistas como mecanismos capazes de contribuir para o combate à violência e à falta de autocontrole, por parte dos jovens²⁴.

A inserção da arte marcial Karatê nas escolas brasileiras iniciou-se a partir de 1960, com o incentivo do mestre Funakoshi, que disseminou a arte para vários países; e

²³ Livro História do Wado Ryu Karatê Do no Brasil de Koji Takamatsu (2017).

²⁴ A prática da arte marcial se mostrou como uma importante ferramenta na redução da agressividade de adolescentes. Como mostra a pesquisa de Diniz e Del Vecchio (2013) e Silva (2018). Disponíveis em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/download/4185/2712>; http://bdm.unb.br/bitstream/10483/21418/1/2018_LucasCarvalhoDaSilva_tcc.pdf.

do mestre Yasuyuki Sasaki, o qual assinalou para o fato de que a arte estava embasada no aprimoramento, tanto da mente quanto do corpo.

O próprio mestre Funakoshi dizia que esta arte transcende o dojô, pois os valores aprendidos por meio de sua prática deveriam ser vividos no cotidiano do aprendiz. No Manual Operacional de Educação Integral, na parte *esporte e lazer*, o Karatê é posto ao lado de outras artes marciais, vistas a partir das seguintes expressões:

Judô, Karatê, Luta Olímpica e Taekwondo – Auxiliam no estímulo à prática e vivência das manifestações corporais relacionadas às lutas e suas variações, como motivação ao desenvolvimento cultural, social, intelectual, afetivo e emocional de crianças e adolescentes. Possibilitam acesso aos processos históricos das lutas e suas relações às questões histórico-culturais, origens e evolução, assim como o valor contemporâneo destas manifestações para o homem. Deve-se incentivar o uso e a valorização dos preceitos morais, éticos e estéticos trabalhados pelas lutas. (BRASIL, 2014, p. 16)

Cabe ressaltar que a partir do século XVII, de acordo com autores como Sugai (2000), o ocidente absorveu a linguagem advinda da descrição matemática de Galileu; combinada com o método de raciocínio de Descartes. Esse método considera propriedades como forma, movimento e quantidade - que podem ser quantificadas e qualificadas – como aspectos fundamentais a serem levados em consideração pelos estudiosos das ciências modernas.

Na mesma direção, rejeita características como som, cheiro ou sabor. Por entender que são de ordem subjetiva, ou seja, não permitiriam a construção de uma racionalidade capaz de dominar a lógica da natureza. Capaz de possibilitar, aos homens, desenvolverem um método científico capaz de subtrair a “verdade” fenomênica dos eventos físico-químico-matemáticos.

O predomínio desta forma de racionalidade acabou por tornar menor, ou praticamente excluir do repertório científico, o trato com “as características da sensibilidade humana, tais como a *estética, a ética, os valores, a qualidade e a forma*, e toda a gama de sentimentos e motivações que dela derivam” (SUGAI, 2000, p. 52, grifos da autora).

Nessa direção, a razão científicista que passa a predominar e que busca a verdade fenomênica (as leis que prescreveriam o desenvolvimento das espécies, que prescreveriam a lógica da vida), produz formas de racionalidade, de entendimento humano voltadas ao domínio da natureza. E, na sequência, do homem pelo homem.

Conhecer passa a ser sinônimo de conhecer o que está fora do homem, ou seja, na natureza. Fora do sujeito. E embora o sujeito que conhece ou que busca conhecer o mundo faça parte deste mesmo mundo, o que está em foco não é uma forma de conhecimento de si, de seus atos, de seus comportamentos. O foco não é o próprio sujeito que conhece, mas os objetos (exteriores) a serem observados, conhecidos, controlados, dominados.

Nesta direção, embora seja inegável o avanço científico galgado – notadamente no ocidente – a partir desta forma de racionalidade empregada, aperfeiçoada; não se pode negar, também, que um vazio acompanhou a evolução científica, qual seja, o que se voltou para a construção do conhecimento de si, da sabedoria²⁵ diante de si e dos outros. Diante da vida²⁶.

Jigoro kano, que merecidamente foi chamado de ‘Pai da educação integral no Japão’, sabia que educar o homem é ajudá-lo a crescer conhecendo o seu mundo, mas para conhecê-lo bem seria preciso conhecer a si mesmo. Somente assim o *ser* se torna verdadeiramente homem e *humaniza o* seu mundo. (SUGAI, 2000, p. 47 grifos da autora).

Cabe ressaltar que estamos cientes do cuidado que devemos ter ao trabalharmos com estes aspectos advindos da cultura oriental. Notadamente no que se refere à educação escolarizada. Isto porque sabemos que podemos, facilmente, cair na “tentação” de considerarmos a cultura oriental – porque distante e pouco conhecida, nas suas nuances, por nós ocidentais – superior a cultura ocidental.

Podemos, do mesmo modo, cair na “tentação” de considerarmos práticas como as advindas do oriente – como as artes marciais – modelos perfeitos de aperfeiçoamento pessoal/humano. Deixando de levar em consideração o fato de que as pessoas reagem de modo diferente diante das experiências que vivenciam. E que nenhuma prática, por mais especial que seja, tende a atingir as pessoas da mesma forma e na mesma intensidade. Até porque os indivíduos são atravessados, no seu cotidiano, por outras tantas influências –

²⁵ A sabedoria não necessariamente tem a ver com a ciência. Todavia, é um tipo de conhecimento – valorizado na antiguidade grega, por exemplo- que se consolida por meio do aperfeiçoamento da sensibilidade do indivíduo, diante da vida. Diante de si e dos demais. Ao levar em consideração as coisas que realmente importam, na vida. Vida, aliás, que tem “prazo de validade”, que é finita e requer determinados parâmetros para que seja vivida na medida certa. De forma equilibrada. Saudável.

²⁶ Ao considerar a vida, por exemplo, não o somatório de objetos a serem dominados, controlados; mas um percurso por meio do qual caberia ao homem se aperfeiçoar – por meio de práticas, exercícios de si para si - tal qual o faz um artífice, que esculpe sua obra na direção da perfeição. Da melhoria de si.

saberes e poderes – para além das práticas escolares e do dojô que aqui tomamos como objeto de análise.

No entanto, insistimos para o fato de que embora estas práticas – tais com a prática das artes marciais – não representam a totalidade das experiências e ou das habilidades/tendências comportamentais desenvolvidas pelos indivíduos, no seu transcurso histórico; representam, sim, importantes balizadores comportamentais. Notadamente porque são experiências, vivências, que se apresentam justamente por meio de tecnologias²⁷ do eu – por técnicas de si, em relação a si mesmo - desenvolvidas por cada praticante. Envolvendo, por isso mesmo, experiências profundas e que, de algum modo, marcam as vidas de seus praticantes.

1.3 O Cuidado de Si

A questão do cuidado de si foi desenvolvida por Michel Foucault a partir de um curso que ministrou no *Collège de France* entre os anos de 1981 e 1982²⁸. Neste curso Foucault analisa as práticas advindas da noção grega: *Epimeléia heautoû* - Cuidado de Si. Uma formulação filosófica que tem um corpus analítico voltado às práticas de si, às maneiras de ser, às formas de autorreflexão e às atitudes em relação a si mesmo. Enfim, todo um conjunto de práticas formadoras da subjetividade e que se voltam para a expressão délfica: *Gnôthi Seautón* - Conhece-te a Ti Mesmo.

Por meio da noção grega “epimeléia heautoû” (cuidado de si) Foucault buscou analisar as relações que se estabeleceram entre sujeito e verdade, na história do Ocidente; enquanto uma noção importante para caracterizar a atitude filosófica desenvolvida ao longo da cultura grega, helenística e romana.

Noção, esta – Epimeleia heautou - também importante em Platão e que sintetiza, de certo modo, a busca pela verdade última das coisas; bem como a busca da verdade de si. Que, grosso modo, articulam a formação do sujeito da cultura ocidental, em seu transcurso.

²⁷ Michel Foucault define quatro tipos de tecnologias, que são certas formas de aprendizagem: 1. Tecnologia de produção (que permite manipular, produzir ou transformar coisas) 2. Tecnologia de sistemas de signos (que se refere à linguagem) 3. Tecnologias de poder (que determinam a conduta do indivíduo, submetendo-o a certo modo de dominação) 4. Tecnologias do eu (que permite ao indivíduo efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo, sua alma, seu pensamento, sua conduta. Obtendo, assim, transformações necessárias para alcançar certo nível de satisfação, felicidade, sabedoria). Enquanto as duas primeiras se referem ao estatuto da ciência e da linguística, as duas últimas tecnologias referem-se ao poder institucional e aos domínios do sujeito. Ver em: Foucault (2008).

²⁸ Deste Curso resulta a publicação do livro: *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982).

Parece-me que a aposta, o desafio que toda história do pensamento deve suscitar, está precisamente em apreender o momento em que um fenômeno cultural, de dimensão determinada, pode efetivamente constituir, na história do pensamento, um momento decisivo no qual se acha comprometido até mesmo nosso modo de ser do sujeito moderno (FOUCAULT, 2006, p. 13)

O principal objetivo de Foucault, neste íterim, é analisar as práticas desenvolvidas pelos sujeitos – na cultura do ocidente - de modo a estabelecerem uma relação de si para consigo mesmos - desde os gregos até o período moderno. Ele observa, nesta direção, que estas práticas passam por mudanças significativas. Por nuances. Desde o ponto em que estas práticas seguiam prescrições autorreguladas – éticas²⁹ e estéticas³⁰ - até o momento em que passam a obedecer a códigos morais – advindos de fora do sujeito - e atinentes a preceitos comportamentais que vem, justamente, de fora do indivíduo. E aos quais este mesmo indivíduo deve se curvar, se quiser chegar à verdade de si.

Passamos, deste modo, na cultura ocidental, de um momento por meio do qual se produz inclinações éticas e estéticas – embasadas no cuidado de si e no equilíbrio entre razão e desejo – para um momento em que parece surgir uma regra geral, externa, calcada em elementos morais, como o não-egoísmo - referendado pelo período cristão – que coloca que o acesso à verdade de si se faz por meio do exercício da renúncia de si – renúncia diante do egoísmo. Ou então, na modernidade, que coloca o acesso à verdade de si por meio da obrigação, do indivíduo, diante da coletividade, da classe social, da pátria.

Além disso, se o acesso à verdade, na antiguidade, era possibilitado a partir de certo modo de vida, de existência, calcado em práticas de transformação do sujeito por e para ele mesmo; com o momento cartesiano – na modernidade – acontece a superação do cuidado de si em direção ao conhece-te a ti mesmo. Isso porque para a filosofia moderna - cartesiana - a verdade só é alcançada mediante o conhecimento objetivo da realidade, que se dá por meio do uso da razão, do pensamento. Há, portanto, a separação entre conhecimento - enquanto busca cognitiva, racional, da verdade – e prática de si - os exercícios para o desenvolvimento do conhecimento de si.

De acordo com Foucault (2006) adentramos na idade moderna, ou melhor, a história da verdade entrou no seu período moderno no dia em que admitimos que o que dá acesso a verdade é o conhecimento e somente ele. Duas condições de acesso à verdade

²⁹ A elaboração ética de si consiste em fazer da própria existência, deste material essencialmente mortal, o lugar de construção de uma ordem que se mantém por sua coerência interna. (FOUCAULT, 2006, p.643).

³⁰ “A arte refletida de uma liberdade percebida como jogo de poder” (FOUCAULT, 1984, p. 220).

surgem, desde então: as condições intrínsecas ao ato de conhecimento (condições formais, objetivas, regras formais do método, estrutura do objeto a conhecer) e as condições extrínsecas ao ato de conhecimento (não se pode ter acesso a verdade quando se é louco; é preciso ter uma formação acadêmica, científica, para se ter acesso à verdade dos fenômenos).

A verdade – obsessão ocidental – passa a ser referendada, pouco a pouco, por meio do conhecimento; e não por meio das práticas de si. O “conhece-te a ti mesmo” substitui o “cuida de ti mesmo”. Processo que pode ser pensado, por exemplo, por meio do estágio atual – da cultura contemporânea – por meio da qual o que se pode chamar de cuidado de si tende a aparecer enquanto prática social e cultural, a partir da busca por avaliações e diagnósticos advindos de especialistas - médicos, psiquiatras, psicanalistas, etc – ou, ainda, por meio do acesso a medicamentos. E não por meio das práticas – dos exercícios - de si para si mesmo.

Contrastando com este movimento histórico aparecem atividades tais como as advindas das práticas marciais. Por isso mesmo, práticas importantes de serem estudadas, analisadas. Por parecerem reestabelecer e ou manter a questão do cuidado de si, por parte dos sujeitos/alunos, para além das práticas usuais adotadas nos ambientes escolares. Calcadas, hoje em dia, mais em processos de medicalização³¹ e ou na busca por especialistas do mundo ‘psi’ - que trariam a cura para os problemas comportamentais vivenciados nestes espaços –, do que por atividades que incentivem formas de cuidado de si.

Foucault, nos cursos proferidos entre os anos de 1981 e 1982, adotou como tema principal as relações entre subjetividade e verdade; tomando como norte os regimes de comportamento adotados na antiguidade grega e romana. Por meio de três momentos importantes e que, segundo o autor, consubstanciam as práticas de si, a questão do cuidado de si na cultura ocidental:

O momento Socrático-Platônico, por meio do qual surge a questão da Epimeléia na reflexão filosófica grega. Notadamente por meio da teoria do cuidado de si, retratada – em Foucault - no diálogo entre Alcibíades e Sócrates. Em que Sócrates orienta Alcibíades no caminho do cuidado de si, diante da falta de uma educação adequada que acometeu este último.

³¹ Ver pesquisa: A medicalização da queixa escolar: poder e saber médico na produção de sujeitos em uma escola municipal de Santo Antônio do Sudoeste-PR, disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4509>

O momento caracterizado pela idade de ouro da cultura de si, do cuidado de si, situada nos dois primeiros séculos da era cristã. Por meio da qual a questão do cuidado de si é absorvida por inúmeras escolas; desembocando em diversas formas de exercícios relativos à alimentação, à atividade física, às diversas formas de meditação, ao controle da sexualidade e por meio da qual proliferaram discursos que culminaram na criação de uma *scientia sexualis* (Foucault, 1988).

O momento que se localiza na passagem aos séculos IV e V e que se caracteriza pela mudança gradual da ascese filosófico/grega ao ascetismo cristão. Em que as prescrições comportamentais passam por mudanças, saindo de um contexto por meio do qual o homem livre colocava para si mesmo os parâmetros – os limites - de suas ações, de modo a se manter senhor de si e não escravo, quer da razão exacerbada, quer dos seus desejos; em direção a um contexto por meio do qual os próprios pensamentos passam a ser vigiados, uma vez que se entende que são expressão do pecado original do homem. Homem, este, que não é capaz de encontrar a verdade de si, em si mesmo. Mas apenas a partir da adoção de prescrições morais/comportamentais advindas de fora de si. De um Deus. De um ser superior, perfeito.

Abaixo referendamos alguns pontos atinentes a cada período em que o cuidado de si, no ocidente, foi desenvolvido. Segundo análises de Foucault. Dispensamos especial atenção aos dois primeiros períodos.

1. Momento Socrático-Platônico do surgimento do Epimeléia, na reflexão filosófica grega:

A noção do cuidado de si aparece no diálogo socrático-platônico, antes de tudo, como um conselho de prudência. Prudência relacionada ao fato de que aquele que quer governar os outros (a cidade) deve, antes de tudo, ser capaz de governar a si mesmo.

E isto deve ser feito por meio do cuidado com a alma. Com aquilo que não é perecível e que pode ser aperfeiçoado pelo próprio indivíduo, por meio de orientação correta e esforço pessoal. Segundo Foucault, este momento do cuidado de si apresenta a edificação de três formas, possíveis, de consolidação da maestria:

Uma derivada do exemplo, por meio do qual alguém se torna modelo a ser seguido pelos demais. “O outro é um modelo de comportamento, modelo transmitido e proposto ao mais jovem e indispensável à sua formação” (FOUCAULT, 2006, p. 158). Transmitido por meio da tradição, da literatura, da visualização das histórias de heróis e heroínas ou por meio de “personagens” que estabeleçam relações positivas entre si e que se

estimulem, reciprocamente, na direção da superação dos próprios defeitos. Outra derivada da competência na transmissão de aptidões, princípios, habilidades e conhecimentos, aos mais jovens. E outra, ainda, desenvolvida por meio do diálogo, por meio do qual se instrui os outros. Em Alcibíades se explicita a questão da importância do mestre, para o discípulo, no que concerne aos cuidados que este deve adotar, em sua caminhada.

2. A idade de ouro da cultura de si, do cuidado de si mesmo, situado nos dois primeiros séculos da era cristã.

Foucault observa que esse é um período de “ouro” da história do cuidado de si, como noção e como prática. A evolução dessa noção já vinha desde Platão e percorrerá toda a época helenística, tendo como principais veículos as filosofias cínicas, estoicas e epicuristas que se apresentavam como artes de viver. Nesta fase da história o Cuidado de Si aparece como elemento formador e corretivo, não somente diante da ignorância, como em Alcibíades; mas como provedora de saberes que servem para a vida.

A partir do momento em que o cuidado de si torna-se assim uma atividade adulta, sua função crítica vai evidentemente acentuar-se, e acentuar-se cada vez mais. A prática de si terá um papel corretivo tanto, ao menos, quanto formador. Ou ainda, a prática de si tornar-se-á cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros. Não se trata, absolutamente, de dizer que o papel da prática de si será somente crítico. O elemento formador continua existindo sempre, mas estará vinculado de modo essencial à prática da crítica (FOUCAULT, 2006, p. 114-115).

Essa questão da prática de si como correção é encontrada nos Cínicos, que afirmam: “*Virtutes discere é vilia dediscere*”, ou seja, aprender as virtudes é desaprender os vícios. Como bem assinalado por Foucault, essa noção de *desaprendizagem* encontrada nos Cínicos, mas também nos Estoicos, se refere a uma reforma crítica de si em relação aos hábitos adquiridos e a educação recebida quando se é jovem.

Esse deslocamento temporal do cuidado de si para a vida adulta teve duas consequências importantes: primeiro, a função crítica desta prática de si, que vem dobrar e recobrir a função formadora; e segundo, a relação da medicina com o cuidado de si, enquanto a primeira cuida do corpo, a segunda cuida da alma (FOUCAULT, 2006, p. 133)

Além dessas duas consequências, há também o valor que se atribui à velhice, pois é nessa fase da vida que é possível reencontrar a si mesmo; ao se completar os ciclos da existência. Como assinalado por Foucault (2006) “a partir da época helenística e romana, assistimos a um verdadeiro desenvolvimento da “cultura” de si” (p. 220).

Pois bem, parece-me que se chamarmos cultura a uma organização hierárquica de valores, acessível a todos, mas também ocasião de um mecanismo de seleção e de exclusão; se chamarmos cultura ao fato de que esta organização hierárquica de valores solicita do indivíduo condutas regradas, dispendiosas, sacrificiais, que polarizam toda a vida; e enfim que esta organização do campo de valores e o acesso a estes valores só se possam fazer através de técnicas regradas, refletidas e de um conjunto de elementos que constituem um saber, então, nesta medida, podemos dizer que na época helenística e romana houve verdadeiramente uma cultura de si (FOUCAULT, 2006, p. 221)

A cultura de si aparece então como um conjunto de valores, teoricamente estruturados, que exigem certos modos de conduta e de comportamento. Aparece, aqui, um elemento importante, que é a noção de salvação. Um “operador de passagem”. Para conseguir a salvação o sujeito realiza transformações em seu ser - por meio da mediação de outro indivíduo, sábio! Noção que está normalmente associada à religiosidade. De todo modo, na época helenística e romana a salvação era uma noção utilizada de modo diferente daquele que passa a ser usual a partir do período cristão.

“Salvar-se a si mesmo” quererá igualmente dizer: escapar a uma dominação ou a uma escravidão; escapar a uma coerção pela qual se está ameaçado, e ser restabelecido nos seus direitos, recobrar a liberdade, recobrar a independência [...]. Enfim, “salvar-se” significará: aceder a bens que não se possuía no ponto de partida, favorecer-se com uma espécie de benefício que se faz a si mesmo, do qual se é o próprio operador. “Salvar-se” significará: assegurar-se a própria felicidade, a tranquilidade, a serenidade, etc. (FOUCAULT, 2006, p. 226)

Esse elemento da salvação transcorre ao longo da vida, tendo como operador o próprio sujeito, este que tem por finalidade alcançar a completude, a felicidade. Essa atividade da salvação, conforme Foucault (2006), encontra a recompensa a partir de dois temas: A ataraxia (ausência de perturbação) e a autarcia (autossuficiência) (p. 227). Dois elementos importantes para analisar os valores que a arte marcial pode proporcionar aos praticantes.

Ao ter cuidados consigo de tal maneira que, se alguma coisa vier à sua representação, saberá o que deve e o que não deve fazer, este saberá, ao

mesmo tempo, cumprir os seus deveres enquanto parte da comunidade humana. Saberá cumprir seus deveres de pai, de filho, de esposo, de cidadão, etc (FOUCAULT, 2006, p. 242)

Como é possível notar, nesse trecho, o cuidado de si deve ter o eu como objeto de estudo, análise, conhecimento; de modo que se pense nas próprias atitudes, antes de tomá-las. Essa prática de si, nesse contexto, se incorpora na própria arte de viver.

Deve-se, portanto, voltar-se para si, olhar para si – o que se conhece, na época, como conversão - ou seja, o retorno a si que “é uma dentre as tecnologias do eu que o ocidente conheceu e uma das mais importantes, principalmente quando se pensa no cristianismo” (p. 256). Para exemplificar isso, Foucault retoma o exemplo do pião, que gira em torno de si:

E por fim, embora permaneça aparentemente imóvel, na realidade o pião está sempre em movimento. Ora, contrariamente ao movimento do pião, a sabedoria consistirá em não se deixar jamais ser induzido a um movimento involuntário por solicitação e impulso de um movimento exterior. (FOUCAULT, 2006, p.255)

A conversão que “conduz a nos deslocarmos do que não depende de nós ao que depende de nós [...] liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos; para alcançarmos, enfim, aquilo que podemos dominar” (p. 259). Enfim,

Não é mais o conhecimento por ele mesmo, mas um conjunto de práticas necessárias a conversão. “Agora, no processo do [*se*] *convertere ad se*, bem mais do que o conhecimento, será o exercício, a prática, o treinamento, a *áskesis*, que constituirá o elemento essencial”. (FOUCAULT, 2006, p. 259)

Para a cultura de si, portanto, a conversão não significa uma espécie de ruptura do eu; mas do que cerca o eu, o mundo exterior. O que se chama de *anakhóresis*. Ou seja, relações de si para consigo - que pode ter a forma de atos (proteger-se, defender-se, armar-se, equipar-se) -; a forma de relações que se estabelecem em relação a si (respeitar-se, honrar-se) -; a forma de relações de estado de ânimo em relação a si (ser o senhor de si).

Vemos que a conversão é um retorno a si em que o objeto e a finalidade é o ser do sujeito. A conversão, para Foucault, se trata de uma conversão do olhar. Do “volver o olhar para si”. Olhar que leva em consideração a *relação entre o dizer-verdadeiro (a veridicção) e a prática do sujeito*. Na cultura de si desenvolvida pela civilização helenística - grega e romana - a questão entre o sujeito e as práticas adotadas por este

referem-se ao problema da verdade – do conhecer-se e praticar-se a verdade – para que se aja corretamente.

A *askésis* (ascese), ou o conjunto de práticas que visa o desenvolvimento – físico, mental e espiritual - do sujeito, na antiguidade, tinha um sentido de constituição de si mesmo a partir de uma relação de si para consigo, em busca da completude, da felicidade. “Portanto, o objetivo da ascese na Antiguidade é realmente a constituição de uma relação plena, acabada e completa de si para consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 386). Neste sentido, a ascese deve possibilitar a *paraskeuê*, ou a preparação geral do indivíduo para os acontecimentos da vida.

Se a ascese cristã tem como objetivo mudar o modo de ser do sujeito, a partir de sacrifícios, renúncias e penitências a serem praticadas por este, com o objetivo de purificar-se e tornar-se apto para receber a verdade; na ascese helenística o objetivo é o sujeito se colocar como autor de sua própria existência. Dotar-se de algo que ainda não possui, de modo a constituir-se a si como capaz de viver uma vida equilibrada. Saudável. Superior.

A importância da ascese filosófica e da ascese da prática de si, na época helenística e romana, de acordo com Foucault (2006) “tem essencialmente por sentido e função assegurar o que chamarei de subjetivação do discurso verdadeiro” (p. 400). Essa ascese como subjetivação do discurso verdadeiro perpassa as várias práticas, adotadas na época: A da escuta, a da leitura, a da escrita e a do ato de falar.

A escuta correta é o que possibilita a passagem da *aletheia* ao *êthos*, ou seja, da confusão de ideias ao discurso verdadeiro. Que orienta a conduta. É uma habilidade que pode ser adquirida com a experiência, com a prática, com a atenção. Envolve silêncio, correta atenção e intenção direcionada. A leitura desenvolve uma forma de meditação. Por ser um exercício do pensamento que se direciona para a constituição de si, de um discurso. A escrita - individual e pessoal - tem um papel fundamental no exercício de si, pois enquanto o sujeito escreve, assimila aquilo sobre o que pensa. A escrita de si possibilita a reflexão do sujeito sobre si, sobre o que ele é, no que deseja transformar-se, o que não o agrada. O diálogo, outro exercício helenístico, traz consigo a questão da *parrhesia*, ou seja, do diálogo honesto – verdadeiro – calcado numa ética necessária para que se transmita o discurso verdadeiro a quem dele precisa.

Na *parrhesia* o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem

vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer (FOUCAULT, 2006, p. 450)

A parrhesia, como um modulador de discursos, se apresenta como um método. Método que serve para se tenha cuidado como a lisonja e a retórica. Modelos de diálogo que levam ao erro e a ilusão.

Todas estas relações, que envolvem uma cultura do cuidado de si, ocorrem por meio da pedagogia, por meio da qual o Mestre instrui o discípulo para que este desenvolva aptidões que não possuía. Ou por meio da psicagogia³², que não necessariamente advém somente do mestre, mas de um amigo, por exemplo, e por meio da qual se exercitam práticas que tem por finalidade modificar o modo de ser do sujeito. Deste modo, o “cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais” (FOUCAULT, 1985, p. 58).

O papel central da psicagogia é modificar o modo de ser do sujeito, para que este transforme a si na sua melhor versão, por meio da adoção de um estilo de vida que seja compatível com os bons hábitos, as boas atitudes, as corretas posturas e condutas a serem praticadas na vida diária. Consolidando uma verdadeira *tékhnē tou bíou*, de modo que o sujeito transforme sua vida em uma obra de arte:

De igual modo, quem quiser fazer da vida uma obra, quem quiser utilizar como convém a *tékhnē tou bíou*, deve ter em mente não tanto a trama, o tecido, a espessa feltragem de uma regularidade que o acompanhe perpetuamente, à qual deveria submeter-se. Nem obediência à regra, nem qualquer obediência podem, no espírito de um romano e de um grego, constituir [uma] obra bela. A obra bela é a que obedece à ideia de uma certa *forma* (um certo estilo, uma certa forma de vida). (FOUCAULT, 2006, p. 514 grifos do autor).

Toda esta cultura do cuidado de si, desde Platão até os primeiros séculos da nossa era cristã, retratada por Foucault, nos mostra as transformações históricas pelas quais esse preceito passou. Não mais se governa a si para governar aos outros, como em Alcibíades. Na idade de ouro do cuidado de si as práticas reflexivas dos sujeitos, por si mesmos, têm, por fim, a transformação de si mesmo; um aprimoramento pessoal do eu que necessariamente reflete na sociedade, na relação do eu com os outros. São relações que

³² A pedagogia tem por objetivo dotar um sujeito de conhecimento; enquanto que a psicagogia tem por objetivo mudar o modo de ser do sujeito.

perpassam o contato com o outro. Aliás, Foucault enfatiza o cuidado de si sempre como uma prática social, nunca como um individualismo do ser:

O preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver: desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma **prática social**, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (FOUCAULT, 1985, p. 50 grifos nossos)

De maneira geral, o preceito do cuidado de si sempre se tratou de uma relação que os sujeitos buscavam estabelecer para consigo mesmos, na direção do próprio aperfeiçoamento; mediante práticas que estabeleciam, para si, determinados valores e regras de conduta, de modo a transformarem sua vida no melhor que esta poderia ser.

Embora o próprio Foucault tenha salientado o fato de que esta cultura foi perdendo força, ao entrar na era cristã – por meio da qual o corpo se tornou carne, ou o lugar do pecado - e as ações e pensamentos adquiriram feições morais relacionadas à falta - ao pecado original – sendo, enfim, substituída, na sua ênfase prática, por uma propensão que se volta ao conhecimento; entendemos que podemos observar práticas de cuidado de si no contemporâneo, por meio da prática das artes marciais advindas do oriente. Isto porque estas parecem direcionar-se para um cuidado de si, vias exercícios, feitos numa direção que parece seguir o que apontou Foucault.

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe mas de que convém apropriar-se ainda melhor. (FOUCAULT, 1985, p.56)

É notório que a prática das artes marciais tradicionais – do oriente, como é o caso do Karatê – trazem consigo valores éticos (cuidado com o próprio corpo; com o corpo do colega; com o dojô – o lugar da prática marcial e que deve ser respeitado –; com os mais velhos ou os mais graduados e experientes; com os mais fracos) e estéticos (busca da perfeição dos movimentos físicos; busca da serenidade mental diante dos desafios e

tensões que a vida, ou o próprio dojô, apresentam aos praticantes; a busca por ser, o sujeito Karateca, um exemplo de conduta a ser seguido dentro e fora do tatame).

Essa prática de si, advinda da cultura do oriente, tem adentrado as instituições escolares/formais. Por meio do presente trabalho buscamos compreender este universo – advindo das artes marciais, como lugar de práticas de si -; bem como compreender de que modo a cultura do cuidado de si tem adentrado o universo escolar. Universo normalmente adstrito às disciplinas tradicionais: Língua portuguesa, matemática, etc. Ou seja, universo mais avesso ao desenvolvimento racional/cognitivo do que, necessariamente, aos aspectos físico-emocionais-atitudinais dos que frequentam estes espaços.

Viver com toda independência; refletir sobre a natureza do governo que se exerce, quer sobre si mesmo, quer sobre os outros; entreter-se com seus próprios pensamentos; falar consigo mesmo: este é o retrato do sábio.

Michel Foucault

CAPITULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

2.1 O pós-estruturalismo enquanto caminho teórico-metodológico

Neste capítulo apresentamos o percurso metodológico utilizado para a efetivação da dissertação. Embora não tenhamos adotado uma postura calcada numa defesa explícita, militante, relacionada a uma certa perspectiva teórico-metodológica, registramos o fato de que fizemos nossa escolha pela perspectiva pós-estruturalista; por entendermos que esta atenderia melhor ao objetivo da pesquisa. Qual seja, analisar a questão do cuidado de si de indivíduos situados em ambientes educativos.

Todavia, entendemos que caberia uma explicação preliminar acerca dos termos estruturalismo/pós-estruturalismo (escolas de pensamento, teorias explicativas do social) e dos termos modernidade/pós-modernidade (movimentos advindos dos contextos sociais, históricos, culturais, econômicos, políticos da sociedade). Isto porque são termos importantes, que tem uma ligação entre si e que, por vezes, são compreendidos de forma equivocada. Por isso, a necessidade de explicá-los e diferenciá-los.

O estruturalismo ficou conhecido por ser a perspectiva predominante de interpretação dos fenômenos sociais – interpretação que surge praticamente junto com o próprio nascimento das Ciências Humanas – que, por sua vez, surgem no século XIX – e que perdura como modelo dominante de interpretação do social até a primeira metade do século XX. Tal perspectiva busca compreender a estrutura, a lógica de funcionamento dos fenômenos sociais (as leis de funcionamento da sociedade). Alguns de seus principais representantes foram Ferdinand de Saussure (na linguística), Augusto Comte (na sociologia), Lévi-Strauss (na antropologia), Sigmund Freud (na Psicologia – Psicanálise).

Uma das mais impactantes teorias sociais, de cunho estruturalista, foi o marxismo. Teoria que volta seu repertório conceitual, ancorado na dialética, de modo a analisar a

sociedade capitalista. Leitura que vê na luta de classes - proletários e burgueses – a lógica estrutural³³ do mundo social adstrito à modernidade.

O marxismo, assim como o positivismo e o funcionalismo³⁴ entendiam/entendem que havia/há uma lógica funcional que estruturaria/estrutura a ordem social. Que seria/é possível conhecer esta lógica, por meio da interpretação da estrutura autorreferente que toda sociedade possui/possui, bem como apreender o sentido histórico das sociedades.

O pós-estruturalismo, por sua vez, surge na França³⁵, como uma espécie de crítica ao estruturalismo. Ao sinalizar para o fato de que não há uma lógica histórica universal, unilinear – um fim histórico; nem tampouco uma consciência universal. O que existe, segundo os pós-estruturalistas, são discursos – interpretações – sobre os sujeitos e sobre o mundo. Sobre como as coisas devem ser. Que apontam para como os indivíduos devem se comportar, etc. Narrativas consolidadas pelos grupos sociais. Grupos que buscam, dentre outras coisas, legitimar suas respectivas interpretações de mundo.

Neste sentido, para os pós-estruturalistas não há uma lógica diádica – o mundo não se divide dialeticamente –, mas uma multiplicidade de lógicas que referendam as diferenças constitutivas do social. São as diferenças que movem o mundo, para os pós-estruturalistas. Daí a afirmativa corrente de que há uma multiplicidade de vontades e potências que movem os indivíduos, os grupos e o mundo social.

O pós-estruturalismo é, segundo Michael Peters: “Um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2000, p. 29). O pós-estruturalismo, notadamente o pós-estruturalismo francês, deve ser compreendido por meio das influências do pensamento de Nietzsche. Notadamente por meio de sua crítica da verdade e da ênfase que colocou na pluralidade de interpretação filosófico-intelectual. Também, na importância que dá ao estilo literário, “tanto filosófica quanto esteticamente, para que cada um supere a si próprio, em um processo perpétuo de auto devir” (PETERS, 2000, p. 32). Temas importantes e que influenciaram essa corrente de pensamento, de modo preciso.

Autores como Michel Foucault foram influenciados pelas concepções Nietzscheanas de *vontade de potência*, vontade de verdade e vontade de saber. Questões que mostram os processos de “fabricação” de sujeitos, das subjetividades. Por meio dos saberes (formas de conhecimentos) e dos poderes (disciplinares) que desencadeiam

³³ Envolve a relação capital-trabalho

³⁴ Todas estas, correntes interpretativas do social adstritas ao modelo estruturalista.

³⁵ Na década de 60 do século XX

padrões comportamentais, ancorados em modelos de verdade consolidados historicamente e que se movem em direção a determinados modelos comportamentais, esperados. Elementos que são retratados na obra de Foucault, na parte arqueológica, e na parte genealógica. Onde, respectivamente, trabalha com os saberes (notadamente os saberes advindos das ciências humanas), analisando sua influência no comportamento humano/social; e com os poderes (micropoderes) institucionais que moldam/fabricam o comportamento humano.

Todavia, Foucault também trabalhou com o tema do cuidado de si, na última fase de sua escrita, de sua vida. Trabalha com as práticas desenvolvidas pelos indivíduos, na direção do aperfeiçoamento de si. Discussão que ele retira dos gregos, como retratamos no capítulo I. Questão retratada na presente nesta dissertação, por meio da questão da prática do Karatê e da influência que esta modalidade exerce no comportamento dos indivíduos que a praticam. No interior de instituições educativas.

A respeito da modernidade, pode-se dizer que surge no século XVI e perdura, enquanto estilo de vida advindo da Europa – e exportado para o resto do mundo - até o século XX. Um período caracterizado, de acordo com Bauman (1998), pela influência das tradições religiosas, pelas formas burocráticas de ordenar a sociedade - a partir do uso cada vez maior da razão e da ciência – e pela crença iluminista/racionalista que acreditava em um final histórico. Teleológico. Em modelos de organização social ancorados numa lógica evolutiva.

Ancorada em pontos como valores morais – institucionalmente trabalhados - a modernidade se define como um período de relações sólidas e duradouras – embasadas, como afirmamos, em preceitos como uso da razão, manutenção dos papéis sociais, manutenção da ordem social. Período por meio do qual as identidades pessoais – de gênero, sexuais, étnicas – permanecerem, via de regra, fixas, ou seja, onde havia lugares pré-determinados, a serem ocupados, para cada tipo de indivíduo, de grupo social.

Todavia, a partir de eventos como os caracterizados pelas duas guerras mundiais – ocorridas no século XX, na Europa –; pela ascensão dos regimes totalitários - de direita e de esquerda - e pela explosão de movimentos culturais/comportamentais³⁶, surgem novas formas de se olhar para o social e para si mesmos, por parte dos indivíduos. Questões como o surgimento da pílula contraceptiva, do movimento feminista, dos debates sobre gênero, dos movimentos voltados a ampliação dos direitos dos negros, dos homossexuais, etc, trazem à tona a questão da substituição das metanarrativas (das

³⁶ Que passam a ocorrer a partir dos anos 1960, tais como os voltados aos direitos civis, sexuais, de gênero, etc.

grandes utopias, da discussão sobre a totalidade do social) pela questão das relações microsociais de poder, adstritas às relações cotidianas. Os próprios sujeitos passam a ser vistos a partir de uma leitura que os coloca diante de distintas posições, lugares, movidos por identidades mais complexas e fluidas (BAUMAN, 1998).

Autores como Zigmunt Bauman (1998) vão apontar para o fato de que se a modernidade era sólida, marcada pela segurança/estabilidade e pela busca do cumprimento das funções sociais; a pós-modernidade é líquida, caracterizada pela liquidez – instabilidade e incertezas - e pela busca da felicidade e da realização pessoal.

A passagem da modernidade para a pós-modernidade trouxe consigo mudanças significativas no que se refere aos sujeitos. Mudanças que atingem as escolas, enquanto instituições educativas. Por isso, nosso interesse em observar as contribuições da arte marcial Karatê, no que se refere a fabricação de sujeitos que praticaram tal modalidade, na escola Recanto Feliz e no dojô Real Lince, pois

Como mostrou Foucault, as práticas reafirmam sempre uma ação e devem ser pensadas no sentido sempre positivo, pelo menos aquelas que estão atreladas ao cuidado de si. Agindo no sujeito, agem sobre a sua formação. E nesse movimento mudam homem e mundo. Por isso, a importância de estarmos atento às práticas de si, de acompanhá-las, de percebê-las enquanto ação sobre o sujeito, ou ação do próprio sujeito sobre si. (CARVALHO, 2014, p. 108)

Estamos diante de formas diferenciais, mais complexas, de olhar para o mundo, para a sociedade e para a própria educação. Existe um processo de empoderamento dos sujeitos (advindo do movimento feminista, das questões de gênero, de uma certa ampliação de direitos civis, etc) que colocam em xeque modelos tradicionais de ver o mundo, de ser no mundo. O indivíduo, neste sentido – ao menos alguns indivíduos e grupos – parecem ascender a possibilidades de intervirem no mundo, por meio de suas leituras e de suas ações. Mas como o fazem? Por meio de ações egoístas e ou narcisistas? Ou por meio de ações mais conscientes, tanto em termos do que fazem de si mesmos, quanto do que fazem em relação ao demais? De onde tiram estes pressupostos?

Ao apostarmos em uma pesquisa que buscou analisar as contribuições da arte marcial karatê, na formação de certos indivíduos, direcionamos o olhar para a constituição de subjetividades produzidas por sujeitos escolarizados e ou que frequentavam um ambiente marcial. Tema que nos pareceu adequado, diante das mudanças adstritas ao contemporâneo.

2.2 O estudo de caso

A pesquisa com a arte marcial Karatê foi feita por meio de uma abordagem qualitativa, efetuada a partir do uso de estudo de casos, com vistas a perscrutar fenômenos de ordem genealógica. “Eu chamaria de genealogia uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto envoltas em micro relações sociais” (FOUCAULT, 2016, p.07). Relações envoltas em práticas físico-mentais, consolidadas – nesta dissertação - entre um Mestre e discípulos, que referendavam formas de poder. Mas de poder produtivo. Calcado, inclusive, numa reelaboração a ser feita pelos indivíduos, dispostos diante destas relações. O que caracterizava formas de cuidado de si. Transformando o poder – controle – em autocontrole. Numa relação produtiva, de si para consigo mesmo. Feita por cada praticante.

Isto porque

se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2016, p. 08)

Para esta perspectiva teórica o poder está em todos os lugares, pois intermedia as relações sociais. Mesmo que de forma assimétrica. A própria escola é lugar de relações de poder. É uma instituição que produz mecanismos de controle; ao mesmo tempo que produz subjetividades. Por isso, as análises decorrentes do estudo de caso – com vistas a olhar, de forma mais detalhada - para os processos vivos, que envolviam karatê-praticantes-mestre-práticas de si - levaram em consideração os micropoderes e as microrrelações desencadeadas na escola Recanto Feliz e no dojô de Karatê Real Lince; bem como, um olhar que via/vê os espaços sociais como constituídos por distintos indivíduos, a partir de diferentes visões, realidades, desejos, manifestações.

Dessa forma, entendemos que uma análise pós-estruturalista dos fenômenos sócio/institucionais, um olhar microfísico do social poderia auxiliar na compreensão das micro relações de poder que se estabeleciam nos ambientes estudados. O que poderia ser feito, justamente, a partir do método estudo de caso.

O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001, p. 25).

Esse método é relevante pois nos permite conhecer as particularidades, sejam elas institucionais, relacionais, práticas, pedagógicas. Desse modo, de acordo com Yin (2001) “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (p. 32). Método, para nós, que permitiu a construção de um olhar microfísico, localizado. Mais atento as especificidades dos respectivos ambientes estudados.

2.3 Procedimentos para coleta de dados

Conforme apresentado nos itens anteriores, a pesquisa *in loco* foi direcionada para as atividades³⁷ de karatê realizadas no espaço escolar, municipal, de tempo integral – Escola Recanto Feliz -, localizado no município de Francisco Beltrão; e para as atividades realizadas no espaço do dojô, representado pela associação Real Lince de Karatê-Dô Wadô-Ryu. Espaço fundado em 1990 e que contava com cerca 1.200 associados – karatecas – com idade entre 04 e 60 anos, em 2019.

Na escola em tempo integral efetuamos observações das atividades de karatê desenvolvidas na turma do 5º ano vespertino, que tinham aulas no período regular, pela manhã³⁸. A escolha da turma se deu por conta de que esses alunos eram os mais velhos – mais aptos, a princípio, a responderem os questionamentos - e por estarem em contato com o karatê por mais tempo, desde o primeiro ano escolar.

No espaço do dojô acompanhamos, de forma mais intensa - por meio da participação ativa nos treinos de karatê – das atividades desenvolvidas pela turma das 19:30 às 20:30. Turma da qual participavam os alunos que iniciaram a prática do karatê nas Escolas de tempo integral³⁹ e que deram continuidade à atividade no dojô. Além

³⁷ A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2019.

³⁸ Os alunos do período integral tinham as aulas regulares no período da manhã e à tarde participavam das oficinas, dentre elas o karatê, que contava com uma hora semanal.

³⁹ Iniciaram a praticar nas diversas escolas de tempo integral do município.

destes, participaram das aulas de Karatê, neste horário, alunos um pouco mais graduados. Dentre eles uma de nossas entrevistadas.

Além disso, realizamos observações na turma de karatê que efetivada sua prática no horário das 20:30 às 21:30, e da qual participavam alunos que possuíam alguma limitação física, dentre eles um de nossos entrevistados; portador de baixa visão. Este aluno fazia parte da seleção brasileira de Parakarâtê. Além disso, era professor na APAE, por meio do projeto: Karatê, vida e inclusão.

No início da pesquisa tínhamos uma proposta de efetuarmos apenas pesquisas com enfoque na observação não participante. De modo a observarmos as nuances que ocorriam nos espaços onde se davam as aulas de karatê. No entanto, com o tempo percebemos que tal forma de análise não nos pareceu a mais adequada, pois acompanhar as práticas de karatê, sem sentir no próprio corpo as emoções e sentimentos que os alunos pareciam absorver, representaria uma forma muito distanciada de adentrar o mundo das artes marciais.

Além disso, praticar o karatê permitiu-nos estabelecer relações mais estreitas com os sujeitos da pesquisa. Relações que, assim acreditamos, não seriam possíveis dada a relação formal e mais distanciada que, normalmente, acontece entre pesquisador e pesquisados. Desta forma, a partir de uma maior proximidade colhemos informações importantes e que nos ajudaram a chegar ao objetivo proposto, por meio da presente pesquisa. Deste modo, adotamos como ferramenta de pesquisa – no dojô - a observação participante.

De acordo com Yin (2001) a pesquisa participante nos dá a “capacidade de percebermos a realidade, do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo” (p.117). No entanto, é o próprio Yin que adverte para o fato de que há alguns cuidados a serem tomados, na pesquisa participante; pois é possível que o pesquisador “torne-se um apoiador do grupo ou da organização que está sendo estudado” (p.118).

Desse modo, ressaltamos que a pesquisa participante que compôs esta dissertação foi feita, por um lado, por meio de um certo distanciamento, de um olhar advindo “de fora”. De alguém que não possuía familiaridade com o karatê. Notadamente na Escola em tempo integral. Por outro lado, a pesquisa foi feita a partir da busca pela compreensão das vivências acumuladas pelos praticantes de karatê. Bem como, a partir da intenção de captarmos os significados que esta prática proporcionava aos Karatecas, no que se refere ao tema do cuidado de si. Daí o treinamento, feito por nós, no dojô.

Nesse sentido, o terceiro capítulo foi organizado a partir das observações feitas nos espaços educativos (escola em tempo integral e dojô de Karatê). Observações seguidas das respectivas análises feitas, notadamente por meio de entrevistas semi estruturadas.

No que se refere às entrevistas, mais especificamente, estas foram feitas levando-se em consideração casos específicos. Como o caso de uma Senhora, mãe de outra praticante (faixa-preta de karatê) e que era, também, praticante da modalidade. O outro entrevistado foi um praticante que possui deficiência visual e que era professor de karatê na Apae, por meio do projeto: Karatê: Vida e inclusão. Outras sete (07) entrevistas foram realizadas com alunos que iniciaram a prática do karatê, por meio do projeto desenvolvido na escola em tempo integral e que, em momento posterior, deram continuidade às atividades no Dojô. Para garantir a confidencialidade das informações e o anonimato de todos os voluntários da pesquisa optamos por nomeá-los com nomes japoneses.

Cabe ressaltar que não fizemos entrevistas – de forma mais explícita – com os alunos que praticavam o Karatê na Escola em tempo integral; como fizemos com os praticantes da modalidade, no dojô de Karatê. Isto porque percebemos que os alunos que frequentavam o Karatê, na escola – e que eram alunos do 5º ano do ensino fundamental – mostraram-se tímidos e pouco afeitos a responderem perguntas. Daí termos utilizado, na escola, a alternativa de conversarmos com o Sensei de Karatê, sobre os alunos; bem como, por vezes, aproveitarmos o ensejo, momentos oportunos para dialogarmos – informalmente – com alguns deles.

Entendemos que a pesquisa realizada nas dependências da escola em tempo integral e no dojô de Karatê – localizados na cidade de Francisco Beltrão – proporcionou o desenvolvimento de um olhar mais atento sobre a prática do karatê e sobre os efeitos que tal prática traz para seus praticantes, no que se refere ao tema do cuidado de si.

Como já referenciado, ambas instituições possuíam o mesmo professor/instrutor de karatê, que adotava o estilo Wado Ryu. Estilo que segundo o grande mestre Takamatsu (2017) apresenta as seguintes características: O “essencial do Wado Ryu é evitar buscar a vitória do combate pela violência”(p.21). Tal estilo chegou ao Brasil no ano de 1956, justamente com o mestre Koji Takamatsu, com o incentivo do mestre Hironori Otsuka I (1892-1982), criador do estilo. O estilo Wado Ryu

foi reconhecido em 1940 e oficializado pela Butoku-kai, a associação gestora e disciplinar de artes marciais no Japão. Conhecida como a “Escola do caminho da Harmonia”, o wado Ryu seguiu uma filosofia que transcendeu a prática esportiva, mas que perseverava na vida dos

praticantes como um caminho de paz e harmonia” (TAKAMATSU, 2017, p. 21)

A pesquisa realizada em dois ambientes mostrou-se importante, no que se refere à relação que foi possível observar entre os praticantes da arte marcial karatê, com esta arte, a partir de diferentes ambientes. As entrevistas com os sujeitos que iniciaram a prática da arte marcial nas escolas de tempo integral, mas que deram continuidade aos treinos, no dojô, revelaram que estes sujeitos subjetivaram os discursos e as práticas com as quais tiveram contato, durante seus treinamentos na arte karatê. De tal forma que adotaram outros modos de vida, mediatizados pelos saberes advindos das artes marciais.

Além disso, mediante suas experiências pessoais os entrevistados revelaram que se pode pensar em outros espaços educativos, tais como os que se encontram em um dojô de artes marciais, enquanto ambientes que possibilitam acesso a formas interessantes de saber. Saberes que contribuem para o aperfeiçoamento de si, por parte dos sujeitos que têm contato com estes mesmos saberes

Eu era bem violenta antes, bem violenta, pode até parecer que depois que começa a praticar uma arte marcial a gente fica mais violenta, mas na verdade não, eu fiquei mais calma.

(Sakura, entrevistada)

CAPÍTULO III

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJEITOS

3.1 Caracterização da escola e do dojô

Conforme apresentado no capítulo anterior a pesquisa buscou investigar as contribuições da arte marcial Karatê para o desenvolvimento do cuidado de si, por parte de alunos que estudavam em uma escola de período integral. Para isso, acompanhamos as atividades de karatê desenvolvidas com uma turma de 5º ano da escola municipal, de tempo integral, Recanto Feliz. Lá efetuamos observações do ambiente escolar, das aulas de Karatê e estabelecemos conversas informais com os alunos que estavam participando das práticas Karatecas.

Já no espaço do dojô, ou seja, na academia voltada à prática do Karatê que frequentamos e onde tivemos a oportunidade de praticar tal modalidade, pelo período de três meses, estabelecemos relações com os karatecas objetivando compreender as contribuições da arte marcial na constituição/subjetivação destes sujeitos.

A Escola Municipal Recanto Feliz⁴⁰ ofertava, em 2019, Educação Infantil e Ensino Fundamental. Estava situada na rua Taubaté, nº180, no Bairro Pinheirinho. Município de Francisco Beltrão – PR. A Escola possuía uma área de 6.775 metros quadrados e era mantida pela administração municipal, contando com o apoio da Associação de pais, mestres e funcionários (APMF). A escola Recanto Feliz funcionava nas instalações do antigo Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC). Lá estudavam cerca de 1045 alunos⁴¹.

⁴⁰ E-mail da escola: recantofeliz.caic@hotmail.com.

⁴¹ Informação obtida no site da prefeitura do município:
<http://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/secretarias/educacao/enderecos-2/>.

Essa instituição⁴² atendia, em 2019, as etapas de educação infantil, com a oferta da pré-escola para crianças de 4 a 5 anos. Possuía, também, o Ensino Fundamental I nos cinco

anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano. A Escola possuía sala Multifuncional, que atendia os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

O Projeto de tempo integral era contemplado no horário contrário ao do período regular. Além disso, oferecia educação de jovens e adultos (EJA) para alunos maiores de 14 anos e que não haviam cursado ou não haviam concluído os estudos na idade apropriada.

A infraestrutura da escola contava com:

- 37 Salas de aula
- 02 Salas do soninho
- 01 Sala de artesanato
- 01 lavanderia
- 01 Sala de serigrafia
- 01 Brinquedoteca
- 01 Sala de dança
- 01 Sala destinada ao lanche dos professores
- 01 Sala destinada ao planejamento
- 02 Salas destinadas às aulas de literatura
- 02 Salas de vídeo
- 01 Biblioteca
- 01 Sala de secretaria
- 01 Sala destinada à Direção e Vice direção
- 01 Sala de apoio pedagógico (coordenação)
- 01 Sala destinada ao atendimento Multifuncional
- 01 Sala destinada à central telefônica
- 01 Sala destinada ao Laboratório de Informática
- 03 Saguões (2 internos e 1 externo)
- 01 Arena coberta
- 01 Ginásio de Esportes com 01 vestiário, dois banheiros e uma cozinha pequena

⁴² Informações obtidas através do documento Projeto Político Pedagógico (2017).

- 01 Parquinho
- 02 Salas para almojarifado
- 01 Pomar
- 01 Bosque
- 01 Refeitório com dois banheiros, depósito, sala guarda-volumes, duas câmaras frias
- 01 Cozinha
- 01 almojarifado
- 04 banheiros para os professores (02 masculinos / 02 femininos)
- 04 blocos de banheiros, destinados aos alunos (6 femininos e 6 masculinos)
- 01 garagem com 22 vagas cobertas.

Para a obtenção dos dados referente à comunidade escolar buscamos informações que constavam no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, do ano de 2017. Naquele ano foram aplicados questionários, com duas turmas de cada ano escolar, uma do turno matutino e outra do turno vespertino. Além disso, foram apresentadas questões aos profissionais da escola, sobre a organização do trabalho escolar, a fim de traçar o perfil da comunidade escolar.

Os dados apontaram para o fato de que o poder aquisitivo da maioria das famílias dos escolares, era baixo, uma vez que 62% possuíam renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, 24% viviam com 2 a 3 salários mínimos e apenas 5% viviam com uma renda maior do que 4 salários mínimos. Ainda, 9% eram beneficiários do programa bolsa-família. A maioria dos pais dos escolares eram funcionários de instituições privadas (43%), 22% eram autônomos, 17% estavam no serviço público, 9% estavam desempregados, 6% eram aposentados e 3 % eram donos do próprio negócio.

Sobre a escolaridade dos pais os dados apontaram para o fato de que 29% não haviam concluído o Ensino Fundamental, apenas 27% tinham o ensino médio completo, outros 7% haviam concluído o ensino superior. Com relação ao uso de tecnologia nos lares, 90% das famílias disseram fazer uso de aparelhos celulares, todavia, apenas 40% tinham internet em casa. Do ponto de vista da religiosidade, 75% dos entrevistados eram católicos, 24% evangélicos, adeptos de outras religiões não ultrapassaram 2 %.

No questionário aplicado aos funcionários da escola, no tocante à finalidade da escola, 66% apontaram que ela visava o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e a

transmissão dos conteúdos científicos, 34% acreditavam que o papel da escola era propiciar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias a formação de um cidadão crítico, capaz de mudar sua realidade. Quanto a base teórica adotada pelos profissionais, professores, 12 % afirmaram utilizar a abordagem socioconstrutivista, outros 76% afirmaram adotar a perspectiva advinda da pedagogia histórico-crítica. Outros 12% não souberam responder.

A gestão escolar era composta por Conselho Escolar, APMF, Equipe administrativa, Equipe pedagógica, Corpo docente e discente e serviços gerais. O quadro de funcionários era composto de 75 professores, na sua maioria licenciados em pedagogia, 1 agente administrativo, 2 secretárias, 6 coordenadores e 2 diretoras.

No projeto de tempo integral o horário escolar ocorria, ainda em 2019, das 7h30min às 17h, com almoço. Eram disponibilizadas oficinas como: Karatê, dança, arte circense, literatura, artesanato, apoio pedagógico de Língua Portuguesa e Matemática.

As oficinas ocorriam no período contrário ao regular. Os alunos permaneciam na escola para o almoço. Assim, no documento institucional: Projeto político pedagógico (2017), constava que o “objetivo maior da educação é a promoção do desenvolvimento integral dos alunos, por meio dos aspectos intelectual, afetivo, social e físico. Esse período compreende uma jornada entre 7 horas a 9 horas diárias” (p.20).

O espaço do dojô, representado pela academia Real Lince de Karatê-do Wadô-Ryu estava localizado, em 2019, na Rua Vereador Romeu Lauro Werlang, nº 1693. Centro do município de Francisco Beltrão – PR. O espaço ficava no piso térreo da residência do Sensei. Se constituía enquanto associação sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública⁴³, fundada em 1990. Contava, em 2019, com cerca 1.200 atletas associados, de 04 a 60 anos, nas mais diversas graduações. Destes, 70% faziam parte dos projetos sociais desenvolvidos no município.

As aulas eram divididas por faixa etária e nível de graduação. Acompanhamos e participamos das aulas desenvolvidas nas segundas, quartas e sextas no horário das 19h30min até as 20h30min, nas quais participavam os iniciantes maiores de 16 anos, bem como os mais graduados, independentemente da idade. Nessa turma participaram 08 dos 09 entrevistados da pesquisa. No horário das 20h30min participavam os alunos portadores de alguma deficiência, dentre eles um de nossos entrevistados. Além das

⁴³ Lei 3036/03 do município de Francisco Beltrão – PR.

aulas na associação Real Lince, alguns dos professores desenvolviam projetos de Karatê nas escolas municipais de tempo integral, localizadas no município de Francisco Beltrão⁴⁴.

3.2 As observações efetuadas na escola em tempo integral Recanto Feliz

Conforme informamos, a escola em tempo integral Recanto Feliz funcionava, em 2019, nas instalações do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), que fazia parte de um projeto que pertencia ao Governo Federal e que foi inaugurado, na cidade de Francisco Beltrão, em 1994.

Um dos aspectos que chamaram nossa atenção já no início das observações efetuadas na Escola foi a amplitude territorial da instituição. A escola possuía uma área de 6.775 m² construídos e contava com um pátio vasto, com gramado, e possuía bancos espalhados pelo pátio para as crianças se sentarem. Atendia cerca de 1.200 alunos ao total, sendo 340 alunos no período integral, compondo 06 turmas no período matutino e 09 turmas no período vespertino.

O CAIC oferecia aos alunos a feitura de oficinas, atividades ofertadas sempre no contraturno escolar. Estas eram coordenadas, geralmente, por um estagiário contratado pela prefeitura e que apresentava habilidades correspondentes ao tema a ser trabalhado.

Dentre as oficinas existentes na Escola Recanto Feliz, à época da pesquisa, havia karatê, artesanato, dança, arte circense, futebol, handebol, oficinas de língua portuguesa e matemática, ginástica rítmica, literatura, dentre outras. Todos os alunos da Escola deveriam ter contato com todas as oficinas.

A turma que acompanhamos – nas aulas de karatê - foi a do 5º ano vespertino, com 25 alunos matriculados. Estes alunos tinham uma hora de aula de karatê, por semana, nas sextas-feiras. A escolha da turma, para a realização da pesquisa, se deu, como já informado, pelo fato de serem os mais velhos – o que, para nós, facilitaria o diálogo - e por estarem em contato com o karatê por mais tempo, desde o primeiro ano na escola. Na Instituição havia uma sala reservada para a prática desta arte marcial,

⁴⁴ Matéria publicada no jornal do município: https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/292311/Carat%C3%AA-transforma-rotinas-na-escola-sagrado-coracao?fbclid=IwAR0GHCNuyxA7oA_cptzB7xIKKoMuY9Wsvgf1EWWgYODd1GVgsA5XujeuVkm

com tatames em E.V.A., em um espaço adequado para tal atividade.

No primeiro dia de observação a Coordenadora chamou os alunos que participaram da II Copa Paraná de Karatê, realizada no município de São João, para que estes mostrassem as medalhas que conquistaram no evento. Eles se puseram à frente, orgulhosos, enquanto os colegas ouviram a Coordenadora agradecer ao professor, Karateca, por acompanhá-los nessa disputa. Vários alunos da Escola, advindos de várias turmas, participaram do evento e, mais especificamente, do 5º ano vespertino participaram 4 alunos.

Além deste evento, citado pela professora, alguns alunos participaram de atividades como o Campeonato Nacional de Karatê, estilo Wado-Ryu, realizado no mês de setembro na cidade de São Paulo.

Cabe salientar que o que tornava viável levar alguns alunos da referida escola para estes eventos era o trabalho realizado pelo Sensei, que buscava ajuda para o transporte dos atletas - junto à prefeitura do município - e por meio do empréstimo de quimonos – roupas de treino utilizadas no Karatê – advindos da Associação Real lince.

Este fato tornou claro, para nós, que o Karatê ampliava os espaços educativos – as vivências educacionais, com suas nuances - para além dos espaços escolares, formais. Aspectos como viagens, ampliação de convívio social, investimento em pessoas e produção de subjetividades⁴⁵ eram desenvolvidas por meio de tal modalidade.

As atividades do Karatê, nesse sentido, possibilitavam a vivência de novos conhecimentos e a aquisição de novos saberes. Vivências que provavelmente não seriam possíveis, caso a Escola não fosse de tempo integral, caso não tivesse as oficinas e/ou por conta de fatores sociais, econômicos, advindos dos alunos⁴⁶.

Durante as observações efetuadas notamos que os alunos respeitavam o ambiente de treino, o tatame. Na hora de entrar e de sair do ambiente de treino realizavam um cumprimento específico, curvando o corpo. Além disso, só pisavam no tatame com os pés descalços. De acordo com Guimarães e Guimarães (2002) “uma das características mais tradicionais das aulas de Karatê-Dô é a formação e o cumprimento que se faz no início e término das aulas. Existem várias formas de saudação, mas a

⁴⁵ Subjetividade do atleta, por exemplo. Ou seja, de alguém que treina seu corpo, seu espírito para as competições. Para superar seus concorrentes e, segundo a ideia do Karatê, principalmente a si mesmo. Seus temores, suas limitações físicas.

⁴⁶ ⁵¹ O CAIC atende alunos advindos de famílias com dificuldades econômicas.

mensagem é única: a evidenciação da hierarquia e da disciplina que norteia as aulas de Karatê-Dô” (p. 75).

A prática se iniciava com a feitura de uma saudação ao Mestre. Logo após, os alunos se saudavam e era dado início à prática da concentração. Neste momento da aula o Sensei solicitava aos alunos para que fechassem os olhos e, estando na posição Seiza – posição tradicional em que se fica de joelhos e com os pés unidos, sentando-se por sobre os calcanhares – tentassem não se movimentar e ficassem assim por alguns segundos. Percebemos que os alunos ficavam centrados, em silêncio. Esta prática, da concentração, era feita no intuito de que cada praticante desenvolvesse a arte do silêncio interno, como chamavam.

Percebemos que a expressão “Oss” era sempre a utilizada para cumprimentarem-se no tatame, para auferirem expressões como “sim”, “por favor”, “obrigado”. Também eram praticados, nas aulas, os katás, uma série de movimentos corporais que imitam ataques e defesas feitos de forma coordenada e sincronizada. O Sensei acompanhava os alunos, durante a realização destes movimentos, incentivando-os a melhorarem, cada vez mais, suas performances.

Em uma das aulas que observamos houve a colaboração de um acadêmico de educação física, que fez algumas atividades com os alunos, tais como corrida, saltos, etc., deixando os alunos bastante agitados. Em seguida, o Sensei adentrou a sala de treinos e organizou a turma, lado a lado, por meio de duas filas; indicando o início da aula de Karatê. Mediante orientação os alunos fecharam os olhos e ficaram em silêncio. A partir daí o Sensei induziu uma fala por meio da qual efetivou uma meditação orientada⁴⁷, de modo que os alunos buscassem não se movimentar, buscassem “esvaziar” os pensamentos, trabalhando sua respiração. Após alguns instantes os alunos estavam calmos, tranquilos e iniciaram a aula de Karatê. Isso chamou bastante nossa atenção, pois como educadores reconhecíamos a dificuldade de acalmar os alunos, principalmente em momentos como o pós-intervalo ou após as aulas de educação física.

Em outro momento de observação percebemos que os alunos estavam curiosos sobre a questão da graduação – troca de faixas - do Karatê. O sensei explicou-lhes que o aluno, iniciante, começa com a faixa branca e avança para as respectivas

⁴⁷Posteriormente o Sensei informou que foi uma prática de meditação orientada, ou seja, prática por meio da qual busca-se direcionar a mente para um objeto em particular, de modo a se controlar o fluxo contínuo de pensamentos.

graduações/cores das faixas: amarela, laranja, bordô, azul, verde, roxa, marrom e faixa-preta. Questionaram em que graduação estavam⁴⁸ e o Sensei lhes falou, dentre outras coisas, sobre a importância de realizarem os exames de graduação – de faixa - para mudarem a coloração da mesma. Falou, ainda, que estava tentando conseguir realizar os exames de graduação sem que os alunos tivessem que pagar por eles.

Neste mesmo dia, ao final da aula, perguntei a um aluno sobre sua graduação. Ele me disse: “Estou na faixa branca porque meus pais não têm condições de pagar o exame de faixa, para mim”. O Sensei informou que este aluno poderia ter avançado em sua graduação, mas devido à situação econômica de sua família não pôde realizar tal feito. Apesar disso, no decorrer das aulas, sempre observamos este aluno concentrado e entusiasmado com a possibilidade de participar de novas competições. Embora pudesse ter dificuldades, não deixava que elas o limitassem. Era um aluno/karateca dedicado e que fez parte de competições que ocorreram no ano de 2019.

Verificamos, ainda, que havia um aluno mais dedicado que os outros, na prática do Karatê, e que realizava os movimentos num grau de dificuldade acima da média. Perguntamos ao Sensei se este aluno, em particular, praticava a modalidade há bastante tempo. Ele chamou o aluno e pediu que este me contasse sua história. Contou o aluno que, no início, não queria praticar o Karatê; contudo, após o Sensei insistir com ele, “não desistir de mim” – como afirmou –, passou a praticar e gostar da arte marcial. Disse, ainda, que o Sensei o levou em um evento de Karatê para que conhecesse a modalidade e que, depois disso, começou a praticar efetivamente. Segundo relato do Sensei este aluno era um dos seus melhores atletas.

Estes relatos nos fizeram observar que a questão do poder, que perpassava a relação entre Sensei e alunos de Karatê se dava, a princípio – e por vezes – por meio da resistência. Aliás, fato que pode ocorrer nas demais atividades escolares – envolvendo docentes e alunos.

Nesse caso em particular, quando o Sensei mostrou ao aluno o ‘mundo’ que envolve o Karatê

– ao mostrar, para ele, as atividades realizadas por outros praticantes da modalidade – este acabou exercendo uma forma de poder positiva, e não negativa, sobre seu aluno. Ou seja, o Mestre (sensei) utilizou-se de poder, sim, uma vez que influenciou o aluno na direção da prática do Karatê; mas o fez a partir do exemplo advindo de outros atletas/karatecas, o que serviu de modelo/inspiração para este aluno adentrar o mundo

⁴⁸ Questionamento que reflete a vontade de serem reconhecidos pelos saberes que possuem.

da arte marcial.

Esse tipo de influência, baseada em uma ação a ser observada e possivelmente praticada, a partir da compreensão de que estas práticas são benéficas para o sujeito, não é uma forma de saber que se possa transmitir por meio do diálogo – simplesmente - mas sim, por meio do exemplo. Questão que evidenciou, para nós, o fato de que a prática do Karatê instiga formas de cuidado de si, tais como querer ser um atleta reconhecido, cuidar do próprio corpo, desenvolver uma boa performance atlético/física, aperfeiçoar os movimentos corporais/estéticos ao limite, etc.

Aspectos que parecem se ligar ao cuidado de si, a formas de relação de si para consigo mesmo que transcendem os aspectos tradicionais, requeridos pela escola e pela sociedade, tais como o aprender uma profissão, ser capaz de ganhar dinheiro, etc. Voltados ao mundo exterior. E não ao mundo interior. Ao próprio sujeito.

De acordo com Carvalho (2014)

É na vivência de exercícios constituidores de novos sujeitos, que experimentam liberdades que não podem ser transmitidas nem emprestadas ao outro, que o trabalho pedagógico se faz para além de um cuidado dos interesses (riqueza, privilégios, poder). Ele é um exercício orientado para uma estilização da vida, uma forma desagregadora de qualquer sentido prefixado, preconcebido de ser e estar consigo mesmo, com o outro e com o mundo (CARVALHO, 2014, p. 174)

Durante o tempo que acompanhamos a turma do 5º ano vespertino, por uma hora semanal - durante três meses - deparamo-nos com a insistente pergunta, feita pelos alunos, referente à troca de graduação: “Pelo colégio, nós trocamos de faixa?” Uma pergunta simples, mas que refletia a vontade, advinda de parte dos alunos, no sentido de alcançarem algo maior, de evoluírem nas suas práticas dentro da modalidade Karatê. Fato que mostrava o envolvimento dos mesmos com a modalidade e evidenciava que, de algum modo, tal modalidade os instigava a quererem algo mais, a buscarem ser algo mais.

Em contrapartida, esta era uma pergunta que demonstrava as dificuldades financeiras advindas das famílias dos alunos e que, de algum modo, dificultava a continuidade nas práticas do Karatê, para além das aulas realizadas na Escola. Essa especulação se confirmou quando tivemos um diálogo com um aluno que foi convidado pelo Sensei para ir ao XXXVIII Torneio Nacional da Confraternização de Wadô-Ryu, Karatê-Dô, realizado em São Paulo – SP. Torneio no qual este mesmo aluno se tornou campeão. Na prática do kata. Na conversa que tivemos com o aluno,

este disse que gostou muito da experiência e que gostaria de evoluir no esporte, alcançando, quem sabe, uma posição como a do atleta beltronense – de MMA⁴⁹ – Elizeu Capoeira, praticante de capoeira e de outras modalidades de luta e que, admirado sobretudo regionalmente, serve de inspiração para muitos. Este aluno, depois descobrimos, foi ajudado pelo sensei, de modo a conseguir manter seu treinamento, para além do espaço reservado na Escola Recanto Feliz.

Nesse mesmo dia, enquanto conversávamos com o Sensei percebemos a aproximação de um aluno, que perguntou: “Professor, como eu fui hoje?” O Sensei olhou para o aluno e lhe respondeu, também por meio de uma pergunta: “Você deu o seu melhor, hoje? Se deu, então você foi bem!” Percebemos que o aluno saiu satisfeito com a resposta. Episódio que nos mostrou, mais uma vez, a capacidade de uma modalidade como o Karatê, no sentido de instigar o olhar de si para si mesmo, por parte de seus praticantes. Um olhar que se direciona para o aperfeiçoamento pessoal, físico, mental, estético/corporal; bem como, para o esforço pessoal a ser feito, via trabalho ético e, portanto, em direção ao melhoramento de si.

As observações feitas e direcionadas às aulas de Karatê efetivadas na Escola Municipal de tempo integral, Recanto Feliz, evidenciaram que os alunos eram bastante participativos. Alguns se destacavam durante as aulas, mostrando-se mais concentrados, disciplinados. Estes alunos buscavam executar os movimentos de forma correta, a partir da solicitação do Sensei. Participavam das competições da modalidade, de modo a representarem o município. Nesta direção, demonstravam um envolvimento, tanto para com outras pessoas/praticantes, como para consigo mesmos, ao buscarem dar o melhor de si, por meio das atividades realizadas.

Ficou claro que uma modalidade como o Karatê, ensinada na Escola em tempo integral Recanto Feliz contribuía para o desenvolvimento de aspectos físicos (por meio do aumento da flexibilidade, da coordenação motora, da agilidade, da força física, da resistência cardiovascular adquirida, etc.); sociais (por meio da participação em eventos, da realização de viagens, da participação em competições, do contato com Senseis e/ou praticantes advindos de outros lugares); disciplinares (por meio da aquisição de rituais que levavam em conta uma etiqueta a ser seguida, no tatame, bem como o respeito a ser destinado para com o Sensei, para com praticantes mais antigos

⁴⁹ Mix Martial Arts, ou artes marciais mistas. Modalidade de luta que começou a se desenvolver nos EUA, na década de 90 do século XX e que ganhou o mundo, a partir de então.

e para consigo mesmos⁵⁰).

As aulas lidavam não apenas com posturas físicas, mas com temas filosóficos/comportamentais por meio dos quais o Sensei instigava os alunos a buscarem o melhor para si, a adotarem posturas adequadas diante da vida, diante de si mesmos. Nesse sentido, a prática da arte marcial Karatê desenvolvida na escola em tempo integral, observada

– mediada pela relação entre o Sensei e os alunos/karatecas – desencadeava processos de subjetivação, de formação de determinados tipos de sujeito, a partir da adoção, feitas por estes, de certas práticas de si. Práticas que os faziam voltarem-se para si mesmos, para seus corpos, suas mentes, suas metas, sua disciplina interna; bem como, para a relação a ser estabelecida com os outros. Essas práticas eram mediadas por uma filosofia de vida e eram ensinadas na prática, e não de forma puramente teórica - oralmente.

Questão que nos remete à discussão que Michel Foucault desenvolveu, justamente, sobre o cuidado de si, das práticas de si, para si, e de exercícios que são utilizados pelo sujeito de modo a fazer com que desenvolva aspectos de si. Que o o conduzam a uma vida ética e esteticamente mais elaborada. Para tanto, o indivíduo desenvolve rituais que o levem ao melhor de si, a viver a vida, como dizia Foucault, como uma obra de arte. Uma vida esculpida a partir de certos padrões de pensamento e de práticas executados cotidianamente⁵¹.

Estas práticas, de si, podem efetivar condições de existência – que foucault (2006) chamava de estilização da existência – ou seja, todo um estilo de vida traçado a partir da cultura do cuidado de si. Capaz, então, de desenvolver a autonomia do sujeito, diante de um mundo caracterizado – fortemente – pelo consumismo, pela massificação, pela subordinação.

⁵⁰ Respeito por seu corpo, a partir da manutenção da higiene pessoal (manter as unhas cortadas, por exemplo). A partir do cuidado de si (tomar cuidado com o uso de bebidas alcoólicas, com o uso do cigarro, com o controle do sono, etc).

⁵¹ É preciso, no entanto, anotar aqui o fato de que alguns desses alunos – observados – provavelmente não poderão dar sequência à caminhada nas artes marciais, para além da Escola. Por conta das questões econômicas de suas famílias. Fato a ser levado em consideração. Apesar disso, levarão consigo as experiências e os conhecimentos adquiridos por meio da prática do karatê, efetivadas nas escolas de tempo integral das quais participaram.

3.3 As observações feitas no Dojô (academia)

A pesquisa desenvolvida no Dojô foi feita por meio da participação nas aulas de Karatê que lá ocorriam, três vezes por semana. Praticamos a modalidade no horário das 19h30min, que contava com uma turma de 20 praticantes e da qual entrevistamos alguns.

Além desta atividade, feita por meio de observação participante, efetuamos o acompanhamento das atividades desenvolvidas no horário das 20h30min – por meio de observação não participante. Neste horário as atividades eram desenvolvidas por poucos alunos, alguns portadores de alguma limitação física. Um de nossos entrevistados, acometido por baixa visão, fazia parte do grupo.

Em uma das aulas encontrei o presidente da Associação Real Lince de Karatê Wadô- Ryu, que participa dos treinamentos no horário das 19h30min. Conversamos brevemente, depois da realização de uma aula de Karatê, e falamos acerca do nome da Associação. O mesmo explicou que o nome Real foi escolhido como forma de homenagear a Realeza japonesa, no caso, a Monarquia do Japão - expressa pelo imperador. Representa, com isso, um símbolo de sabedoria e de humildade. A palavra Lince adveio, por sua vez, do felino que possui este mesmo nome e representa a destreza e a agilidade requeridas no karatê. Falou, ainda, que Mestre Otsuka, fundador do estilo de Karatê Wadô-Ryu, adaptou o cumprimento tradicional - feito pelos japoneses⁵² - para a direção do “olho no olho”. Isso para mostrar que nós, seres humanos, somos iguais.

Explicou, ainda, que os movimentos na modalidade Wadô-ryu são feitos de modo a se conter o adversário, usar a força dele contra ele mesmo. Vencê-lo como a “água que contorna a pedra mais dura”. Deste modo, a filosofia deste estilo prega, do ponto de vistado combate físico, o contornar a força do adversário.

Disse que o ritual que normalmente acompanha as aulas de Karatê ocorre por meio da prática de alongamentos – feitos no início e ao final das aulas -, com o trabalho de concentração – para que se treine a mente -, com o trabalho dos katás - que devem ser feitos por meio da concentração e atenção contínua -, e por meio da prática da luta, que pode ser simulada ou livre e ajuda a desenvolver o controle emocional e técnico do praticante.

Falou do uso do termo “oss”, do qual já tratamos, além do fato de que cada

⁵² Feita por meio inclinação do corpo e do olhar voltado para o chão, em sinal de respeito, humildade.

praticante deve buscar, por meio do treinamento, superar a si mesmo. Deu um exemplo, nesta direção, a respeito dos chutes realizados durante as aulas. Que começam baixos, mas a cada dia busca-se chutar um centímetro mais alto. Concorrendo ainda, para que ao final de um tempo os chutes sejam feitos com mais perícia, precisão.

Em uma das aulas o Sensei explicou que havia diferença entre o Karatê esportivo e o utilizado para a defesa pessoal. No primeiro o objetivo é pontuar, ganhar uma competição que tem regras. No segundo, o objetivo é salvar a própria vida e, como bem ressaltou o Sensei, o Karatê para a defesa pessoal somente deve ser utilizado para salvar a própria vida ou a vida de outra pessoa que estiver em risco. Não deve ser usado para salvar pertences ou objetos de valor, pois estes podem ser adquiridos novamente.

A defesa de um karateca, conforme relato do Sensei, são suas mãos, pés, joelhos e cotovelos. Enfim, os membros. Estes são utilizados a partir do uso da mente, instância mais difícil de controlar. Em suas origens, acredita-se que o Karatê é uma mistura do boxe chinês com o kung Fu e com as lutas de mãos vazias que se praticava em Okinawa.

Por menos que se aceitem as lendas como fato histórico, penso que quase não há dúvida de que o boxe chinês realmente cruzou o mar na direção de Okinawa, onde se misturou com um estilo de luta de punho originária de Okinawa para formar a base do que hoje conhecemos como Karatê (FUNAKOSHI, 1994, p. 35)

Sobre os períodos de guerra, foi dito

Mais tarde, Shimazu conquista os Ryu-Kyu e proíbe também as armas dessa nova intervenção. Nasce de fato o Okinawa-Te, uma escola do Kenpo e de estilos locais. Nestes tempos, os treinos eram secretos e os alunos escolhidos; a tradição da arte de pai para filho. Treinavam firmemente, e como o uso das armas era terminantemente proibido, faz-se das mãos e pés, armas capazes de substituí-las (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 44)

Conforme participávamos as aulas fomos percebendo que o Karatê exigia muita atenção, concentração, força, equilíbrio, confiança – já que você deixa seu corpo disponível para os golpes do colega de treino -, velocidade e reflexo.

Durante uma das aulas o Sensei explicou que o tempo era um fator primordial para que o praticante aprimorasse a perícia nos movimentos. Ressaltou os méritos de um faixa-preta, por ser um praticante que não desistiu, que superou seus limites e as circunstâncias adversas que, porventura, tenha encontrado. Ressaltou que embora não fosse fácil, todo aquele que se dedicasse, que realmente quisesse, poderia chegar à faixa-

preta. Mas que deveria respeitar os limites do próprio corpo.

Em outra aula, enquanto praticávamos o Karatê, o Sensei falou sobre o kiai⁵³. Explicou que é a exteriorização da energia corporal, da força interior. Por meio do kiai se externaliza a força de um lutador. Segundo Guimaraes e Guimaraes (2002),

A utilização do kiai torna-se consciente ao praticarmos uma técnica marcial, o que é de conhecimento de qualquer praticante experiente. Todavia, o kiai também é aplicado inconscientemente mesmo para os leigos, quando em estados de perigo como incêndios, vendavais e tormentas. Ao levantarmos muito peso estamos praticando uma forma rudimentar de kiai, para criar coragem e energia (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 92)

De acordo com autores como Hyams (1979) “define-se o ki como uma energia ou força interior que pode ser direcionada do ‘ponto único’ – localizado três dedos abaixo do umbigo - através da visualização, para lugares fora do corpo” (p. 66). Ou seja, o Ki é um elemento tradicional da cultura chinesa que se manifesta como uma força/energia cósmica, energia da vida.

Nas aulas de Karatê fazíamos exercícios de força, agilidade e precisão, por meio da utilização de técnicas de mãos e pés, normalmente em duplas, por vezes com o auxílio de luvas e protetores de pés. Sempre havia o objetivo de não acertarmos o companheiro, até porque nas competições de Karatê Wadô-ryu os atletas que acertam golpes que machuquem o outro atleta perdem pontos.

O objetivo, embora aparentemente ambivalente, é de desenvolver a capacidade de golpear o outro – com precisão, força e velocidade – mas sem atingir o mesmo, com toda a intensidade. É uma mistura de perícia com controle e, como uma forma de arte marcial, de uma prática que visa o desenvolvimento da perícia marcial; acompanhada de uma filosofia ética que requer o autocontrole e o cuidado para com o outro.

A prática dos katás, feitos a partir da simulação de uma luta, era rotineira durante as aulas. Serviam, segundo o Sensei, para desenvolvermos os golpes e a movimentação típica do Karatê. Percebi que os katás exigiam controle da respiração, concentração e busca pela perfeição. Uma forma de meditação em movimento, pois esta permite organizar o curso do pensamento.

Nos intervalos das práticas, dos exercícios, o Sensei sempre explicava questões relacionadas ao Karatê, tais como as direcionadas ao controle corporal. Durante uma

⁵³ Kiai é o grito que acompanha as técnicas. É feito com o objetivo de aumentar o foco e o poder dos golpes.

das aulas, realizamos um exercício por meio do qual precisávamos prestar atenção nos olhos do companheiro de treino, de modo a tentarmos antecipar o movimento das mãos, deste. Este exercício nos fazia rir, porém, o Sensei afirmou: “A vontade de vocês é de rir. O corpo quer isso, mas vocês precisam controlar essa vontade de rir, controlem seus corpos”. A partir disso, todos passamos a nos concentrar no exercício, controlando nossos corpos e nossa percepção diante do outro.

No mês de setembro de 2019 houve um exame de graduação, ou exame de faixa, dos alunos que treinavam no dojô. O Sensei indicou aqueles que estavam aptos a avançar na cor da faixa. No treino seguinte, após a data da realização do exame de graduação, o professor parabenizou os alunos que foram aprovados e entregou as novas faixas.

Chamou-nos a atenção o fato de um aluno, advindo da escola de educação em tempo integral, do município, não ter feito o exame, mesmo possuindo plenas condições para tal. Na sequência, foi dito que alguém teria pago o exame de graduação deste aluno, e que o mesmo poderia realizar tal atividade no outro dia. Ao ser indagado sobre quem teria pago o exame de graduação do aluno, o Sensei afirmou que a pessoa havia solicitado discricção, por isso, não poderia revelar o nome dela. Respeitamos sua decisão.

No mês de novembro de 2019 ocorreu o exame de faixa dos alunos das Escolas de tempo integral do município de Francisco Beltrão, que realizavam a prática do Karatê. A escola Recanto Feliz também contemplou o evento, que contou com a participação do Mestre Sérgio Hiroshi Takamatsu, presidente do estilo wadô-ryu para a América do Sul, técnico da seleção paulista de Karatê e membro da comissão técnica da Confederação Brasileira de Karatê Wadô-ryu. Ele é formado em Educação Física e é especialista em artes marciais, pelo Japão.

Durante o período de realização da pesquisa ocorreram eventos de Karatê, tais como o XXXVIII Torneio Nacional de Confraternização Wadô-Ryu Karatê-Dô, realizado na cidade de São Paulo – SP; os jogos da juventude, realizado em Londrina – PR; a 3ª fase da Copa Paraná de Karatê wado-ryu, realizado no município de Nova Prata do Iguaçu – PR – que contou com a participação de cerca de 350 atletas, de 16 municípios do Sudoeste do Paraná. A delegação do município de Francisco Beltrão – PR - contou com cerca de 70 atletas neste evento, distribuídos entre várias idades, dos 07 aos 58 anos. Neste período também ocorreram os exames de graduação, de faixa.

Alguns alunos da escola em tempo integral Recanto Feliz participaram destas competições, ganhando medalhas. É o caso de uma de nossas entrevistadas, aqui nomeada “Sakura”, que alcançou o primeiro lugar na prática do katá.

É curioso observar que quando entregamos os termos de compromisso para que Sakura assinasse e participasse de nossa pesquisa, esta afirmou: “Na escola eu só incomodava, era uma péssima aluna”! Expressão de uma subjetividade que se volta para si, para suas limitações, ações desencadeadas e que parece refletir sobre a necessidade de melhorar a si. Algo que foi feito, assim nos parece – no caso de Sakura – a partir da influência do cuidado de si propiciado pela prática do Karatê. Observamos que tal modalidade representava, para ela, algo muito valioso. O que pôde ser visto a partir do fato de a mesma ter tatuado, em seu corpo, o termo Karatê, em kanji (escrita japonesa).

Os eventos que acompanhamos mostrou haver, na prática do Karatê, formas de cuidado de si que foram explicitadas, por alguns alunos/atletas, durante as refeições feitas nos dias dos eventos, ou no trajeto para as competições, entre outros momentos ociosos que nos foram muito oportunos. Vários karatecas relataram, por exemplo, que foram dormir cedo, na noite anterior ao dia da competição, para descansarem melhor e poderem desempenhar suas performances de maneira mais qualitativa. Além disso, relataram que fizeram refeições mais leves que o habitual, para se sentirem mais dispostos durante a realização dos kumites.

Como assinala Foucault (1984) a prática do regime também é uma das formas de cuidado de si, uma relação refletida consigo, pois “o regime é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana; ela caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência, e permite fixar um conjunto de regras para a conduta” (p.92).

Os discursos pareciam refletir a preparação física e técnica feita antes das competições, o esforço realizado da maneira correta, o preparo adequado para as competições. Relatos que evidenciaram ações referendadas por uma disciplina adotada, por formas de auto responsabilização perante os resultados almejados.

Observamos, também, que durante a realização dos eventos os karatecas mais graduados (com idade entre 16 e 17 anos) ajudavam na arbitragem, atuavam como mesários, cuidavam dos menores.

Da mesma forma, todos demonstravam respeito pelos seus adversários; bem como, pelos árbitros - sempre se curvando frente a estes, antes e depois das atividades competitivas. Tais posturas caracterizavam a cultura adotada pelos sujeitos/karatecas nos eventos, nas competições. Deste modo, compunham um rol de ações que mostrava haver, nestes ambientes, práticas moldadas por um cuidado de si. Este, adquirido por meio de uma filosofia de vida exercida e vivenciada intimamente.

Reforçamos o fato de que tanto as percepções obtidas por meio da observação participante, quanto as realizadas a partir da observação não participante foram de suma importância para a efetivação da pesquisa. De um lado, as experiências cunhadas a partir da prática nos evidenciaram sensações e emoções que não poderiam ser compreendidas, na sua inteireza, se fizéssemos apenas entrevistas formais. Além disso, o contato mais próximo com os praticantes – alunos de karatê - permitiu que a utilização da ferramenta entrevista fosse feita de forma mais eficaz, uma vez que os sujeitos entrevistados se mostraram confortáveis para relatarem suas experiências.

Por outro lado, a observação não participante nos permitiu estar em lugares, como a oficina de Karatê realizada na escola de tempo integral, e acompanhar os sujeitos escolares durante a atividade da arte marcial. Nos permitiu perceber o envolvimento destes, com a arte, a postura incentivadora do sensei e, principalmente, as subjetividades que se desenvolviam sob a forma de cuidado de si, com os outros, com o local de treinamento. Segundo Guimarães e Guimarães (2002) “todo praticante de Karatê-Dô deve saber como se portar e agir dentro do “Dojô”, local onde treinamos. Para nós karatecas, é um lugar sagrado e de iluminação física, mental e espiritual” (p. 82).

Por meio das inserções feitas nos ambientes, tanto da escola quanto do dojô, foi possível adentrar no mundo das artes marciais e ter contato mais próximo com os praticantes da arte. O que nos possibilitou absorver relatos e experiências significativas, que compuseram um rol de informações por meio das quais foi possível aferir pontos importantes relacionados ao tema do cuidado de si. Cabe ressaltar que as observações desencadearam mecanismos de aproximação para/com os alunos/karatecas aprofundadas por meio de entrevistas. Relatadas abaixo.

3.4 As entrevistas

3.4.1 Entrevista com “Naomi”

A entrevistada era praticante da arte marcial Karatê no dojô (Associação Real Lince de Karatê Wadô-Ryu). Era profissional, aposentada da área de enfermagem e tinha 58 anos. Praticava Karatê há 06 anos. Ao ser questionada sobre seu interesse na prática do Karatê informou que gostou muito de assistir ao filme “Karatê kid”, por conta disso, se interessou pela modalidade e sempre incentivou os filhos e o irmão a

praticarem.

Afirmou que seu filho iniciou a prática da modalidade com aproximadamente 09 anos de idade, tendo praticado até os 17 anos. Neste momento da vida sua namorada engravidou e ele não pode dar continuidade aos treinos. Seu irmão praticou a modalidade por um tempo curto e ao ingressar na faculdade de Direito também não conseguiu dar continuidade aos treinos. Sua filha foi levada ao ‘tatame’ com 06 anos de idade e praticou até adquirir a faixa- preta. Formou-se em educação física e cursava, a época da entrevista, o Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Havia parado com a prática do Karatê por não conseguir conciliar suas atividades.

Acompanhou a filha nas aulas de Karatê durante um bom tempo. Certa vez, um Sensei a convidou para praticar a modalidade, mas ela pensava que os treinos deveriam ser feitos, em primeiro lugar, por seus filhos. Com o tempo, todavia, resolveu iniciar a prática e graduou-se, posteriormente, na modalidade. Informou que gostava muito de praticar o Karatê e que sempre incentivava os demais a fazerem o mesmo. “O Karatê é bom para a gente, é bom para a saúde. A gente tem amizade, é como uma família”!

Quando a questionamos sobre o que ela mais gostava no Karatê disse que gostava dos katás, mas, preferencialmente, das lutas (kumites). Não apontou nenhum motivo, em especial, para isso. Diante da pergunta sobre a influência do Karatê na vida das pessoas, afirmou que a modalidade contribuía com o “caráter, a saúde, a educação. Você percebe a diferença nas crianças que fazem Karatê principalmente na escola”!

Ao retratar a questão das mudanças comportamentais que, porventura, teria visualizado a partir da prática do Karatê afirmou que a principal mudança ocorrera em relação a sua saúde. Disse que já fazia atividades físicas antes do Karatê mas que ao aderir à modalidade acabou adotando esta como sua única prática física. Disse que a arte marcial “ajuda mais na questão da saúde, da disposição! Não deixa com dores”. E ainda: “Te leva a ter amizades com as pessoas, eu acho tão legal isso”! A gente conversa com outras pessoas”! “Conhece mais gente”!

A entrevistada reafirmava o fato de ver o grupo do Karatê como uma família, enfatizando, ainda, a questão do respeito entre os karatecas. Nesta direção, disse que todos se tratavam “de igual para igual”, independentemente de terem ou não alguma limitação física ou serem mais graduados, uns em relação aos outros.

Sobre os hábitos de vida adquiridos por meio da prática do Karatê falou que era uma pessoa “mais estressada”, “agitada”, antes de começar a praticar a modalidade! Que, para ela, “tinha que ser tudo na hora”! Com a prática do Karatê – por meio da

concentração que tal modalidade exige - aprendeu a ser mais paciente, a ficar mais centrada, ser mais tranquila. Atribuiu isso ao Karatê. Naomi também ressaltou a questão da alimentação. Afirmou que: “Se você se alimentar mal, de forma errada, você vai mal no Karatê e na tua vida”!

Como mãe de uma karateca que se formou faixa preta ela percebia na filha a dedicação, a concentração, a tranquilidade e o empenho como traços adquiridos. Disse que a filha se sagrou campeã paranaense, apesar de quase ter perdido “três dentes, numa luta”! Afirmou que a filha nunca entrou em brigas com outras crianças, como forma de mostrar superioridade ou para mostrar que era praticante de Karatê ou de artes marciais. Disse, ainda, que sua filha deu aluas de Karatê com 14 anos, sob a supervisão do Sensei. Acreditava, ainda, que isso poderia ter influenciado, na opção da filha, pela licenciatura em Educação Física e por querer ser professora.

O diálogo estabelecido com Naomi foi de importante relevância para a pesquisa, no sentido de mostrar as contribuições que a prática da arte marcial Karatê trouxeram para a entrevistada. Enquanto mãe de praticante de Karatê, enquanto mulher, enquanto praticante. As práticas de cuidado de si advindas da arte marcial Karatê, levantadas pela entrevistada, giraram em torno dos cuidados alimentares, dos cuidados para com a saúde, do controle da ansiedade, das relações sociais estabelecidas com outras pessoas, das relações afetivas desencadeadas para com os atletas da Associação Real Lince de Karatê.

3.4.2 Entrevista com “Neji”

As entrevistas com o portador de baixa visão, “Neji”, também transcorreram nas dependências das Associação Real Lince de Karatê Wadô-Ryu. Como salientado, nosso entrevistado era/é portador de baixa visão, tinha 39 anos à época das entrevistas, praticava o Karatê há 20 anos e fazia parte da seleção brasileira de Para-Karatê (Karatê adaptado). Disse que buscou, no Karatê, uma modalidade por meio da qual pudesse se expressar individualmente: “Para eu lutar contra eu mesmo, para meu adversário ser eu mesmo”! Afirmou que no início da prática pensou que não iria conseguir. Entretanto, diante da paciência e insistência dos Senseis, deu continuidade à modalidade.

Questionamos o mesmo sobre o motivo de ele continuar praticando o Karatê por tanto tempo e ele afirmou que o fazia, em primeiro lugar, porque gostava da modalidade; em segundo lugar, porque o Karatê era uma forma de ele reforçar a luta

diária diante de suas próprias dificuldades e/ou limitações. Afirmou: “Eu levanto todo dia e, como se diz, já caio no tatame com a minha própria dificuldade”! “O Karatê é, para mim, um meio de eu me superar”! “Sempre tem alguma coisa a mais para eu buscar porque não é porque a gente é faixa preta ou da seleção brasileira que estamos com a missão cumprida. Sempre tem alguma coisa para aprender”.

Indagado sobre a questão da inclusão social, vinculada ao Karatê, o entrevistado afirmou: “Eu acho que não existe, porque cada um tem a sua particularidade, por mais que se dizem sem deficiência”! Entendemos que o que ele quis dizer foi que todos os indivíduos possuem alguma forma de limitação. Essas limitações podem estar relacionadas a aspectos de ordem econômica, afetiva, social, etc., e não necessariamente físicas.

Além disso, observamos o fato de que o entrevistado desenvolvera uma leitura, de si, que não era baseada no vitimismo, mas no protagonismo. Além disso, disse que pode existir um meio-termo entre as pessoas ditas normais e as que possuem certa deficiência. “Às vezes, dentro da sala de aula, com os alunos ditos normais, é onde nós, com necessidades especiais, aprendemos. E eles também aprendem”, afirmou.

Questionado acerca das aulas de Karatê que ministrava na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ele disse que era fruto de uma parceria efetivada entre a Associação Real Lince de Karatê e a Secretaria de Esporte do município, com a intenção de “levar o Karatê para quem não conhece, para quem não tem oportunidade”. Informou que tinha, à época das entrevistas, aproximadamente 30 alunos. Disse que além do Karatê trabalhava com o golbol para cegos e portadores de baixa visão. Afirmou que a escola possuía atividades como o handebol para cadeirantes, o xadrez adaptado, o tênis de mesa e o futsal para os surdos.

Ressaltou, ainda, sua postura de professor, enquanto exemplo a ser seguido por outros. Disse: “Meus alunos pensam: se ele consegue eu também consigo”! Frases como esta mostraram que o entrevistado tinha orgulho de sua postura. De suas conquistas. Tinha uma leitura, em relação a si mesmo, como a de alguém que é capaz de fazer a diferença, como alguém capaz de atingir seus objetivos. O que denotava uma visão, de si para si mesmo, altamente calcada numa forma de cuidado de si. De um trabalho, feito de si para si mesmo, com o aporte de outros, que o levaram a compor uma autoimagem positiva. Entendemos que boa parte dessa postura adveio da prática do Karatê.

Questionamos o entrevistado sobre o olhar das pessoas diante do fato de ele ser professor de artes marciais e portador de uma limitação física. Disse que algumas

peças não acreditavam quando dizia que dava aulas de Karatê. Também disse que: “Quando você está lá representando, aparecendo num jornal ou aparecendo no pódio, ou dando aula, ou até mesmo entregando uma faixa para um aluno teu, é muito gratificante”! e ainda, que algumas pessoas já haviam dito para ele: “O pessoal tira o chapéu pra você”! Denotando admiração de outras pessoas em relação à sua postura.

Nesse momento da entrevista passamos a questionar o entrevistado sobre as possíveis mudanças que o Karatê trouxe para sua vida. Informou: “Primeiro, a disciplina; depois, a superação”!

Em relação à sua restrição visual informou que, por vezes, “pensei que não ia conseguir”! Contudo, o Karatê o ajudou a superar a limitação visual por meio de atividades como participar de um exame de graduação ou de um campeonato de Karatê. Segundo o entrevistado, o resultado da dedicação, do empenho, apareceu com o tempo e o deixava muito satisfeito. Além disso, afirmou que promoveu mudanças na sua alimentação e passou a controlar a ansiedade. Para ele: “Toda arte marcial traz um relaxamento”! “Você quer descarregar? Então descarregue no tatame, e não em outro lugar ou em outras pessoas”.

Quando indagado sobre o que é ser karateca, afirmou: “O Karatê e o karateca, o ser atleta, começaram, para mim, quando eu peguei a faixa preta. É o início, agora eu sou karateca. É onde você começa a sua caminhada, porque enquanto somos faixas coloridas você vai buscando cores mais escuras, até chegar na preta. Só que é a preta que te mostra o que você é, ou como você treina. Se você é um karateca ou não é”! Continuou: “Ser karateca, pra mim, é uma honra”!

Reforçou os aspectos positivos, advindos do Karatê, tais como a disciplina adquirida, a educação que se absorve e, especificamente, a aquisição de um senso equilibrado diante das circunstâncias. Afirmou que nos treinamentos, por exemplo, as crianças aprendem que “tem a hora da brincadeira, tem a hora de treinar. A criança aprende muito”.

Nosso entrevistado afirmou que, junto com o ser-atleta, vêm as responsabilidades. “Eu era faixa colorida e fui aumentando, aumentando e cheguei na preta. Então eu tenho, também, que dar o exemplo; desde dentro da sala de aula, num tatame, num campeonato, eu tenho que dar o exemplo. Agora como professor a responsabilidade sobe, dobra, porque você tem que mostrar o que é certo e o que é errado”.

Sobre as competições afirmou que o Para-Karatê surgiu em 2014, possibilitando que pessoas portadoras de deficiência pudessem competir, participar.

Disse que foi neste ano que abandonou a categoria correspondente aos atletas não possuidores de problemas de ordem física e passou a competir no Para-Karatê. Em uma competição realizada em Campo Grande

– MS - em que participou da competição de katás, se viu só, na modalidade Para-Karatê. Todavia, entende que este ato foi importante pois por meio dele a modalidade começou a ser divulgada. Quando retomou as competições, em momentos posteriores, percebeu que mais para-atletas estavam competindo. Seu ato havia desencadeado a procura por tal modalidade de Karatê. Sentia-se orgulhoso, por isso.

Ao término da entrevista deixamos nosso entrevistado à vontade para colocar outras questões. Afirmou que queria “vestir a camiseta do Para-Karatê e levar a modalidade pra frente”! Reconheceu o fato de que esportes individuais não têm o apoio que as modalidades coletivas normalmente recebem. Informou que mesmo sendo atleta de competições oficiais, mesmo sendo participante da seleção brasileira de Para-Karatê não recebia patrocínio nem ajuda de custo para poder se manter nas competições. Disse que a Associação Real Lince o ajudava muito. Com o gravador já desligado afirmou que gostaria de ser um exemplo positivo para sua filha, que na época tinha 5 anos.

A entrevista com o aluno/professor karateca foi de grande relevância para a pesquisa, principalmente por apresentar as diferenças entre o ser-atleta e o ser-professor (sensei). Afirmou que o ser atleta envolve a busca pela perfeição na realização dos movimentos, o cuidado para consigo (para com o corpo) por meio da alimentação balanceada, da não ingestão de bebidas alcoólicas, etc. Envolve a aquisição de um estilo de vida que leva em consideração a busca da melhor performance. Já a atuação do sensei está mais voltada para aspectos educativos, e não, necessariamente, apenas competitivos, pois o sensei ensina a parte física e a parte filosófica da modalidade Karatê. Além disso, serve como exemplo a ser seguido, o que lhe exige grande responsabilidade ético comportamental.

Percebemos que a questão do Para-Karatê trouxe novas possibilidades para esse sujeito, tendo em vista que, além de fazer parte da seleção brasileira ele trabalhava com o Karatê esportivo, nas aulas ministradas na Apae. Mais do que uma atividade prazerosa a arte marcial Karatê se tornou sua profissão e sabemos que a profissão é uma das formas mais precisas de subjetivar os indivíduos, pois por meio desta, adotamos uma certa identidade na sociedade, adquirimos visibilidade e respeito social, adquirimos a capacidade de sustentar financeiramente uma família e de podermos projetar sonhos, metas de vida.

Por fim, adotamos a percepção que o Para-Karatê dotou o entrevistado da busca

por uma postura responsável, principalmente diante dos demais praticante de Karatê (ou de outras modalidades de esporte), que também possuíam restrições físicas. Perspectiva subjetiva, postura ética, estética e política que acabaram sendo incorporadas por ele.

3.4.3 Entrevista com “Sakura”

A entrevistada tinha 14 anos na época da entrevista. O primeiro contato com a arte marcial Karatê, por parte dela, ocorreu na escola municipal em tempo integral, Nossa Senhora do Sagrado Coração; quando, na terceira série, surgiu uma vaga para o período integral, ao qual ela aderiu. Praticava a modalidade há 06 anos e era faixa marrom, 2º kyu.

Sakura relatou que no começo não gostava de praticar o Karatê. Porém, o sensei sempre a incentivava a continuar. Nesse sentido, afirmou: “Eu só comecei a gostar quando fui pra campeonato”. Quando ela foi para o 6º ano, adentrando nas escolas estaduais, Sakura continuou praticando o Karatê na escola municipal, por mais dois anos. Junto de alguns colegas que, como ela, em razão da distância de casa, não tinham condições de ir para o dojô. Como a escola era perto de sua casa ela ia para uma ou duas aulas de Karatê, geralmente com o 5º ano. Segundo ela, foi um período em que aprendeu bastante e avançou bastante em suas graduações.

Sobre as aulas de Karatê Sakura relatou que quando estava no tatame esquecia as dores que tinha no corpo, os problemas. Disse que gostava muito do momento em que o sensei solicitava a todos para fecharem os olhos e ficarem, assim, por alguns segundos. “Eu gosto muito daquela parte! A gente pode parar, pensar. É só um minutinho, mas é o único minuto que a gente para”!

Quando perguntei sobre o que é ser uma karateca, ela respondeu que dentro do esporte é dar o seu melhor; fora do esporte, na sociedade, é ensinar, ajudar as pessoas. Afirmou que depois que começou a praticar o Karatê ela mudou. “Eu era rebelde”! Disse, ainda, que percebia que agora era mais cortês, calma em suas atitudes e respeitosa com os demais.

Relembrou que quando iniciou a prática do Karatê não gostava da modalidade, e nem do professor, mas com a insistência deste em ensiná-la e levá-la para campeonatos ela se identificou com a arte. Passou a ficar feliz quando tinha aulas de Karatê e sua mudança de opinião veio, segundo a entrevistada, por que “ele (Sensei)

me dizia que quando eu crescesse eu poderia trocar de faixa, eu poderia ser professora e isso foi me ajudando muito, porque quem sabe hoje eu não estaria aqui, não iria para um brasileiro (campeonato). Vai que daqui um tempo eu ganhe para praticar”!

Quando questionada sobre as mudanças que teria percebido, em si mesma, a partir da prática da modalidade, afirmou: “Quem sabe se eu não tivesse feito eu hoje não estaria num lugar pior! Não que aqui seja ruim, mas digo num lugar ruim mesmo! Como eu era rebelde, e lá no meu bairro, eu moro no começo, mas lá no final eu poderia ter me envolvido com qualquer pessoa que me levasse para o mal caminho”. A entrevistada reforçou, ainda, que a partir do Karatê passou a dar mais valor aos estudos, e realçou a questão de respeitar as pessoas, não agir de forma rebelde⁵⁴.

Questionada se já havia utilizado seus conhecimentos, do Karatê, de modo a ter que se defender, disse que quando entrou na 6ª série uma colega quis agredi-la. Afirmou: “A gente não pode usar (o Karatê) para brigar, mas pra se defender pode. É por isso que a gente treina. Eu nunca quis usar contra alguém, mas eu também não vou apanhar ‘de varde’ e sem motivos! Aí eu me defendi”!

Perguntamos acerca do que mais gostava na prática do Karatê. Disse que gostava muito do kumite, que é a luta, e preferia os chutes, pois é onde ela tinha mais força muscular. “É o que eu mais faço bonito”! Realçou que também gostava muito do katá e que ficara impressionada com o primeiro lugar que havia tirado, nesta modalidade, no XXXVIII torneio nacional de Karatê wado-ryu, realizado em São Paulo no ano de 2019.

Questionada sobre a postura das pessoas diante do fato de saberem que ele praticava o Karatê afirmou que quando contava que praticava a modalidade normalmente perguntavam a ela em que faixa (graduação) estava, quanto tempo praticava. Algumas pessoas se impressionavam com sua disciplina e temperança, nos treinos.

Afirmou que quando passou a ir a campeonatos recebeu o apoio de sua mãe. Da mesma forma, afirmou que, por vezes, recebia apoio (patrocínio) das empresas do Município, o que a permitia continuar participando das competições. Além disso, informou que estas ajudas de custo a permitiram fazer o Gashuku, ou seja, um curso ministrado pelo mestre do estilo wadô-ryu, destinado ao aluno que está prestes a ascender à faixa-preta.

Por fim, relatou que depois que começou a praticar o Karatê havia ficado mais

⁵⁴ Cabe ressaltar que o termo rebelde, utilizado pela entrevistada, se referia especificamente ao fato de que era violenta, agressiva com as pessoas. E que com o karatê superou esta postura.

calma. Disse ser “bem violenta antes, bem violenta”! Disse, ainda: “Pode até parecer que depois que a gente começa a praticar uma arte marcial a gente fica mais violenta, mas na verdade não! Eu fiquei mais calma, eu era um capetinha na escola, batia em todo mundo! Se algum piá viesse me falar que eu era bonita, eu já metia um soco, aí depois eu fiquei mais calma”! Assumiu que ainda era um pouco ansiosa, principalmente nos campeonatos. Porém, isso não representava um problema para ela.

A entrevistada levantou informações importantes para a pesquisa, em grande valia ao declarar que inicialmente não gostava da modalidade, e passou a gostar com o tempo, por meio da insistência do Sensei. Isso denota uma influência positiva, uma vez que ao adotar a prática da modalidade passou a competir, viajar, conhecer outras pessoas, inspirar-se em outros atletas e nas vitórias, passou a estabelecer metas.

Entendemos que isso foi importante para ela, uma vez que reconheceu ter sido rebelde, violenta, e, que, ao contrário do que se imagina, a prática da arte marcial Karatê influencia as pessoas a ficarem mais calmas. O que aconteceu no caso dela.

A entrevistada possuía uma tatuagem no pulso esquerdo, contendo ideogramas japoneses que significavam “Karatê”⁵⁵. Isso retrata que embora tenha demonstrado resistência, diante do Karatê - no início - , acabou por adotar, participar, das relações de saber-poder que ocorriam nas aulas de Karatê. Do mesmo modo, passou por um processo de subjetivação ao adotar certas linhas de pensamento e ação, advindas da modalidade e que, assim entendemos, foi positiva no seu caso, por vivenciar uma situação socioeconômica pouco favorável e que colocava seu desenvolvimento em risco, como seus relatos demonstraram.

3.4.4 Entrevista com “Hinata”

A entrevistada Hinata tinha 25 anos à época da entrevista. Era formada em educação física e era professora da rede municipal de educação, do Município de Francisco Beltrão. Relatou que seu primeiro contato com o Karatê foi em uma academia da cidade de Francisco Beltrão. Seu pai gostava da arte e era amigo de um Sensei que ministrava a modalidade. Por sugestão deste, aquele matriculou a entrevistada e sua irmã mais nova na academia. No entanto, elas praticaram por apenas um ano, em razão de seus pais não terem condições econômicas para que pudessem dar continuidade à

⁵⁵ Durante a entrevista tiramos uma foto. Consta em anexo.

atividade marcial.

Informou, ainda, que frequentou o 7º ano do ensino fundamental, na Escola Oficina Recanto Feliz, e lá teve contato com o Karatê novamente, por meio das oficinas realizadas. Conforme informou: “Lá deslanchou, daí eu peguei gosto pela coisa”! E mais: “A gente começou ir pra campeonato e se destacar, e quando a gente estava saindo da escola o professor ofereceu pra gente praticar no dojô⁵⁶, sem precisar pagar”! Praticou por um ano, o Karatê, na Escola Oficina. “Na verdade, se for ver o ano que eu pratiquei quando era pequena, foi mais um contato... Mas praticar de verdade, de competir, foi a partir da escola”! Continuou com a prática da modalidade por cinco anos. Todavia, ao ingressar na Faculdade de Educação Física teve que parar, por não conseguir conciliar as atividades. Ficou seis anos longe dos tatames, retomando a prática da modalidade Karatê no ano de realização de nossa entrevista.

Perguntada sobre o que a fez continuar praticando no dojô, respondeu: “Antes era mais a competição. Agora não! Agora é mais por ser uma atividade física, por eu gostar muito e achar que grande parte da personalidade que eu tenho hoje, do caráter, da responsabilidade, de saber esperar o momento certo para as coisas veio do Karatê”. Frase sugestiva, no que se refere ao cuidado de si proporcionado por uma modalidade como o Karatê, uma vez que estes pontos, salientados pela entrevistada, foram ressaltados mesmo depois de a mesma estar afastada da modalidade por aproximadamente cinco anos.

A respeito das aulas de Karatê afirmou: “Estas envolvem respeito, o tempo certo para cada coisa”. Reconheceu que “eu falo demais, e no Karatê eu fico quieta”. Ou seja, por meio do Karatê a entrevistada desenvolveu mecanismos de autocontrole. De combate à ansiedade e uma melhor percepção de si, diante dos ambientes nos quais se encontrava.

Ao ser questionada sobre o que é ser karateca, disse:

Eu amo competição, sou muito competitiva! Eu tive que aprender a perder, aprender que nem sempre as coisas são do jeito que eu quero! Ser uma karateca me ensinou que nem tudo ‘é um mar de rosas’, que nem tudo são flores e que tem hora para as coisas! As pessoas que hoje me venceram, eu sou capaz de vencer elas no futuro, porque o Karatê não é de quem é mais forte... Pois não é pancadaria, é saber usar o momento certo. Então o Karatê me ensinou que não são só vitórias” (entrevistada Hinata, 2019)

⁵⁶ Associação Real Lince de karatê.

Estas frases apontaram elementos importantes, do ponto de vista do cuidado de si desenvolvido por meio do Karatê, em relação ao trato para consigo mesma, desencadeado por meio do autocontrole. Além disso, o aprendizado acerca do fato de que a vida é feita de vitórias e de derrotas, ou seja, de que passamos por situações positivas e negativas na vida; cada uma delas tem sua importância, quando nos impõe aprender com as diferentes circunstâncias, ou apesar das circunstâncias. Que tudo é complementaridade e é nessa complementaridade que crescemos como seres humanos.

A entrevistada apontou, ainda, para o fato de que percebeu mudanças, em si mesma, a partir da prática do Karatê, tais como a aquisição de maior responsabilidade e autocontrole, melhora na concentração, uma vez que percebeu seu fortalecimento diante da realização de atividades escolares – como realização provas – a partir da prática do Karatê. Ainda, a persistência para refazer atividades, tarefas, quantas vezes fossem necessárias.

Ressaltou a luta para que ela e a irmã pudessem dar continuidade ao Karatê. Sua mãe fazia ‘cartinhas’ que elas levavam em certos estabelecimentos comerciais, de modo a tentarem auferir alguma ajuda, para poderem competir no Karatê. Contou que uma vez precisou subir de peso, em uma competição, para não competir com sua amiga, que estava na mesma categoria. Com muito esforço ganhou algumas gramas no dia da pesagem – feita antes das lutas. Além disso, tomou muita água para que ficasse na categoria diferente de sua amiga.

Diante da pergunta sobre a postura adotada por um praticante de Karatê, informou que:

Às vezes você vê uma situação e você fica quieta, no sentido de saber que você não tem a ver com aquilo, não se meter onde não foi chamada. E outra situação é o inverso disso, você esperar a pessoa falar tudo que ela quer e depois você dar a sua opinião, e não bater de frente com ela, saber que nem sempre você está certa! (entrevistada Hinata, 2019)

Questão que chamou nossa atenção, uma vez que pensávamos que a entrevistada iria se reportar a algo como adotar uma postura mais explícita (fisicamente falando), por vezes, diante de alguma ação desagradável, advinda de alguém, seja em relação a ela, seja em relação a alguém próximo a ela. No entanto, se referiu a adoção de uma postura muito mais consciente diante de um possível conflito.

Afirmou que o que gostava no Karatê eram os katás. “Antes de eu parar, em 2012, eu gostava muito do kumite, da luta. Não gostava de treinar katá. Agora que eu voltei e estou lembrando os movimentos, eu sei o que é o katá. Mas só com treino

para aperfeiçoar cada vez mais o movimento”!

Com relação ao olhar das pessoas diante do fato da entrevistada ser mulher e praticante de Karatê, a mesma afirmou: “Queira ou não queria, ainda tem um preconceito com as mulheres que lutam. Comentários de que você é delicada para lutar... É um pré- conceito de quem não conhece a luta”. Por outro lado, disse: “As pessoas te olham diferente, com um certo respeito”. Afirmou que o exemplo do Sensei, nas aulas, era muito importante e que impactava as vidas dos alunos. “Os exemplos de vida, os exemplos que ele utiliza para algum movimento, a maneira que ele expõe, que ele compara um movimento com alguma atitude da vida diária, da gente, é muito importante”.

Em relação aos benefícios do Karatê, afirmou: “A prática do Karatê ajuda no bem-estar físico, mental, emocional”. Lembrou, ainda, que “chorava muito, por qualquer coisa! Queria a vitória! Mas aprendi a lidar com essas questões da vida”!

Ficou claro, neste caso em particular, a influência da prática do Karatê na aquisição do autocontrole da entrevistada. Por diversas vezes ela se reportou ao fato de passar a saber esperar as coisas. A se controlar mais em relação ao que iria dizer e/ou fazer, o que representava um processo de cuidado de si voltado ao olhar sobre si mesma, sobre suas necessidades e as necessidades dos demais, sobre o fato de que é preciso – e é benéfico – conter nossas emoções, principalmente quando elas nos fazem perder o autocontrole. Essas ferramentas de autocontrole, no Karatê, são desenvolvidas cotidianamente por meio de técnicas de respiração, de concentração e da atenção focada nos movimentos - quando estes são realizados.

3.4.5 Entrevista com “Minato”

O entrevistado Minato tinha 17 anos à época da entrevista. Seu primeiro contato com o Karatê ocorrera na Escola Municipal Madre Boaventura, por meio do projeto de Karatê desenvolvido no período integral. Praticava há 11 anos a modalidade. Neste ano (2019), de forma conjunta aos esforços do Sensei, ‘Minato’ conseguiu uma bolsa-atleta que perduraria por 06 meses. Fazia parte da Seleção Paranaense de Karatê e tinha disputado, ainda em 2019, o Campeonato Paranaense, obtendo a 2ª colocação. Ainda neste ano o entrevistado disputaria a seletiva para tentar uma vaga na Seleção Brasileira de Karatê. Diante deste novo desafio a prática se intensificou e passou a ser diária, duas vezes por semana na escola e três vezes por semana no dojô.

Sobre as aulas de Karatê o entrevistado disse que gostava muito e que tinha o sonho de chegar à Seleção Brasileira de Karatê. “Se eu entrar, vou para o pan-americano, o sul-americano”! Sobre o fato de ser karateca o entrevistado afirmou: “É uma arte! Eu gosto da arte, e eu acho que sou um atleta de Karatê”!

Do ponto de vista das mudanças de comportamento adquiridas por meio da prática do Karatê o entrevistado disse: “Às vezes, quando eu estou muito estressado, com a ajuda do Karatê eu consigo ficar mais calmo, me controlar mais e prestar mais atenção nas coisas, antes de fazer”. Afirmou que nos campeonatos de que participava não procurava saber quem seria seu adversário, pois preferia pensar no que precisava fazer para ganhar a luta, e não se o seu adversário era forte ou fraco.

O entrevistado afirmou que durante um tempo praticava várias modalidades de esporte. Com o tempo intensificou os treinos de Karatê e centrou suas energias nesta modalidade, em específico. Considerava a modalidade bem completa, pois por meio dela trabalhava aspectos como força, velocidade, reflexos, agilidade, coordenação motora, concentração, respiração.

Questionado sobre posturas adotadas, por ele, embasadas no que aprendera do Karatê informou que aprendeu a ignorar os comentários feitos por colegas, na escola. Comentários relacionados ao fato de ele participar de campeonatos, etc. Não por ele, mas por reportagens que apareciam em jornais, redes sociais, etc. Diante da exposição midiática alguns colegas diziam que ele era “metido”, mas ele ignorava essas coisas e seguia seu caminho.

Ao ser questionado do que gostava, no Karatê, afirmou que se identificava com o kumite (a luta), mas também com a prática dos katás. Não soube dizer o que não gostava no Karatê. Já em relação a leitura das pessoas, diante do fato de praticar o Karatê, informou que algumas pessoas o incentivavam, outras não. Que havia uma curiosidade grande a respeito da modalidade, por parte de alguns e, por vezes, as pessoas pareciam se sentir incomodadas com quem praticava o Karatê e buscavam intimidar os praticantes, de modo a demonstrarem sua pretensa ‘coragem’, etc. Diante dessas situações, de conflito, o Sensei aconselhava, segundo nos informou o entrevistado, a fazerem o seguinte: “Se alguém vier brigar com você, você não precisa brigar com ele. Não precisa revidar. Pode tentar fugir dele. Mas se você ficar encurralado, daí você pode usar o que aprendeu com as artes marciais”. Além disso, segundo o entrevistado, o Sensei costuma falar: “Tentem ser calmos, mais tranquilos, em todo lugar”. Reforçou que a prática do Karatê possibilitava ao indivíduo “tentar ser mais calmo, mais pensativo, ter mais controle de si mesmo”.

Sobre os benefícios da prática do Karatê o entrevistado informou que envolviam aspectos físicos (relacionados aos hábitos que um atleta deve incorporar, na sua vida, no dia a dia) e mentais (o controle das emoções, o ‘ficar mais calmo’ diante das circunstâncias). Além disso, afirmou que a prática do Karatê desenvolvida na Escola em tempo integral, Recanto Feliz, ajudava na construção da disciplina e no controle de si mesmo, enquanto aluno; bem como na postura diante dos colegas.

Cabe ressaltar que ‘Minato’ e ‘Yumi’⁵⁷ eram namorados, conheceram-se durante os treinamentos e a participação de ambos nos campeonatos possibilitou a aproximação do casal. Isso revelou o fato de que a prática do Karatê, neste caso em específico, possibilitou a aproximação entre dois jovens, sob o ponto de vista da afetividade. Muito provavelmente por desenvolverem um estilo de vida parecido, gostarem e valorizarem as mesmas coisas.

3.4.6 Entrevista com “Mayumi” e “Arata”

A entrevista com ‘Mayumi’ ocorreu de modo diferenciado, se comparada às demais entrevistas. À época da entrevista ela era umas das alunas mais novas, tinha 12 anos. A entrevista ocorreu na presença de seu pai, que havia ido buscá-la no dojô. Aproveitando o momento, convidamos o pai para participar da entrevista. A entrevistada estava muito tímida, e acreditamos que seria uma boa oportunidade para ouvirmos alguém da família se expressar sobre a arte. Buscamos conversar com pai e filha.

Mayumi começou sua prática do Karatê na Escola Municipal, em tempo integral, Sagrado Coração, do município de Francisco Beltrão. Em 2019 completara oito (08) anos de prática. Questionada a respeito da prática do Karatê afirmou que deu continuidade com a modalidade por entender que a mesma ajudava na parte muscular e porque “dá energia”. Relatou que o Karatê trouxe, para ela, mais concentração, flexibilidade, força. Além disso: “Fiquei mais calma”!

Mayumi não estava muito à vontade e estava bastante tímida durante a entrevista, deste modo, perguntamos ao seu pai se havia percebido alguma mudança no comportamento da filha, a partir da prática do Karatê. Disse que a filha se tornou mais responsável. Além disso, a continuidade da prática trouxera reconhecimento, por parte

⁵⁷ Também entrevistada.

da escola onde ela estudava, principalmente por parte dos colegas de turma. Fato considerado importante para a autoestima da filha e da própria família.

O pai contou que Mayumi já havia pensado em desistir do Karatê, mas que eles sempre a incentivavam para que continuasse, por entenderem que a modalidade trazia muitas contribuições para a filha. Seja do ponto de vista da saúde, seja do ponto de vista da adoção de um estilo de vida que se distanciava das drogas, de más companhias.

Sobre a postura de karateca adotada por 'Mayumi', esta informou que uma vez fez uma apresentação – apresentou alguns movimentos da arte, na sala de aula – durante a realização de um trabalho relacionado à disciplina de ensino religioso. Os alunos do 7º ano estavam estudando sobre as artes marciais e sobre os mestres de Karatê, e ao realizar os movimentos seus colegas ficaram impressionados.

Sobre os benefícios que a arte marcial Karatê trouxe para a entrevistada, esta informou que o Karatê a ajudava na concentração, na flexibilidade e na organização pessoal. Informações ratificadas pelo pai da entrevistada, que demonstrou respeito pelo Karatê e compreensão de que a modalidade fazia bem para sua filha, do ponto de vista físico, disciplinar e comportamental.

3.4.7 Entrevista com “Yumi”

'Yumi' tinha 18 anos na época da entrevista e iniciou a prática de Karatê na cidade de Chapecó – SC - com aproximadamente 07 anos de idade; por incentivo dos pais. Depois disso, mudou-se para a cidade de Francisco Beltrão - PR - onde deu continuidade à prática da arte marcial, na escola em tempo integral Recanto Feliz (CAIC), no 4º ano escolar. Com aproximadamente 08 anos. Assim, em 2019 completou 10 anos de treinamento e envolvimento com a arte marcial. Sendo que, desses, mais ou menos nove (09) anos foram efetivados sob a orientação do mesmo professor (Sensei). Isso mostra haver, no Karatê, uma relação - por vezes - prolongada entre discípulo (aluno) e mestre (Sensei). Relação que demonstra haver, no tema do cuidado de si, uma relação fundamental entre indivíduos que buscam atingir o mesmo objetivo, aprimorar suas vidas, suas condutas. Mostra que a questão do cuidado de si, embora seja um processo do indivíduo para consigo mesmo, não se dá de forma isolada, necessitando sempre do outro, das relações sociais entre as pessoas para se efetivar.

Quando questionada acerca do motivo de continuar praticando Karatê, no dojô, a entrevistada disse que sempre gostou de esportes. Afirmou: “Eu fazia, mas eu não

tive vontade de continuar os outros e o Karatê foi um que eu tive vontade de continuar. Ir em competição me dava motivação, trocar de faixa, e eu ia nos campeonatos e ganhava”!

Sobre a questão do que representava, para ela, ser uma karateca, a entrevistada afirmou, de maneira enfática, que se considerava uma karateca. “É muito gratificante, não só por ir em campeonato, mas porque é muito bom estar aqui dentro”!, referindo-se ao ambiente dos treinos, às amizades que se concretizavam ali, ao apoio recíproco que era presente e o respeito de uns em relação aos outros. Essas afirmações nos fizeram pensar que todo esse ‘espírito’, esse conjunto de coisas compunha o que ela entendia como o mundo de um karateca. Ressaltamos, com Foucault (2006)

Vemos que a amizade é inteiramente da ordem do cuidado de si e que é pelo cuidado de si que se deve ter amigos. Mas a utilidade que obtemos de nossa amizade e, conseqüentemente, a utilidade que nossos amigos obtêm da que lhe dedicamos, são um excedente no interior desta busca da amizade para si mesmo (FOUCAULT, 2006, p.240)

A respeito das mudanças que percebera, ao iniciar os treinos de Karatê, informou que a principal mudança ocorreu no “controle da emoção”! “Eu era muito agressiva comigo mesma, às vezes sentia uma raiva enorme e isso foi mudando. Agora sou bem mais tranquila”! Ressaltou, também, a questão da disciplina, pois se considerava uma pessoa bastante disciplinada.

Além dessas questões, não soube relatar as mudanças de hábito, advindas do Karatê, pois segundo ela: “Como eu treino desde criança, às vezes não tem um impacto muito grande por causa disso, mas o que eu percebo é isso”. Obviamente, como era praticante da arte marcial Karatê, desde criança, de alguma maneira seu comportamento, sua subjetividade, fora influenciada pela arte, pelo Sensei, pelas relações que estabeleceu com outros karatecas, pelo estilo de vida adotado desde muito cedo. Por isso, as contribuições da arte não são tão “visíveis” para ela.

A percepção que demonstrou, de si, ao relatar traços comportamentais como a disciplina, o respeito diante dos colegas e o autocontrole – aspectos que apareceram em outros relatos, relacionados à prática do Karatê – parecem apontar para traços comportamentais adquiridos por meio do Karatê, influenciados por esta prática.

Questionamos a entrevistada se, em alguma vez, precisou utilizar o Karatê para se defender. Respondeu que nunca precisou usar a técnica do Karatê para se defender. Embora tenha ressaltado que gostava da prática do Karatê, identificando-se, de forma

mais intensa, com a parte do kumite (a luta). Alegou que uma coisa é a luta no dojô, outra coisa é a briga de rua. No dojô existe um código de ética, um cuidado para com o adversário, existem regras a serem cumpridas. Não é violência, mas sim uma forma de luta que é acompanhada de um código de conduta.

A partir do momento que ‘Yumi’ chegou em Francisco Beltrão teve o mesmo professor (Sensei), de Karatê, na escola em tempo integral e depois no dojô. Se reportou ao Mestre por meio das seguintes afirmativas: “Ele sempre foi bem disciplinado! As crianças obedecem bastante a ele”! E continuou: “Teve um ano que eu fiz três exames de faixa (gradação) lá no CAIC⁵⁸. A cada três meses eu fazia um e eu treinava só lá (na escola)”.

A respeito do olhar das pessoas, referente à nossa entrevistada praticar o Karatê, esta afirmou que algumas “dizem que eu sou uma pessoa muito delicada para treinar Karatê (risos)! E quando digo que eu sou faixa preta, ficam meio assim (sem acreditar)”! Passagens que mostram existir orgulho de si, por ter chegado onde chegou, no Karatê. Além disso, mostra o enfrentamento, talvez de modo inconsciente, diante dos preconceitos relacionados ao gênero feminino, diante da prática do Karatê.

Ela lembra que o professor falava para ter disciplina, para focar nas aulas, de modo a alcançar os objetivos. E mais: “Ele sempre foi uma pessoa muito humilde”! referindo-se à postura do Sensei, tema que consideramos bastante interessante diante da questão do cuidado de si, vivenciado nas culturas orientais; advindo das práticas destas. Isto porque não se deve confundir cuidado de si – o que envolve um certo orgulho diante das conquistas realizadas, de si para si - com posturas tais como as advindas de um “espelho de narciso”, ou seja, indivíduos ‘apaixonados por si mesmos’. Que só veem a si e só agem de modo a gozar de seus prazeres. Utilizando os outros como meros objetos para atingirem seus objetivos.

A entrevistada falou acerca de questões que mostraram a influência que a prática da arte marcial Karatê exerceu sobre ela: “Às vezes, a gente está até meio estressada! Mas durante a prática, não sei de onde vem essa calma que a gente sente, depois de treinar!” Falou sobre outros pontos relacionados à prática do Karatê, como a questão da “disciplina, ser uma pessoa mais organizada. Até pelo controle das emoções, pois às vezes estou estressada com alguma situação e já consigo controlar

⁵⁸ Centro de atenção integral à criança e ao adolescente foi um programa educacional brasileiro criado no governo dos anos 1990-1992. No caso de Francisco Beltrão-PR se tornou escola municipal de tempo integral Recanto Feliz.

melhor”.

Do ponto de vista das relações sociais desencadeadas a partir do Karatê, disse:

Meus amigos são todos daqui! Não tenho nenhum fora, porque a gente nem tem tempo! Às vezes as pessoas que a gente conhece, que nem o professor, que é que nem um pai pra mim, porque a gente sempre vai nas competições, desde pequena..., só com ele. Meus pais nunca iam porque não podiam, então ele sempre me cuidou. E nas competições é uma penca de emoções! (entrevistada Yumi, 2019)

Falou sobre o fato de que todo indivíduo que realmente quiser seguir com o Karatê conseguirá. Afirmou: “Trabalho o dia inteiro, estudo e sempre apareço (nos treinos)”. Disse, ainda, que os pais dela sempre a apoiaram e a motivaram para continuar praticando o Karatê. Faziam isso com seu irmão mais novo, também.

Depois que encerramos a entrevista a entrevistada afirmou: “Não sei como eu seria sem o Karatê”! Frase que chamou nossa atenção, uma vez que demonstrou a relevância do Karatê na vida dela. Algo evidenciado, também, na vida dos demais praticantes entrevistados. Isso nos mostrou um aspecto importante – que ocorria por meio das aulas de karatê - e se desenvolvia através de práticas disciplinares, corporais, mediadas pela presença de um Sensei. Denotando, a princípio, relações de poder/saber. Estas, continuamente convergiam para modos de controle dos corpos/comportamentos, para os modos de ser, se comportar, pensar, atuar, por parte de cada praticante. Tanto em relação aos outros quanto em relação a si mesmo.

Essas práticas, no entanto, pareciam compor processos de auto disciplinamento, de modo que os indivíduos, no trato consigo mesmos, implementassem reflexões e ações coordenadas, mediadas, aceitas por si mesmos, de modo que atingissem certos estados de ser, certos objetivos que tinham relação com coisas externas (ganharem campeonatos, serem bem vistos pelos demais) e com coisas internas (aquisição de disciplina pessoal, de autorrespeito e respeito pelos outros, de competências físicas).

Nos pareceu, portanto, diante dos contextos abordados, que o cuidado de si que era estimulado, inicialmente, pelas orientações e exemplos advindos do sensei, acabava interiorizado, por parte dos sujeitos, manifestando-se de forma inconsciente nas atitudes destes.

3.4.8 Entrevista com “Itsuki”

O entrevistado ‘Itsuki’ tinha 17 anos à época da entrevista. Relatou que veio do Rio Grande do Sul, com seus pais, para o município de Francisco Beltrão quando estava na terceira série do Ensino Fundamental. Neste momento começou a praticar o Karatê por conta do projeto desenvolvido na Escola Municipal, em Tempo Integral, Madre Boa Ventura. Informou que praticava o Karatê há 10 anos, sempre com o mesmo professor (sensei). Relembrou que sua primeira medalha, adquirida em competição, foi no ano de 2010, quando tinha aproximadamente oito (08) anos.

Questionado sobre o motivo de ter dado continuidade à prática de Karatê relatou que não praticava nenhuma atividade física quando era criança, e que se identificou com as aulas de Karatê ofertadas na escola. E continuou: “Depois que o projeto acabou, eu comecei a sentir falta, daí eu comecei a fazer fora (da escola em que estudava), na escola municipal Cristo Rei, em que o mesmo Sensei dava aula”.

O entrevistado seguiu com a prática do Karatê em outra escola, ainda, com o mesmo professor, por cerca de 3 anos. Foram 5 anos praticando em escolas em tempo integral, ou na que estudava, ou na que frequentou de modo a continuar a prática do Karatê. Após esse tempo começou a treinar na associação Real Lince de Karatê.

Falou sobre as influências que as práticas advindas do Karatê exerciam sobre sua vida, tais como: “Às vezes estou estressado, e depois que faço aula de Karatê me sinto mais aliviado, no sentido de liberar a tensão do dia a dia”.

Sobre o que representava, para ele, ser um karateca, afirmou que era ser alguém que tem vontade de fazer as coisas, não ter preguiça. “Quando começo a competir é melhor ainda, porque você tenta vencer as outras pessoas, e assim, você tenta cada vez se tornar melhor”!

Sobre as mudanças que teria percebido, em si mesmo, após o início da prática do Karatê, relatou: “Eu era bem tímido” Aí eu comecei a fazer o Karatê e comecei a interagir mais com as pessoas, porque quando eu era criança eu sofri bastante, porque meus pais trabalhavam muito e eles me deixavam com a babá. Às vezes ela me batia e eu cresci bem quieto”. E mais: “Depois que eu comecei a interagir com outras pessoas, até minhas notas na escola melhoraram”!

O entrevistado enfatizou que sua postura de karateca servia, além disso, para lidar com os conflitos na escola. Relatou que gostava do aspecto físico que o Karatê proporcionava, pois não praticava outra atividade física. E ainda, que tinha o sonho de ser campeão mundial, e que treinava para isso.

O entrevistado afirmou que quando falava que praticava Karatê as pessoas, por vezes, pensavam que era uma prática violenta. No entanto, enfatizou que não é, pois mesmo nas competições existia um sistema de pontuação que, na verdade, protegia os corpos dos praticantes. Reafirmou que o Karatê o ajudava, principalmente, no controle emocional, na liberação do estresse e na solução dos conflitos cotidianos (familiares, escolares). Contou sobre o campeonato mais marcante, para ele, que foi o Campeonato Brasileiro do ano de 2018, em que foi para a final mas acabou perdendo para outro karateca.

Ao final da entrevista afirmou que quando tinha 12 anos pensou em parar com a prática da modalidade. Ficou quase um mês pensando se daria continuidade ao Karatê, mas decidiu continuar. “É muito fácil de parar”, afirmou, “pois quando se falta muitas vezes, se perde a disciplina”, o entusiasmo. Frase sugestiva ao mostrar que, embora a modalidade pareça exercer um certo ‘fascínio’ sobre os praticantes, não é algo que os prenda indefinidamente. Mostra, também, que o estilo de vida advindo do Karatê pode ficar marcado, nos indivíduos, por longo tempo, mesmo não prosseguindo com a modalidade, como demonstrado no caso da entrevistada Hinata. Isso torna o Karatê um estilo de vida que exige a continuidade de certos rituais, tais como a prática física, feita de modo constante, além do envolvimento no ambiente apropriado (o dojô) e o contato com o Sensei, bem como com os demais praticantes.

3.4.9 Entrevista com “Asuma”

O último entrevistado tinha treze anos, à época da entrevista. Iniciou a prática do Karatê na escola municipal, de tempo integral, Sagrado coração, e praticou o Karatê na escola, mas parou por um tempo. Com o convite recebido pelo professor (sensei), retornou às aulas e continuou praticando até a época da entrevista. Mesmo depois de já estar frequentando uma escola Estadual, passou a frequentar a Escola Municipal, de onde viera, para poder continuar com a prática do Karatê⁵⁹, frequentando duas vezes por semana. Além disso, frequentava o dojô três vezes por semana.

Uma das coisas que chamaram nossa atenção era o esforço feito pelo entrevistado, no sentido de se deslocar até o dojô (em torno de 4 quilômetros). Ele ia

⁵⁹Ao irem para Escolas Estaduais os alunos acabavam parando os treinos que faziam nas Escolas Municipais. Escolas, estas, que ofereciam o Karatê.

para o treinamento de bicicleta. Morava longe do dojô e precisa atravessar uma rodovia, mesmo assim não deixava de praticar a modalidade.

Contou que iniciou a praticar no dojô após o convite do Sensei, que sentiu-se motivado a aprender mais e ao aperfeiçoar os conhecimentos já adquiridos. Para o entrevistado as aulas de Karatê envolviam “paciência, pois a gente tem que prestar bastante atenção e ter vontade, força de vontade”!

Questionado sobre o que representava, para ele, ser um karateca, respondeu: “É ser uma pessoa diferente das outras, saber se defender, não brigar com os outros. Se der pra fugir, foge. Ser uma pessoa melhor, com mais sabedoria”. Chamou nossa atenção a questão da sabedoria, levantada pelo entrevistado. Um ponto interessante, no que se refere ao tema do cuidado de si, haja vista que este tema se relaciona diretamente com a questão da sabedoria. Atingir um estado de sabedoria, que permita ao indivíduo avançar, prosperar, tornar-se melhor.

Ainda, nos faz pensar que a modalidade Karatê parece fazer com que os indivíduos, que a praticam, despertem para aspectos interiores, e não meramente físicos. E mais, tudo começa com o aspecto físico (controlar a alimentação, manter-se exercitado, etc). Este primeiro passo é uma forma de levar os praticantes a trilharem um caminho mais profundo, dentro de si mesmos (que os liga, de certo modo, a temas como autoconhecimento, controle das emoções, controle da raiva, controle do medo, controle dos desejos, etc). Tais aspectos se referem à importância do autoconhecimento que deve se dar de forma natural, e por meio do qual o sujeito reflita a respeito de seus limites, necessidades, prioridades na vida, sobre o trabalho, o exercício de uma profissão e nas múltiplas camadas que constituem o ser-sujeito.

Sobre as mudanças que o entrevistado apresentou, a partir da prática do Karatê, foram ressaltadas as seguintes: “Aumento da resistência, da velocidade e da força”! E continuou: “Consciência, saber fazer a coisa certa. O que for errado, não fazer”.

Sobre hábitos e/ou atitudes que tivesse adquirido, por conta da prática do Karatê, foi dito: “Andar bastante de bicicleta, porque como eu moro longe, comecei a andar de bicicleta para conseguir vir treinar”. O que despertou, no entrevistado, segundo ele, o entendimento de que os limites, diante de nossos objetivos, são estabelecidos por nós mesmos. De que podemos superar os obstáculos que se interpõem entre nós e nossos objetivos, nossas metas.

Afirmou que o que mais gostava nas aulas de Karatê era o kumite, a luta. Porque, segundo ele: “O katá é mais atenção, já o kumite é mais velocidade”. Disse que tudo, no Karatê, o agradava. Questionado, ainda, sobre como o Sensei ensinava,

como este se portava nas aulas, o entrevistado disse que ele costumava falar bastante nas aulas. Que o que o marcava, nesta prática, era quando o professor o elogiava. “Na escola, sempre quando alguém não quer treinar, ele me elogia! Fala que quando eu era pequeno eu fazia Karatê. Que eu parei, e ele me encontrou na rua e pediu se eu queria continuar. Daí eu falei que sim! Isso aí me deixa motivado”!

Importa registrar, aqui, do ponto de vista da relação Sensei-aluno, que parece ser rotineira nas aulas de Karatê, que os Senseis costumam elogiar os alunos. Neste sentido, trabalham com a autoestima dos mesmos, instigando-os a serem mais, a acreditarem em si mesmos. Este é um elemento importante do cuidado de si, pois é um processo que se dá, mediado por, no mínimo, dois sujeitos; em que um – normalmente o mais experiente – serve de incentivo, de guia/condutor do outro na busca do melhoramento de si.

3.5 Aprofundando análises acerca do cuidado de si e do karatê:

Entendemos que o estudo de caso utilizado na pesquisa – tanto no Dojô, ou seja, na Associação Real Lince de Karatê, quanto na Escola em tempo integral, Recanto Feliz - permitiu compreendermos como ocorriam os processos de subjetivação⁶⁰ desencadeados por meio da prática do Karatê. Prática, esta, que se voltava para o cuidado de si desenvolvido por uma mulher/karateca, e mãe de outra karateca; por um aluno/professor de Karatê que possuía deficiência visual e por parte de sete alunos, que iniciaram a prática da modalidade (Karatê) em escolas em tempo integral e que deram continuidade às atividades no dojô (associação Real Lince) do município de Francisco Beltrão - PR. Deste modo, o estudo de caso realizado nas duas instituições permitiu-nos adentrar o ambiente das aulas de Karatê desenvolvidas no espaço escolar; bem como, no ambiente das aulas desenvolvidas no espaço do dojô, de Karatê, enquanto um espaço puramente voltado para a prática da arte.

Uma analítica do sujeito, independente da adjetivação dada a ele (pedagógica, econômica, enquanto ser karateca) não pode partir do próprio sujeito. É preciso cercá-lo e examinar as camadas que o envolvem e o constituem. Tais camadas são as muitas práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que uma vez descritos e

⁶⁰ Deleuze (1992): “É que esses processos de subjetivação são inteiramente variáveis, conforme as épocas, e se fazem segundo regras muito diferentes”. (p.123). Ainda, “processos de subjetivação são produções de modos de existência, é uma individuação particular ou coletiva” (p.123).

problematizados poderão revelar quem é esse sujeito, como chegou a ser o que dizemos que ele é e como isso se materializa, historicamente. É preciso analisar as relações de poder e saber, em cada momento histórico, e em cada espaço social específico, de modo a chegarmos mais próximo do sujeito.

Por esse motivo, iniciamos com as observações - tanto a não participante, realizada na Escola e no Dojô, como a observação participante, realizada no dojô - que possibilitaram o contato com o mundo que cercava os sujeitos, quando em contato com a arte marcial Karatê. Por meio de toda a rotina desencadeada por esta, também por meio dos rituais e das relações que se estabeleciam, a partir da liderança do Sensei.

Conforme anunciamos no início deste capítulo, ao iniciarmos a pesquisa tínhamos a intenção de realizarmos observação não participante. Mas logo no início dos trabalhos percebemos a necessidade de fazermos aulas de Karatê, de modo a vivenciarmos, mais precisamente, esta prática, esta modalidade. Processo que, assim entendemos, nos permitiu compreender melhor os rituais efetivados no dia a dia de treinos, também o que era dito pelo Sensei, os modos de agir dos praticantes, as sensações experimentavam, entre outros aspectos. Tal processo possibilitou compreendermos melhor o que foi dito, inclusive, pelos entrevistados.

A partir do instrumento entrevista, realizado com Naomi (karateca, mãe de outra karateca), com o professor Neji (aluno/professor e representante nacional da modalidade Para-Karatê e portador de deficiência visual), bem como com os alunos que iniciaram a prática na escola em tempo integral e deram continuidade, aos seus treinamentos, no dojô Real Lince: Sakura, Hinata, Minato, Mayumi e Madrugá, Yumi, Itsuki e Asuma constatamos as mais diferentes relações estabelecidas entre os sujeitos karatecas e o Karatê.

Observamos como se dava a relação ou o vínculo social estabelecido entre professor e aluno, entre os karatecas - a partir do estado de pertencimento ao grupo social do qual participavam - e que se vinculava à prática de uma arte marcial. Ficou claro o fato de que o ambiente do grupo, mediado pela prática da arte marcial Karatê, possibilitava um movimento por meio do qual estes sujeitos reinventavam a si mesmos, adotando estilos de vida e modos singulares, coletivos, de ser e estar no mundo. Foi possível perceber a importância dos ambientes ou locais de treinamento para o desenvolvimento das atividades, e dos próprios sujeitos envolvidos.

O desenvolvimento da criança ou do praticante vai depender muito do ambiente da academia ou do clube de Karatê-Dô que ela frequenta. Esse deve ser acolhedor, amigo, de modo que estimule e faça com que

a criança se sinta confiante e segura. O professor habilidoso provoca nela o interesse e o gosto pelas aulas e atividades (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 180)

De acordo com Carvalho (2014) “este estado de pertencimento social, dentro de uma multiplicidade de relações horizontais, de saber-poder, vai produzindo ou definindo uma subjetividade com as características do modelo predefinido de formação” (p. 141). Esse estado de pertencimento é a condição de formação do sujeito, para que o mesmo tenha acesso à verdade, ou a certos estágios evolutivos, em termos de organização de si, de suas condutas. Assim, de acordo com Foucault (2006), o cuidado de si toma forma no interior de grupos determinados e distintos. Trata-se de relações variáveis, conforme o grupo, os meios e os casos, pois, é “neste pertencimento a uma seita ou a um grupo que o cuidado de si se manifesta e se afirma” (p.145).

A questão colocada pela entrevistadora, voltada ao tema “o que é ser karateca, para você?” fez os entrevistados responderem olhando para o íntimo de si mesmos. Refletindo, de modo filosófico, sobre suas condutas, suas posturas. Ao afirmarem questões como a que se voltava ao fato de que ser karateca “é dar o seu melhor!” “Ser exemplo de conduta!” “É muito gratificante!” “É não ter preguiça!” acabaram ressaltando pontos importantes, adstritos à prática do Karatê. Pontos que se voltavam, que incitavam a maneira de ser e se comportar, advinda de um karateca. Estes pontos ressaltavam o trabalho que o karateca faz, sobre si mesmo, a partir das práticas físico/mentais advindas da modalidade. Pois,

O Karatê-Dô é a evolução de uma forma de luta praticada de mãos vazias, que se transformou em arte marcial muito eficiente. Seu surgimento aconteceu em Okinawa, uma pequena ilha do Japão. Sua prática salvou muitas vidas e propriedades. O aspecto marcial decidiu a favor dos Okinawenses muitas vezes nas lutas, onde o troféu era a vida. Com a paz tornou-se instrumento de elevação espiritual e de educação (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 66)

Durante as entrevistas a questão do controle da ansiedade e/ou do estresse – a contribuição do Karatê, nesse sentido – por meio de atividades que permitiam a liberação, ou ao menos um tempo para esquecerem “os males modernos” e para dedicarem-se a si mesmos, foi ressaltada por vários dos entrevistados. A ansiedade é um problema causado pelas pressões da vida moderna. Repetidos ataques de ansiedade indicam altos níveis de estresse. Como as entrevistas bem explicitaram, em trechos como estes: “Eu era mais estressada, antes do Karatê” (Naomi). “Às vezes, quando eu

estou muito estressado, com a ajuda do Karatê eu consigo ficar mais calmo” (Minato). “Não sei de onde vem essa calma, depois de treinar”? (Yumi). “Me sinto mais aliviado, depois dos treinos” (Itsuki).

Nesse sentido, a entrevista com Yumi revelou o pouco tempo que dedicamos a nós mesmos. Diante de uma das perguntas, relacionada ao que ela mais gostava no Karatê, ela respondeu que gostava da parte em que todos ficavam de olhos fechados e faziam silêncio. De acordo com ela: “É o único momento que a gente para, que a gente esvazia nossa mente”! E continuou: “Não é verdade?” Neste momento nos damos conta, realmente, que dificilmente dedicamos momentos “para não pensar em nada”. Um tempo dedicado apenas a nós mesmos, sem nos preocuparmos com coisas exteriores.

De todo modo, é notável a influência exercida pelo Sensei, e pelo próprio Karatê sobre os alunos entrevistados. Como evidenciado nas falas, alguns alunos entrevistados deram continuidade aos treinamentos somente pelo apoio recebido por parte do Sensei, que permitiu que os mesmos praticassem o Karatê em outras escolas, de tempo integral, ou mesmo no dojô, sem terem que pagar para isso. Assim foram os casos de Sakura, Itsuki e Asuma. Este processo mostra a influência positiva da figura do Sensei na vida dos praticantes, entrevistados.

A princípio, isso pode denotar uma forma de exercício de poder sobre a conduta dos praticantes, conforme aponta Foucault (2004), porque “basta que qualquer um de nós se eleve sobre o outro, e o prolongamento dessa situação pode determinar a conduta a seguir, influenciar a conduta ou a não-conduta de outro” (p.16). O poder, como capacidade de influenciar o comportamento do outro, se dá de modo intersubjetivo, tanto na esfera microssocial (relação entre dois sujeitos ou entre um número reduzido de sujeitos), quanto na esfera macrossocial (relações de poder advindas do Estado, ou de grandes corporações, etc). Estas relações de poder podem ocorrer de forma positiva (o poder como instrumento de instigação do outro, para que este outro busque melhorar a si, por si e para si mesmo) ou de modo negativo (o poder como instrumento de dominação do outro, para que este outro faça o que é bom apenas para aquele que domina a relação).

Conforme vai afirmar Foucault (1988) não há como fugir do poder. Toda relação social é relação de poder. Mas é o mesmo Foucault que vai dizer que o poder não se dá, sempre, de forma negativa, como dominação, exploração ou violência. As relações de poder podem e se dão, também, por meio do exemplo (da autoridade), questão que parece ser, no caso do Karatê, uma constante; pois nesse tipo de relação

há uma influência, por parte do Sensei, diante dos alunos, mas no sentido de fazer com que estes desenvolvam autodisciplina, autoestima, respeito por si mesmos e pelos outros, e ainda, salienta uma forma de respeito com que os outros irão olhar para os praticantes, diante de suas condutas. Calcada na capacidade de superarem seus limites físicos, psicológicos, enfim, de manterem formas de autoconhecimento que dignificam suas potencialidades.

Relações de poder que se estendem, no caso dos praticantes de Karatê, à influência que, por vezes, o Sensei exerce sobre os praticantes que tendem a desistir da modalidade. Influência, todavia, que não representa a garantia de que os possíveis desistentes voltarão atrás, em sua decisão. Como Itsuki ressaltou, é fácil parar de praticar o Karatê, tendo em vista as inúmeras dificuldades enfrentadas (financeiras, por exemplo), em razão dos demais compromissos que surgem (faculdade, trabalho, família, etc). Por isso, segundo Itsuki, é necessário manter a disciplina para prosseguir nas aulas de Karatê.

Tal questão ressalta o fato de que a continuidade, ou não, da prática da modalidade Karatê cabe a cada um. É uma escolha que envolve o compromisso, de si para consigo mesmo, enquanto projeto existencial. Escolha que se dá e que envolve a absorção de certo modo de existência, mesmo diante das dificuldades encontradas no caminho. Como afirma Carvalho (2014)

Sabemos que uma escolha pessoal da existência, enquanto arte de viver, tal como nos apresenta Foucault, não é uma tarefa simples. Sabemos também que desde o nascimento nossa presença no mundo é marcada por intervenções sobre o modo como participar da vida em sociedade, e que as expressões de resistência são, em algumas fases da vida, tomadas como rebeldia ou desajuste. Por isso, tornar a vida uma obra de arte, ou seja, um modo singularizado de pensar e agir sobre si, o outro e o mundo, é uma tarefa que precisa ser cultivada. (CARVALHO, 2014, p. 193)

Foucault propõe que nossa presença no mundo é marcada pelas relações sociais que estabelecemos desde o nascimento. Elas permeiam nosso modo de ser e estar no mundo e, por meio dessas relações de poder, somos influenciados e influenciados as pessoas, ao longo de nossa existência. No entanto, ao adotarmos certos modos de ser e agir, para além das influências e/ou exemplos que encontramos - advindos do exterior - , elaboramos formas próprias de ser, advindas de escolhas diante das possibilidades que nos são dadas, e diante das circunstâncias onde ocorrem.

Nesse sentido, a subjetividade é, também, uma escolha diante dos saberes e/ou das práticas disciplinares, cotidianas, que nos moldam. Escolha que, de forma paradoxal, também é possibilitada, angariada, por meio do uso de determinados saberes e por determinadas práticas que adotamos, arrazoadas e que são escolhidas particularmente. Saberes e práticas que permitem ao sujeito elaborar um saber sobre si mesmo, pois de acordo com Deleuze (1992)

Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (DELEUZE, 1992, p.123)

Nesse sentido, a entrevista com Sakura e Minato nos mostrou que, inicialmente, estes alunos não gostavam das aulas de Karatê ofertadas na escola que frequentavam. O gosto pela modalidade começou a ser desenvolvido apenas após os mesmos começarem a participar de campeonatos, competições, interagirem com outros karatecas, visualizarem as atividades praticadas nestes espaços. Tais eventos foram propulsores de novos saberes. Que, por sua vez, modificaram, de alguma forma, a maneira de pensar e interagir, com a arte marcial, suscitando a aquisição de certo estilo ou modo de vida⁶¹.

Dessa forma, as práticas de resistência percebidas nesses sujeitos, que não queriam e ou não gostavam de praticar o Karatê, no início, a partir de um contato com os saberes – notadamente pedagógicos – advindos do Sensei suscitaram novas relações de poder. Relações de poder que influenciaram a conduta destes, mediante as práticas de liberdade, que segundo Foucault (2004) correspondem a uma certa “liberdade dos indivíduos”. Diante de uma mesma situação, “as pessoas reagem de maneiras diferentes” (p.55), em razão de um emergir da subjetividade, enquanto mecanismo de resistência à dominação.

A resistência coexiste ao poder e se apoia na situação a qual combate. De acordo com Martins (2017) “a resistência funda e suscita relações de poder como também é fundada por elas, configura estratégias e contra estratégias produzidas pelos sujeitos, exercendo suas possibilidades de práticas de liberdade, em posições que ocupam em

⁶¹ Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas. Me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (FOUCAULT, 2004, p.70).

um tempo e lugar” (p.32). No entanto, podem acontecer equívocos quanto à interpretação baseada na associação entre poder, resistência e violência, pois esses termos se distinguem no seu significado.

O primeiro termo é caracterizado pela ação sobre a conduta dos outros ou, em última instância, sobre si mesmo. É, como dizia Foucault, conduzir a conduta dos outros e ocorre, por vezes, por meio do conflito, o que não significa violência. O segundo é caracterizado pela possibilidade de o sujeito expressar sua liberdade diante de um fato ou contexto em que este sujeito utiliza estratégias ou contraestratégias para resistir a uma situação que lhe é imposta (situação de poder). O terceiro corresponde ao uso desmedido do poder, que busca aniquilar, destruir o outro, não permitindo a ocorrência de práticas de liberdade, de resistência. Atua de modo a cessar a interação para com os outros e/ou para consigo mesmo.

Sobre esse assunto, percebemos que os karatecas entrevistados tinham a compreensão de que eles deveriam se servir dos conhecimentos adquiridos, na arte marcial Karatê, para a defesa pessoal, apenas quando fossem estritamente necessários, como Itsuki ressaltou ao afirmar que o Karatê – do ponto de vista do esporte de competição – não é violento, pois é regulado pela marcação de pontos. No entanto, o objetivo do Karatê não é, em primeiro plano, formar lutadores, esportistas

Sob este prisma, o Karatê-Dô é uma luta que se transformou em arte marcial e, posteriormente, em esporte; todavia vale ressaltar que a essência do Karatê-Dô não é a de formar lutadores e esportistas, mas sim, artistas marciais. O objetivo é o aprimoramento pessoal, colocando à prova o caráter, a personalidade, a alma e o organismo do praticante. Cidadãos honrados fazem do Karatê-Dô a prática para alcançar uma melhor qualidade de vida. (GUIMARÃES E GUIMARÃES, 2002, p. 66)

Asuma, por sua vez, afirmou que ser karateca é “saber se defender, não brigar com os outros. Se acontecer uma briga e você puder fugir, fuja”. Palavras que enfatizam a adoção de uma postura de não violência. Isso apareceu na fala de Minato quando lembrou o que o Sensei costumava afirmar, nas aulas, sobre este ponto: “Se alguém vier brigar com você, você não precisa brigar com ele. Não precisa revidar, pode tentar fugir dele. Mas se você ficar encurralado, daí você pode usar o que aprendeu com as artes marciais”! Postura de sujeitos que sabem o que é ativo e reativo em si mesmos. Não reagindo de maneira impensável em qualquer situação e/ou tomando reações por impulso.

Questão referendada, também, por Sakura, quando afirmou:

Eu era bem violenta antes, bem violenta! Pode até parecer que depois que começa a praticar uma arte marcial a gente fica mais violenta, mas na verdade não! Eu fiquei mais calma! Eu era um capetinha na escola, batia em todo mundo. Se algum piá viesse me falar que eu era bonita eu já metia um soco. Aí depois eu fiquei mais calma (ENTREVISTA SAKURA, 2019)

Momento que trouxe à tona o olhar de uma karateca sobre si mesma, ao comparar o antes e o depois de começar a prática da modalidade. Cabe salientar que em outras entrevistas também esteve presente a questão do controle emocional, como na fala da Hinata, que lembrou que “chorava por tudo” e que ao começar a treinar o Karatê aprendeu que na vida nem sempre se vence.

Durante as entrevistas percebemos que as práticas de cuidado de si advindas do Karatê sempre perpassavam pela relação com o outro. Seja por meio dos discursos do professor, seja por meio das práticas – exercícios e movimentos corporais desencadeados nas aulas – e que se transformavam em processos de subjetivação mediados por práticas e regras de conduta absorvidas por esses sujeitos. Condutas que eram mediadas, também, pelo contato com os pais, com os amigos – em grande medida, com os próprios colegas/praticantes de Karatê.

Percebemos que ter um exemplo a se seguir é muito importante quando se é criança. Ter alguém que você admire, alguém em quem você se inspire, é um fator importante e que, no Karatê, parece ser um elemento presente, trabalhado de forma pedagógica. Ficou claro ao percebermos – por meio das entrevistas – que o Sensei, por diversas vezes, levou os alunos para assistirem campeonatos - competições de Karatê – para fazer com que eles se inspirassem nas performances dos karatecas que estavam competindo, nos seus movimentos, nas suas vitórias, etc. A figura de Elizeu Capoeira – lutador profissional de MMA e beltronense – é uma fonte de inspiração de alguns alunos, no sentido de mostrar a estes que é possível ‘chegar lá’! É possível destacar-se por meio da prática das artes marciais.

Parece que as artes marciais trabalham bem com a questão de referências positivas, na vida dos praticantes, ao instituírem pessoas - vistas como exemplos a serem seguidos⁶² - de forma contínua. Modelos positivos de comportamento a serem

⁶² O próprio Sensei pareceu ser um exemplo a ser seguido. Uma figura carismática e que, por meio de seus ensinamentos e de sua postura angariava a aceitabilidade, por parte dos alunos, de suas observações.

trilhados, construídos nas relações efetivadas por esta prática. O que mostra, mais uma vez, que o cuidado de si se ancora, sempre, em relações mediadas por indivíduos e/ou grupos, mas que se transforma, por meio dos saberes e poderes que regulam estas relações, em práticas de si, adotadas – enquanto técnicas para o cuidado de si – pelos respectivos sujeitos, no trato consigo e no trato com os outros.

Além disso, a entrevista com o aluno/professor Neji corroborou no sentido de mostrar que as práticas de cuidado de si perpassam o cuidado com o outro, pois durante a entrevista enfatizou que sabia que é por meio do exemplo que ele poderia influenciar positivamente os demais. “Eu tenho que dar o exemplo. Agora como professor a responsabilidade sobe, dobra, porque você tem que mostrar o que é certo e o que é errado”! Da mesma forma, Neji distinguia o ser-atleta do ser-atleta-professor (sensei), ressaltando que para este último a responsabilidade “dobra”, uma vez que estando neste papel o sujeito adquire o poder de influenciar o comportamento dos outros. Um protagonismo como leitura de si - e não vitimismo -, diante de suas particularidades.

Diante do exposto acima é possível afirmar que a escola em tempo integral Recanto Feliz e o espaço do dojô Real Lince são instituições sociais que fabricam/formam sujeitos, moldam seus comportamentos. No caso específico do Karatê, a partir do que esta modalidade traz de rituais, de uma conduta mediada por uma filosofia de vida. Tanto na escola, quanto no dojô - durante as aulas da arte marcial Karatê - eram ressaltados pontos como disciplina, concentração, respeito. Atitudes que passavam a vigorar como posturas aceitas pelos karatecas, tornando-se balizadores comportamentais.

Tais questões abriram ensejo para (re) pensarmos as questões educacionais, formais, no sentido de estas também contribuírem para um aprimoramento pessoal do sujeito escolarizado. Espaço que não se volte, especificamente, para o acúmulo de saberes disciplinares (matemática, língua portuguesa, etc), mas que contribua para a formação, em termos do cuidado de si, desses alunos.

Quando se pensa em uma educação que forme, também, para a vida, para o cotidiano dos sujeitos – o que pode ocorrer em outros espaços, que não apenas os escolares/formais - amplia-se o debate sobre a questão da formação humana. Entendida, aqui, como um conjunto de saberes que possibilitam ao sujeito adotar novos modos de vida, práticas de cunho ético-estético-político sedimentadas por práticas de liberdade. Práticas, estas, que tenham a possibilidade de crescer diante de saberes e poderes que aproximem estes indivíduos de suas potencialidades, que instiguem suas

formas de inteligência.

Cabe salientar que autores como Foucault nega que a ciência seja a expressão única – verdadeira, legítima – para que se chegue à verdade. Até porque para Foucault, em termos sociais, não existe uma verdade final a se alcançar. Não existe um sujeito específico a ser moldado, fabricado, que serviria para toda a história. Já autores como Nietzsche reforçam a questão, relacionada à educação, da vontade de potência, ou seja, o processo pelo qual cada um se torne o melhor, diante de suas possibilidades, a partir do acesso à cultura e à arte, e não somente diante do acesso à ciência.

Para Nietzsche (1882):

A educação procede geralmente dessa forma: procura determinar no indivíduo, por uma série de atrações e vantagens, uma maneira de pensar e de agir que, tornada hábito, instinto, paixão, domina nele e sobre ele, no final das contas em seu detrimento, mas “para o bem geral” (NIETZSCHE, 1882, p. 56, grifos do autor)

Desse modo, os processos de subjetivação acarretados pela prática inicial do Karatê, na escola em tempo integral e, por conseguinte, por conta do treinamento desencadeado no espaço do dojô evidenciaram práticas de cuidado de si efetivadas pelos sujeitos envolvidos com a prática do Karatê. Sujeitos que foram alvo da pesquisa.

Praticamente todos os entrevistados demonstraram - seja por meio de suas ações, seja por meio de suas palavras – a assimilação de pontos como tranquilidade diante das situações sociais, calma interior, a “liberação dos estresses diários”⁶³. Em casos específicos como o de Sakura percebemos, nitidamente, a mudança demonstrada por ela, ou seja, de uma postura “rebelde” e “violenta” para uma postura baseada no autocontrole. Esta entrevistada ressaltou, ainda, a importância dos exercícios de meditação efetuados nos treinamentos. Segundo ela, o único momento do dia em que paramos para não pensar em nada, esvaziar nossa mente, relaxarmos, entrarmos em contato conosco mesmos.

Importa ressaltar que nos termos da entrevistada a *rebeldia* ressaltada por ela advinha de uma visão negativa que tinha de si, no sentido de usar da força, da violência como forma privilegiada de resolver uma situação cotidiana. O que difere da resistência usada por Foucault, ou seja, no sentido das práticas de liberdade – por vezes, usadas por determinados sujeitos – dia te da queles que os dominam. Os subjagam.

⁶³ O estresse tem sido considerado um dos males do século XXI.

Por Hinata foi destacada a prática da persistência, desde criança, para conseguir treinar o Karatê. Ao falar, por exemplo, das cartinhas que sua mãe fazia e que ela e seu irmão entregavam, no comércio, para tentarem angariar recursos e poderem continuar com a prática do Karatê. Além disso, enfatizou a responsabilidade diante da vida, que segundo ela, adquiriu por meio da influência da prática do Karatê.

Arata também ressaltou que Mayumi se tornou mais responsável e Minato ressaltou que adquiriu o hábito do treinamento, o que exigiu dele dedicação aos treinamentos. Hábito que acabou por levar para outras esferas da sua vida. Minato buscava tornar o Karatê uma profissão.

Yumi reforçou a questão da disciplina, de tornar-se mais disciplinada a partir do Karatê. Até porque trabalhava, estudava e ainda assim participava dos treinamentos. Itsuki apontou para o fato de que era bastante tímido, e a partir da prática da arte marcial e das relações estabelecidas entre os karatecas começou a interagir mais e a se sentir mais confiante diante das pessoas. O que refletiu, inclusive, na melhora das notas na escola.

O Karatê, diante de tais relatos, evidencia uma grande integração à sociedade e, em um aspecto social, aumenta a inserção dos praticantes em diversos grupos. Leva os karatecas a conhecerem novos espaços e novas pessoas, novas realidades. Além do mais, a modalidade pode proporcionar um maior senso de pertencimento, afinidade, e conseqüentemente, maior abertura para o contato social, diálogos e trocas de experiências.

Itsuki ainda apontou para a questão dos cuidados com o corpo, pois uma das coisas que ele mais gostava no Karatê estava relacionada ao “físico que ele (o Karatê) proporciona”. Por fim, Asuma também ressaltou os aspectos físicos advindos com a prática do Karatê: “resistência, velocidade e força”!, bem como, os aspectos comportamentais, que segundo ele eram: “Consciência para fazer o que é certo, e o que é errado não fazer”.

Nesse sentido, pode-se concluir que as práticas de cuidado de si são necessárias para o conhecimento de si e vice-versa. Carvalho (2014) esclarece que “o conhecimento de si e o cuidado de si, a partir da leitura Foucaultiana, mantêm uma relação de complementaridade” (p. 155). Para que o sujeito cuide de si mesmo é necessário o conhecimento de si e esse conhecimento de si só é possibilitado a partir do cuidado de si, de voltar o olhar para si próprio a partir do que recebe de fora, dos outros. Segundo Deleuze (2005) “a ideia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles” (p.109).

A ideia de um sujeito como produto de uma subjetivação, feita a partir da relação consigo, como uma regra facultativa que molda uma “estética da existência”.

Não há um cuidado de si que não seja mediado pela relação com os outros, não há um si sem que haja os outros. O trato para consigo, as formas de amadurecimento de si – mediadas por práticas efetivadas e pela reflexão que acompanha a estas – são consolidadas a partir destes modelos, externos, inicialmente propostos para nós. Contudo, são amadurecidos, mediados por nós.

CONCLUSÃO

Buscamos analisar as práticas de cuidado de si dos sujeitos karatecas que iniciaram a prática da arte marcial no projeto desenvolvido nas escolas municipais de tempo integral⁶⁴, no município de Francisco Beltrão – PR e que deram continuidade aos seus treinamentos no dojô de Karatê, representado pela associação Real Lince. Além desses sujeitos, entramos em contato com karatecas que treinavam no Dojô citado (uma karateca de 58 anos mãe de outra karateca e um aluno/professor (sensei) portador de deficiência visual campeão da modalidade de para-Karatê (Karatê adaptado)).

Diante do contato com esses sujeitos, feito por meio das observações que nos fizeram acompanhar as práticas de Karatê efetivadas por estes, bem como, por meio das entrevistas realizadas foi possível evidenciar que as práticas da arte marcial Karatê influenciavam o olhar que acabava sendo desenvolvido, por parte dos sujeitos, sobre si mesmos (por meio das escolhas pessoais que faziam relacionadas aos respectivos modos de vida que implantavam, no dia a dia, direcionados à questão da alimentação, ao controle das emoções, a postura diante dos outros, o respeito aos outros karatecas, o estabelecimento de relações sociais que os afirmavam enquanto sujeitos).

Deste modo, a prática do Karatê parecia atuar como possibilitadora de hábitos, normas comportamentais, formas de refletir sobre a vida e sobre si mesmo que atingia cada indivíduo disposto a esta prática por meio de relações de poder que não se davam como dominação, uma vez que deixavam os praticantes livres para continuar, ou não, com a prática. Uma forma de poder mais próxima da autoridade – uma forma de poder, portanto, que parecia atuar de forma positiva - incitando a adoção de certas práticas, de uma certa filosofia de vida, por meio do exemplo e não do castigo ou da ameaça. As práticas reafirmam ações que agindo no sujeito agem na sua formação.

Este processo acompanhado da aquisição de novos saberes e práticas por parte dos alunos, bem como, por meio do acompanhamento social, coletivo, que passava a mediar a vida dos karatecas – rodeados, em grande medida, pelos próprios colegas karatecas - atuava como potencializador de práticas de si. De um voltar-se para si.

⁶⁴ Tais alunos praticaram o Karatê em diferentes escolas de tempo integral do município de Francisco Beltrão – PR, sob orientação do mesmo sensei que atuava com projetos de Karatê nas escolas de tempo integral, inclusive na escola de tempo integral Recanto Feliz, local em que observamos as aulas de Karatê com alunos do contraturno escolar.

A partir das entrevistas evidenciamos que certas práticas de cuidado de si, adotadas por esses sujeitos, no Karatê, serviam como ferramentas para o enfrentamento de certos males que cercam as sociedades contemporâneas, tais como a ansiedade e o estresse. Questão que ficou clara diante das narrativas consubstanciadas pelos entrevistados voltadas a mostrar que a prática do Karatê ajudava na liberação do estresse e/ou no controle das emoções.

Como já foi dito, os sujeitos que continuaram com a prática do Karatê no espaço do dojô foram, de certa forma, subjetivados pelos discursos proferidos pelo professor karateca. Estes adotaram novas possibilidades, novos hábitos de vida, mediatizados pela arte marcial e pelas novas relações sociais estabelecidas entre os próprios karatecas.

Na instituição escolar de tempo integral Recanto Feliz onde ocorreram as aulas de Karatê que acompanhamos no contraturno escolar, foi possível observar que estes sujeitos tinham a possibilidade de participar de competições em outras cidades como as que acompanhamos durante a pesquisa. Notamos, também, que essas aulas envolviam exercícios de alongamento, concentração, atenção, força, flexibilidade e agilidade e que durante as aulas o sensei incentivava os alunos a buscarem sempre melhorar o que estavam fazendo. Percebemos, em muitos deles, a vontade de avançarem em sua graduação e de continuarem na senda da arte.

As observações realizadas na Escola em tempo Integral Recanto Feliz nos serviram de base para compreendermos como as aulas de Karatê eram desenvolvidas na instituição escolar, o espaço formal de aprendizagem, e a questão da crescente ampliação da carga horária escolar que tem sido readequada pelas escolas. Tal realidade exige a presença de outros saberes, não adstritos precipuamente à carga disciplinar tradicional, pois acreditamos que a escola, em especial com carga horária ampliada, também deve contribuir para a formação de sujeitos capazes de enfrentarem os desafios da vida e da realidade social que os circunda.

Esta mudança tem demandado, por parte das escolas, práticas que se direcionam para um trabalho voltado a outros elementos que se direcionam para a corporeidade mediando, por exemplo, a liberação do estresse e da ansiedade tão presentes no contemporâneo das escolas. Se pensarmos que, de certo modo, vivemos um período histórico no qual perduram processos intensos de subjetivação, podemos afirmar, da mesma forma, que vivemos

numa crise do sujeito, ou melhor, da subjetivação: numa dificuldade na maneira pela qual o indivíduo pode se constituir enquanto sujeito moral de suas condutas, e nos esforços para encontrar na aplicação a si o que pode permitir-lhe sujeitar-se a regras e finalizar sua existência (FOUCAULT, 1985, p. 101)

As mutações identitárias vivenciadas pelos indivíduos, no contemporâneo, relacionadas a temas sociais/culturais como os relacionados à entrada da mulher no mercado de trabalho, ao movimento feminista, ao tema de gênero, aos temas relativos à sexualidade humana, à questão dos direitos civis, dos direitos culturais e a temas étnico-raciais mostram haver, hoje, formas bastante profícuas de produção identitária. Formas variadas, ricas, de se produzir a “subjetividade moderna”⁶⁵, que pode se construir enquanto resistência diante de mecanismos de sujeição, de dominação, que individualizam e prendem cada indivíduo a uma identidade pré-estabelecida, impedindo-o de ser mais.

Algumas formas de produção de subjetividades, no contemporâneo, se apresentam como formas de defesa do direito à diferença, como ações que quebram padrões comportamentais, como leituras de mundo que se caracterizam pela afirmação da diversidade étnica, social, racial, de gênero. A subjetividade é uma construção histórica, social e cultural, portanto, muda com o tempo. Esse entendimento da subjetividade como um processo é o que Foucault chama de subjetivação. As práticas de si se moldam de acordo com o contemporâneo, e nesse sentido, a relação consigo passa por mudanças.

Na mesma direção, entendemos ser possível pensarmos em processos, em mudanças subjetivas advindas de práticas como as do Karatê, como as que pesquisamos e que pareceram referendar formas de relação consigo pelos praticantes da modalidade. Ocorrem na direção dos cuidados dispensados para com seus corpos (mediante uma dietética, ou seja, o controle da alimentação, mediante a aquisição de hábitos semanais, envoltos por práticas físico- esportivas), na direção de cuidados dispensados em relação à mente (mediante práticas de meditação, concentração/relaxamento, da análise contínua de si, ou seja, de suas reações/excitações diante dos estímulos advindos do ambiente, de forma a controlar seus impulsos, suas emoções).

De maneira peculiar, nenhuma das observações ou entrevistas notamos cuidados relacionados a questões espirituais como se via nos gregos, conforme retratou

⁶⁵ Termo usado por Deleuze (2005).

Michel Foucault. Assim, a pesquisa revelou que a partir do Karatê os sujeitos adquiriam novas formas de relacionamento, consigo mesmos e com os outros. Que estes exerciam formas de cuidado de si, relacionados aos cuidados com corpos e mentes no sentido do aperfeiçoamento de si mesmos sem, no entanto, exercerem uma relação direta com a espiritualidade. Espiritualidade que, em Foucault, aparecia como elo fundamental para o exercício do cuidado de si, justamente para que o cuidado de si não se transformasse num cuidado superficial, apenas com o corpo, por exemplo, mas um cuidado com a ‘alma’. Isso representa uma forma de relacionamento consigo que leva em conta uma perspectiva também espiritual, e não meramente física, no entanto, com o advento do cristianismo – apontado por Foucault - transformando o corpo em carne, ou seja, o lugar do pecado, tornaram os próprios pensamentos como passíveis de levarem os indivíduos ao pecado. Formas de subjetivação que têm como parâmetros algo que vem de fora dos indivíduos. Mecanismos morais-comportamentais que regulam suas ações.

A vida de autoimolação, mortificação do corpo, rejeição das alegrias terrenas era o que a salvação, segundo seus profetas e profissionais da devoção, exigia: eles insistiam na “penitência” e desprendimento de coisas terrenas tais como honras, riqueza, beleza e desejo carnal (BAUMAN, 1998, p. 216)

Já com a modernidade, adotamos a tendência de nos afastarmos de certas crenças seculares. A partir deste período colocamos no lugar das crenças religiosas, a ciência, secularizamos a vida e deslocamos certas crenças tais como a que se obcecavam com a questão da vida após a morte para a direção do viver o “aqui” e o “agora” (BAUMAN, 1998, p.217). Assim, a questão do cuidado de si passa a ser vista como a questão do conhece-te a ti mesmo, colocada e guiada pelas formas de conhecimento Psi e, mesmo, farmacológicas, biologizantes. Passa-se, em nome da ciência, a buscar a verdade de si, transcurso que segundo o próprio Foucault afirma, nos afastaria cada vez mais das formas de cuidado de si diante das decisões tomadas por nós mesmos, no período contemporâneo. Deste modo, nos afastamos, em alguma medida, de formas de cuidado de si – tal como os gregos a praticavam – referendadas por exercícios e por uma reflexão espiritualizada em direção a formas de reflexão de si mediadas pela ciência e pelo mundo Psi. De certo modo, deslocadas de práticas, de exercícios de si.

Postas essas questões, é interessante ressaltarmos a percepção clara que

obtivemos de que os sujeitos, karatecas, que acompanhamos exerciam formas de cuidado de si, via práticas de si, para si. Ou seja, se “a versão religiosa da experiência máxima costumava reconciliar o fiel com uma vida de miséria e privação...” e “...a versão pós-moderna reconcilia seus seguidores com uma vida organizada em torno do dever de um consumo ávido e permanente, embora nunca definitivamente satisfatório” (BAUMAN, 1998, p. 224), tais alegações aliadas ao fato de que os entrevistados ressaltaram pontos como mudanças alimentares, cuidados com o corpo, busca pela liberação do estresse, busca pelo controle das emoções que – assim entendemos – não estavam ligadas à elementos de ordem religiosa (do tipo que recomendariam formas de vida ascética, mortificação do corpo) nem estavam ligadas à elementos da ordem dos desejos (fruição da vida, entregar-se ao consumo ou aos prazeres do mundo, de forma irrefletida) concluímos que benefícios intimamente relacionados às concepções foucaultianas já tratadas no texto, em relação ao cuidado de si, se produziram em detrimento dos modelos sociais que afetam, segundo Bauman, a sociedade pós-moderna.

A educação efetuada por meio das aulas de Karatê - tanto na escola em tempo integral, quanto no dojô – estavam permeadas de saberes que assumidos e praticados pelos sujeitos karatecas tornava-os aderentes a novos hábitos, a novos estilos de vida. Estilos de vida não necessariamente criados por eles mesmos – uma vez que os preceitos ético-comportamentais advindos do Karatê vieram do Japão e foram se adaptando aos tempos modernos - mas que possibilitavam a reelaboração dos próprios indivíduos com a incorporação desses preceitos. Algo que concorria para fazerem de si próprios, fontes de criação de estilos de vida a partir da assimilação e reelaboração de códigos de conduta, individuais e sociais.

Por meio de práticas corporais esses indivíduos desenvolviam processos de subjetivação, formas de cuidado de si. Interessante a se abordar porque, ainda com Foucault (1988), aprendemos que desde o advento das sociedades modernas o foco do poder passou a ser o corpo, produzido por relações de poder (micro e macrossociais) e nelas estabelecido. O corpo como um instrumento para resistir às limitações do que o indivíduo é e do que quer vir a ser, sendo visto às vezes como rebeldia. O corpo, também, como objeto de comunicação e alvo para o consumo.

Nesta direção, Foucault explicou que a materialidade da ação do poder sobre os corpos poderia ser analisada a partir de dois pontos. O primeiro estaria relacionado aos corpos enquanto unidades singulares, exercendo uma anatomopolítica a fim de adestrar, ampliar aptidões, expandir as forças, fazer crescer a utilidade e a docilidade.

O segundo, a biopolítica das populações, se exerceria por sobre os corpos a partir de políticas públicas – a partir do uso de estatísticas e do controle populacional – que permitiriam que o controle político dos corpos, enquanto espécie a ser preservada, controlada, por meio de ações como controle da natalidade, da mortalidade, aumento da longevidade, etc.

Para Foucault (1988), ainda, a ciência médica passaria a ser a responsável por conectar, mediar a relação entre os saberes/poderes de ordem anatomopolítica e biopolítica. Desenvolveria formas de saber que se voltariam para o controle/estimulação dos corpos individuais (a partir da atuação de profissionais tais como psiquiatras, nutricionistas, psicólogos) e para a regulação das populações (a partir do uso de saberes/poderes advindos de instituições asilares, fábricas, escolas, hospitais, presídios, processos de assistência social). Nesse sentido, ao observar o foco de poder sobre a materialidade dos corpos dos sujeitos karatecas, nas instituições analisadas, foi possível verificar que embora estes estejam dispostos diante dos mecanismos de saber/poder institucionais atinentes às sociedades contemporâneas, ao entrarem em contato com o Karatê acabaram desencadeando formas de ação que podem ser entendidas como mecanismos que se voltam para o cuidado de si, e que, em algum grau, propiciem que os indivíduos prescindam das influências geradas nos modelos de controle/estimulação dos corpos supracitados.

Como vimos com Foucault, o ‘eu’ é organizado em relação à verdade por meio de uma ordem biopolítica. O sujeito biopolítico moderno, por si só tem acesso à verdade por meio do alinhamento às verdades que são formuladas pelos mercados, pelas tecnologias, pela produção de conhecimento e pelas práticas de instituições dominantes. Então é um sujeito que reproduz verdades sobre si, e sobre as estruturas dominantes que os controlam.

Os sujeitos-atletas que acompanhamos foram produzidos mediante práticas de grupos e práticas individuais mediadas por certos saberes e pela presença constante do professor/sensei que acabaram por elaborar processos de psicagogia. Processos, por suavidade, que mudaram o modo de ser desses sujeitos, o que resultou em estilos de vida particulares, em formas de ser karateca que se coadunavam com os respectivos valores e processos éticos-estéticos adotados pelo grupo, visto que, enquanto a pedagogia tem por fim dotar um sujeito de conhecimentos e aptidões, a psicagogia é a transmissão de uma verdade que pode advir de um mestre, de um amigo, de um conselho com um fim de modificar o modo de ser do sujeito.

Práticas adotadas no dojô e no espaço destinado ao Karatê nas escolas que

instituíam, deste modo, o que autores como Foucault (2004) chamaram de governamentalidade, ou seja, o “encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (p.80). Formas de relação por meio das quais os indivíduos exercem influência sobre os outros e, nesta relação, observam a si mesmos durante o processo. Caso explícito do Sensei e do apresentado pelo entrevistado ‘Neji’, que sabia que sua conduta poderia servir de influência para seus alunos. Dito isto, confirmava o fato de que ao pensar na conduta do outro, estava, antes de tudo, pensando na sua própria conduta. Ou seja, no cuidado de si, tomado também como cuidado do outro justamente por estar consciente de que sua postura poderia influenciar a postura dos demais.

Neste sentido, a relação para consigo perpassa uma relação com os outros e uma retomada do que deve ou não ser feito em relação a si mesmo e em relação aos outros. Para que não se perca a capacidade de governar a si, nem tampouco a capacidade de ser correto em relação aos outros. Neste sentido, retornar aos gregos, como fez Foucault, nos permite encontrar uma reflexão acerca da individualidade. Que não seja, por um lado, dominada pelos códigos morais e pelos poderes institucionais; e de outro lado, que não se torne escrava de si mesma, ou seja, um mero objeto de adoração para si. Processos, todavia, que podem ocorrer. Dito isto, acreditamos que de alguma forma contribuímos para (re) pensarmos a questão da educação escolarizada, em especial das instituições com carga horária ampliada, e dos espaços educativos/formativos que podem ser ambientes como o dojô, o local em que se pratica artes marciais. A ciência e o conhecimento científico por si só não são os únicos enunciadores da verdade, a sociedade pós-moderna rumo numa direção em que se faz necessário trabalhar nas escolas com as outras dimensões da vida do sujeito, como o referendado cuidado de si do sujeito por e para ele mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CARVALHO, Waldênia L. de. **Pensar a educação a partir de Michel Foucault: do Humanismo ao Cuidado de Si**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins: revisão da tradução Renato Ribeiro. Brasiliense, São Paulo: 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1ª Ed. (1992). 34ª Ed. 5 Reimp. São Paulo: 2006.

ESCOLA MUNICIPAL RECANTO FELIZ. **Projeto Político Pedagógico**, Francisco Beltrão, 2017.

FREITAS, Alexandre Simão de. **A parresia pedagógica de Foucault e o Êthos da educação como psicagogia**. Revista Brasileira de educação. V. 18 n. 53 abr.-jun. anped, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981- 1982); edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 2ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização Roberto Machado. 2016. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.com/colecao-educadores-dominio-publicomec-62-livros-empdf/14-2/livros-de-filosofia-pdf/32-livros-de-michel-foucault-em-pdf/> Acesso em: 30 ago 2017.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**.

Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del Yo** y otros textos afines. 1ªed. – Buenos Aires: Paidós, 2008. 152 p.

FOUCAULT, M. **Por uma vida não fascista**. Organizador: coletivo sabotagem, 2004.

FUNAKOSHI. G. **Karate-do: O meu modo de vida**. Cultrix, 1994.

GUIMARÃES, M. A. T.; GUIMARÃES, F. A. T. **O caminho das mãos vazias Karatê-Dô**. Belo Horizonte, 2002.

HYAMS, Joe. **O Zen nas Artes Marciais**. Tradução Cláudio Giordano. Editora Pensamento, São Paulo, 1979.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Edições 70, 1995.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Traduzido por Semíramis Gorini da Veiga.. – 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTINS, Emerson. **Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas**. Florianópolis 2017. NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução: Antonio Carlos Braga. Editora Escala, São Paulo: 1882.

PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Nyrluce Marília Alves da. **OS USOS PEDAGÓGICOS DA NOÇÃO DO CUIDADO DE SI: Um estudo sobre a recepção do pensamento de Michel Foucault no campo educacional brasileiro**. Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4877> Acesso em: 17 jul 2018.

SUGAI, Vera Lucia. **O caminho do Guerreiro I**. Colaboração de Sumio Tsujimoto. São Paulo: Editora Gente, 2000.

SUGAI, Vera Lucia. **O caminho do Guerreiro II**. Colaboração de Sumio Tsujimoto. São Paulo: Editora Gente, 2000.

TAKAMATSU, Koji. **História do Wado Ryu karate Do no Brasil**. 1ª ed. Edição do autor, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3ªed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

1. III fase copa Paraná de Karatê Wadô-Ryu, realizado no município de Nova Prata do Iguçu - PR



2. Os karatecas dos municípios do Sudoeste do Paraná na competição III copa Paraná de karatê do estilo Wadô-Ryu realizado no município de Nova Prata do Iguaçu – PR



3. Medalha de um aluno da escola municipal em tempo integral Recanto Feliz, município de Francisco Beltrão - PR



4. Tatuagem no braço da entrevistada “SAKURA”, significa karatê.



APÊNDICES

1. Entrevistas

ALUNOS/KARATECAS QUE INICIARAM NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL E QUE PRATICAM NO DOJÔ

1. Qual é a sua idade?
2. Você teve contato com o Karatê de que forma?
3. Há quanto tempo você pratica o karatê?
4. Em qual escola você começou a praticar o karatê?
5. O que te fez continuar praticando o karatê no dojô?
6. Como são as aulas de karatê? O que elas envolvem? Exercícios, etc?
7. O que é ser Karateca para você? Você se considera um? Por quê?
8. A partir da prática do Karatê você percebeu algum tipo de mudança, em você mesmo? Qual?
9. Você adotou algum hábito ou atitude, influenciado pelo Karatê? Quais?
10. Alguma vez você precisou utilizar a sua postura de Karateca diante de alguma situação da vida? Ou na escola? Como foi isso?
11. O que você gosta nas aulas de Karatê?
12. O que você não gosta nas aulas de Karatê?
13. O que as pessoas dizem pra você quando falas que praticas o karatê?
14. O que o professor de Karatê costuma falar nas aulas?
15. Você entende que a prática do Karatê ajuda você, na Escola? E em casa? De que forma?

ENTREVISTA COM “NEJI”

1. Qual a sua idade? Há quanto tempo você pratica o karatê?
2. Como entrastes em contato com o karatê?
3. Como você iniciou a praticar o karatê?
4. Por que você continua praticando karatê?
5. Na sua opinião, uma modalidade como a do karatê oportuniza que se lide com questões como a da inclusão social? Como?
6. O que as pessoas falam quando dizes que praticas o karatê?
7. Você acha que praticar o karatê trouxe mudanças na sua vida? quais?
8. O que é ser karateca para você? Você se considera um? Por que?

9. Você entende que a pratica do karatê é positiva pra você? Porque?
10. Você acha que o karatê influencia você? Em que aspectos?
11. Você participa de competições? Como são organizadas estas competições?
12. Como você se sente ao participar destas competições?

ENTREVISTA COM “NAOMI”

1. Qual a sua idade?
2. Qual é a sua profissão?
3. Como e por que você iniciou a pratica do karatê?
4. Há quanto tempo praticas o karatê?
5. O que você mais gosta no karatê?
6. O que você não gosta na pratica do karatê?
7. A partir da sua experiência, você acha que o karatê contribui com a vida das pessoas? Em que aspectos?
8. O karatê impacta a vida das mulheres? De que modo?
9. Você sente que mudou algum aspecto da sua vida, a partir do karatê? Qual?
10. Você acha que o karatê influencia de que modo a vida das pessoas? Você se sentiu influenciada? De que forma?
11. Você é mãe de uma karateca que se formou faixa preta. Como mãe, o que você entende que a pratica do karatê trouxe para a vida de sua filha?

2. Termos de compromissos

Termo de consentimento livre e esclarecido

(Sensei de karatê)

Sr: _____

Cargo: professor instrutor de karatê

Solicitamos ao senhor professor mestre de karatê na escola municipal Recanto Feliz e no dojô próprio, a liberação para participar de aulas de karatê nessas instituições a fim de realizar observações para a pesquisa *como a arte marcial karatê pode contribuir na formação do sujeito*.

A pesquisa terá fins exclusivamente científicos, a busca por conhecimentos que contribuam com a educação de uma maneira geral. Com o intuito de sanar algumas inquietações, a pesquisadora realizará uma entrevista com o senhor professor e mestre da arte marcial com gravação para garantir a fidedignidade das informações. Além disso, faremos entrevistas com alguns alunos.

Entendi e concordo com a pesquisa.

Professor

Eu, Alexsandra Aline Potulski, declaro que forneci as informações referentes à pesquisa e estive à disposição para sanar eventuais dúvidas.

Alexsandra Aline Potulski

Francisco Beltrão. Data ___/___/___

Termo de assentimento livre e esclarecido

(Alunos participantes da pesquisa)

Convido você aluno/karateca para participar espontaneamente do estudo que tem como objetivo analisar *as práticas da arte marcial karatê*. Desse modo, garantimos que os nomes de vocês não serão identificados na pesquisa, por isso podem se sentir à vontade para responderem àquilo que acharem a resposta mais adequada de acordo com seu ponto de vista.

Na participação da pesquisa vocês podem escolher entre permanecer nela ou sair a qualquer momento que preferirem. Numa das atividades que nós iremos desenvolver, o trabalho produzido por vocês será fotografado e anexado no trabalho que será feito pela pesquisadora. Em caso de qualquer dúvida a respeito da sua participação na pesquisa podem tirá-la com a pesquisadora.

Afirmo que compreendi a pesquisa e quero participar:

Aluno:

Assinatura:

Eu, Alexsandra Aline Potulski, declaro que forneci todas as informações da pesquisa aos participantes.

Alexsandra Aline Potulski

Francisco Beltrão. Data ___/___/___

Termo de Consentimento Livre e esclarecido

(Instituição – Escola Recanto Feliz)

Sra: _____

Cargo: Diretora

Convidamos a Escola Municipal Recanto Feliz do município de Francisco Beltrão – PR para participar da pesquisa intitulada “O Karatê e o Cuidado de Si na educação: o caso da escola em Tempo Integral Recanto Feliz do Município de Francisco Beltrão – PR” que será desenvolvida pela mestrandia Alessandra Aline Potulski, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Francisco Beltrão.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a oficina de Karatê desenvolvida no período de tempo integral a fim de observar como tal atividade contribui ou não para a formação do sujeito. Com uma leitura de viés Foucaultiano, a metodologia utilizada será o pós-estruturalismo e o método de pesquisa o estudo de caso.

Mediante a assinatura desse documento, a pesquisadora está autorizada para coletar dados diante das seguintes ferramentas: 1. Observação da escola e da oficina de karatê; 2. Entrevista com o mestre, com professores do período regular, equipe pedagógica, direção, pais e alunos; 3. Realização de uma atividade de intervenção na oficina de karatê para coleta de dados.

Para a coleta de dados será solicitado a cada participante a permissão para registrar com anotações e gravação as entrevistas e as observações a fim de garantir a fidedignidade dos relatos e das informações importantes para a pesquisa. Garantimos a **confidencialidade** das informações e o **anonimato** de todos os participantes voluntários da pesquisa.

A relevância da pesquisa no âmbito educacional se justifica pelas contribuições teóricas acerca da escola em tempo integral e da relevância da prática da arte marcial nessas instituições como incitadoras de conhecimentos outros, como o autoconhecimento, a disciplina, o desenvolvimento físico e emocional, habilidades além da cognição tão enfatizada nas escolas brasileiras.

Alessandra Aline Potulski

Eu declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo em espontaneamente participar desse estudo.

Assinatura: _____

Francisco Beltrão. Data: ___/___/___

